



UAIG

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

***O PAPEL DAS PRÁTICAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO
E NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DA CRIANÇA***

Ana Marlene Seita Guerreiro

Dissertação para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia da Educação

Trabalho efetuado sob a orientação do Professor Doutor Luís Sérgio Vieira

2013

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

***O PAPEL DAS PRÁTICAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO
E NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DA CRIANÇA***

Ana Marlene Seita Guerreiro

Dissertação para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia da Educação

Trabalho efetuado sob a orientação do Professor Doutor Luís Sérgio Vieira

2013

Título do trabalho: *O Papel das Práticas Parentais no Desenvolvimento e no Bem-Estar Subjetivo da Criança*

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Os autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Ana Marlene Seita Guerreiro)

Copyright © Ana Marlene Seita Guerreiro. A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

The successful development, health, and well-being of our children is our future. Identifying the needs of our youth and children, generating new knowledge to meet those evolving needs and using that new knowledge to educate our parents, families and communities for the success of each child (...) remain a priority for our next hundred years. (Brannon, 2001, p.1)

Em memória do meu avô,
que sempre desejou ver as suas netas
“voar mais alto”...

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Luís Sérgio Vieira pelo apoio, orientação e sabedoria partilhada ao longo do desenvolvimento de toda a investigação.

À Professora Cátia Martins um imenso agradecimento pela sua disponibilidade e orientação na parte qualitativa deste estudo.

A todas as crianças que tão genuinamente participaram na investigação e aos seus pais pela sua contribuição para este estudo e reconhecimento que tiveram do trabalho de investigação, participando e partilhando as suas experiências, preocupações e desejos.

À Associação de Apoio à Criança O Arco-íris que viabilizou a realização deste estudo nesta instituição e às minhas colegas pela sua disponibilidade, amizade e colaboração.

A toda a minha família, em especial aos meus pais e à minha irmã pelo seu incentivo e disponibilidade em me ajudar neste trabalho nos momentos em que mais necessitei.

Ao Alexandre agradeço o seu constante apoio e compreensão pelos momentos em que o tempo nos privou de estar juntos e também pelas suas constantes palavras de incentivo para alcançar mais esta meta na minha vida.

Às minhas amigas, pela sua amizade e compreensão pelos momentos em que não estive disponível.

Um sincero agradecimento ao enorme contributo de todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho e que de diversas formas estiveram presentes no seu percurso.

Resumo

O principal objetivo do presente estudo foi explorar o papel das práticas parentais no bem-estar subjetivo da criança em idade pré-escolar, no sentido de identificar as práticas mais positivas e provavelmente favoráveis a um desenvolvimento harmonioso. Deste modo, procurou-se avaliar até que ponto as diferentes práticas parentais utilizadas pelos pais afetam o bem-estar dos seus filhos, ao nível da sua satisfação geral com a vida e da avaliação emocional (positiva ou negativa) que fazem em relação à mesma.

Para a concretização da presente investigação foram efetuados dois estudos, um de natureza qualitativa e outro de natureza quantitativa.

O estudo qualitativo, efetuado através de *Entrevistas Semiestruturadas Individuais*, permitiu-nos conhecer a perceção da criança acerca do conceito de felicidade e os indicadores de bem-estar subjetivo das crianças a partir das suas próprias declarações. Através deste estudo, pudemos também identificar os fatores sociodemográficos e as práticas parentais mais relevantes na variância do bem-estar subjetivo das crianças e conhecer eventuais dificuldades e necessidades sentidas pelos pais na promoção do bem-estar subjetivo dos seus filhos.

O estudo quantitativo possibilitou a recolha de dados acerca do nível de bem-estar subjetivo das crianças (*Escala de Afeto Positivo e Negativo para Crianças e Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças*; Giacomoni, 2002) e dos respetivos pais (*Escala de Afetos Positivos e Negativos*; Galinha & Pais Ribeiro, 2005; *Escala de Satisfação de Vida*; Simões, 1992). Permitiu-nos ainda fazer um levantamento das práticas parentais adotadas (*Questionário de Estilos e Dimensões Parentais*; Miguel, Valentim, & Carugati, 2009).

Os resultados obtidos apontam para um poder preditivo das práticas parentais enquadradas no estilo parental permissivo na dimensão satisfação com os pares do bem-estar subjetivo da criança. Por outro lado, os mesmos resultados parecem indicar que as variáveis do contexto da educação pré-escolar, nomeadamente o tempo passado no jardim-de-infância e a frequência de atividades extracurriculares, o tempo de interação dos pais com os seus filhos ao fim de semana, a estrutura familiar e nível de bem-estar subjetivo dos próprios pais (a satisfação com a vida) são melhores preditores do bem-estar subjetivo da criança do que as práticas parentais.

Palavras-chave: práticas parentais; estilos parentais; bem-estar subjetivo da criança; bem-estar subjetivo dos pais.

Abstract

The primary goal of this study was to explore the role of parenting practices on subjective well-being of preschool age child. Therefore, we tried to assess the extent to which different parenting practices used by parents affect the well-being of their children in terms of their overall satisfaction with life and their positive or negative evaluation, in order to identify the most positive and appropriate practices to a harmonious and positive development.

For the realization of this research were conducted two studies, one qualitative and the other quantitative.

The qualitative study, conducted through *Individual Semi-structured Interviews*, allowed us to know the perception of the child about the concept of happiness and indicators of subjective well-being of children from their own statements. Through this study, we were also able to identify the sociodemographic factors and parental practices most relevant variance in subjective well-being of children and meet any needs and difficulties experienced by parents in the promoting the subjective well-being of their children.

The quantitative study enabled the collection of data about the level of subjective well-being of children (*Positive and Negative Affect Scale for Children* and *Multidimensional Life Satisfaction Scale for Children*; Giacomoni, 2002) and the respective parents (*Positive and Negative Affect Scale*; Galinha & Pais Ribeiro, 2005; *Life Satisfaction Scale*; Simões, 1992). It also allowed us to make a survey of the parental practices adopted (*Parental Styles and Dimensions Questionnaire*; Michael, Valentine, & Carugati, 2009).

The results point to a predictive power of parental practices framed in permissive parenting style dimension on satisfaction with the peer's. Moreover, the same results seem to indicate that the variables of the context of pre-school education, including the time children spent in the kindergarten and the frequency of extracurricular activities, the time of interaction of parents with their children on weekends, the family structure and the level of subjective well-being of parents (satisfaction with life) are better predictors of subjective well-being of the child than parental practices.

Keywords: parental practices; parenting styles; children's subjective well-being; parent's subjective well-being.

Índice

Parte I. Enquadramento teórico	21
Capítulo 1. Psicologia positiva e bem-estar subjetivo da criança	23
1.1 A emergência e relevância da psicologia positiva	25
1.2 O construto de bem-estar subjetivo	29
1.3 O bem-estar subjetivo da criança	32
Capítulo 2. Práticas parentais e bem-estar subjetivo da criança	45
2.1 Os conceitos de estilos parentais e de práticas parentais	47
2.2 Fatores determinantes das práticas parentais	52
2.3 Influência dos estilos parentais e práticas parentais no desenvolvimento e bem-estar da criança	59
Parte II. Estudo empírico	65
Capítulo 3. Metodologia	67
3.1 Objetivos e hipóteses da investigação	69
3.2 Participantes	70
3.3 Instrumentos	73
3.3.1 Questionário de entrevista semiestruturada individual (crianças).	74
3.3.2 Questionário de entrevista semiestruturada individual (pais).	75
3.3.3 Escala de afeto positivo e negativo para crianças (PANAS).	77
3.3.4 Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças.	77
3.3.5 Escala de afetos positivos e negativos (pais).	78
3.3.6 Escala de satisfação de vida (pais).	79
3.3.7 Questionário de dimensões e estilos parentais.	79
3.4 Procedimentos na recolha e tratamento dos dados	81
Capítulo 4. Apresentação e análise dos resultados	85
4.1 Apresentação e análise dos resultados qualitativos	87
4.1.1 Apresentação dos resultados da análise às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças.	87
4.1.1.1 Resultados na dimensão do conceito de felicidade e suas características.	87
4.1.1.2 Resultados na dimensão da perceção infantil da própria felicidade.	96
4.1.1.3 Resultados na dimensão dos indicadores de bem-	99

estar subjetivo infantil.	
4.1.1.4 Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças.	103
4.1.2 Apresentação dos resultados da análise às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.	106
4.1.2.1 Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.	112
4.2 Apresentação e análise dos resultados quantitativos	112
4.2.1 Análise descritiva.	113
4.2.2 Estatística bivariada.	114
4.2.2.1 Análise da variância dos resultados do bem-estar subjetivo da criança em função do género e da idade.	114
4.2.2.2 Análise da relação entre o bem-estar subjetivo da criança e o bem-estar subjetivo dos pais.	116
4.2.3 Estatística multivariada.	117
4.2.3.1 Análise dos preditores da afetividade positiva da criança.	117
4.2.3.2 Análise dos preditores da afetividade negativa da criança.	119
4.2.3.3 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação ao self.	121
4.2.3.4 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação ao self comparado.	123
4.2.3.5 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à não-violência.	125
4.2.3.6 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à família.	127
4.2.3.7 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à amizade.	129
4.2.3.8 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à escola.	131
4.2.3.9 Síntese da análise das variáveis predictoras do bem-estar subjetivo da criança.	133
Capítulo 5. Discussão dos resultados	134
Conclusão	144
Referências bibliográficas	153
Anexos	

Índice de tabelas

TABELA 3.1 - Distribuição da amostra de crianças por idade e por género.	70
TABELA 3.2 – Distribuição dos pais por habilitações, situação profissional e rendimento mensal.	72
TABELA 4.1 – Frequências e percentagens obtidas na questão 1- “O que te ocorre quando pensas em felicidade?”	88
TABELA 4.2 – Frequências e percentagens obtidas na questão 2 – “O que é a felicidade?”	89
TABELA 4.3 – Frequências e percentagens obtidas na questão 3 – “O que é ser feliz?”	91
TABELA 4.4 – Frequências e percentagens obtidas na questão 4 – “Como é que achas que é uma pessoa feliz?”	92
TABELA 4.5 – Frequências e percentagens obtidas na questão 5 – “De onde vem a felicidade?”	94
TABELA 4.6 – Frequências e percentagens obtidas na questão 6 – “Porque é que achas que és feliz?”	96
TABELA 4.7 – Frequências e percentagens obtidas na questão 7 – “Porque é que consegues ficar feliz?”	97
TABELA 4.8 – Frequências e percentagens obtidas na questão 9 - O que é que uma criança precisa para ser feliz?	99
TABELA 4.9 – Frequências e percentagens obtidas na questão 10 – “O que é que te deixa feliz?”	100
TABELA 4.10 – Frequências e percentagens obtidas na questão 11 – “O que é que não te deixa feliz?”	102
TABELA 4.11 – Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças.	105
TABELA 4.12 – Frequências e percentagens do tempo de interação diária e ao fim-de-semana entre pais e filhos.	106
TABELA 4.13 - Frequências e percentagens das atividades desenvolvidas com os filhos durante a semana e ao fim-de-semana.	108
TABELA 4.14 - Frequências e percentagens do número de atividades extracurriculares.	109
TABELA 4.15 - Frequências e percentagens das horas passadas no jardim-de-infância.	109
TABELA 4.16 - Frequências e percentagens das dificuldades referidas pelos pais.	110
TABELA 4.17 - Frequências e percentagens dos benefícios referidos pelos pais.	111
TABELA 4.18 - Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.	112
TABELA 4.19 - Estatística descritiva dos resultados da amostra, obtidos nas	

diversas medidas aplicadas.	113
TABELA 4.20 – Variância dos resultados do BES da criança em função do género.	115
TABELA 4.21 – Variância dos resultados do BES da criança em função da idade.	115
TABELA 4.22 – Resultados da Correlação para associação entre o BES da criança e o BES dos pais	116
TABELA 4.23 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável PA da criança.	117
TABELA 4.24 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável PA da criança	118
TABELA 4.25 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável NA da criança.	119
TABELA 4.26 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável NA da criança	120
TABELA 4.27 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Self da criança.	121
TABELA 4.28 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Self da criança	122
TABELA 4.29 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Self Comparado da criança.	123
TABELA 4.30 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Self Comparado da criança	124
TABELA 4.31 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Não-violência da criança.	125
TABELA 4.32 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Não-violência da criança	126
TABELA 4.33 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Família da criança.	127
TABELA 4.34 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Família da criança	128
TABELA 4.35 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Amizade da criança.	129
TABELA 4.36 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Amizade da criança	130
TABELA 4.37 – Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Escola da criança.	131
TABELA 4.38 – Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável Escola da criança	132
TABELA 4.39 – Síntese dos preditores das variáveis dependentes do bem-estar subjetivo da criança	133

Anexos

ANEXO 1 - Questionário de entrevista semiestruturada individual

ANEXO 2 – Carta de pedido de autorização à instituição

ANEXO 3 - Carta de consentimento informado para os pais

ANEXO 4 – Escala de graduação de níveis por círculos para crianças

Introdução

Introdução

A Psicologia da Educação acolheu recentemente uma interessante vertente cuja perspectiva assenta numa educação mais positiva e apreciativa quanto às competências, motivações e potencial do ser humano - a psicologia positiva. De acordo com esta disciplina, a auscultação e ampliação das motivações e qualidades do indivíduo além de trazer benefícios para si próprio e para a sua vida em geral, ao nível do bem-estar, da saúde, do sucesso e do envolvimento social, poderá ainda atuar como fator de proteção contra futuras patologias.

O estudo do bem-estar subjetivo é por este motivo, um importante componente da psicologia positiva, permitindo aos investigadores questionar e compreender o modo como os indivíduos se vêem a si, aos outros e como autoavaliam a sua vida.

Além dos estudos que têm vindo a ser desenvolvidos neste domínio com adultos, emergiu também recentemente o interesse de alguns investigadores no bem-estar subjetivo infantil, no sentido de se encontrar um método de “semear” tais virtudes desde cedo, que possam acompanhar a criança ao longo do seu desenvolvimento até à idade adulta. Tal pretensão exige que o ponto de vista das crianças seja considerado, recorrendo às suas perspetivas e introspeções e às suas experiências de interação com os outros e com o mundo. Porém, pela maior dificuldade que este facto acarreta ou ainda pela falta de hábito e/ou relutância dos adultos em dar a palavra à criança, embora já tenham sido tomadas algumas iniciativas no sentido de investigar o bem-estar subjetivo da criança mantêm-se ainda muitos aspetos por explorar.

A preocupação em proporcionar à criança um desenvolvimento e educação mais positivos remete-nos, necessariamente, a refletir sobre a função da família, o desempenho da parentalidade e as práticas parentais adotadas pelos pais.

Ser pai ou ser mãe tem sido descrito como uma das tarefas mais difíceis, exigentes e conseqüentes, mas em simultâneo como sendo das experiências mais recompensadoras e deslumbrantes (Baião, 2008). Além da função básica de satisfação de necessidades básicas de sobrevivência, segurança e saúde, os pais (ou substitutos) são os adultos de referência na vida da criança constituindo o pilar básico da sua estrutura enquanto indivíduos e desempenhando um papel único em todos os quadrantes do seu desenvolvimento, físico e psicológico.

A qualidade da educação parental, ou seja, a forma como os pais cuidam e atuam em relação à criança, além dos seus efeitos imediatos terá um impacto significativo a longo prazo no bem-estar subjetivo da criança/indivíduo. Por este motivo, se torna importante observar e

analisar não só as práticas parentais adotadas, ou seja, as diversas estratégias que os pais utilizam com objetivo de suprimir comportamentos que consideram inadequados ou de incentivar comportamentos adequados, mas também, todo o conjunto de atitudes, comportamentos, práticas e outros aspetos de interação entre os pais e os filhos ao qual se denomina estilo parental.

Considerando a escassez de estudos sobre o bem-estar subjetivo infantil que procurem investigar a forma como a criança interpreta as suas próprias emoções e a sua própria vida e com o propósito de contribuir na compreensão do papel das práticas parentais no desenvolvimento e no bem-estar subjetivo da criança, emerge a oportunidade de realizar o presente estudo, tendo como ponto de partida as seguintes interrogações: Em que medida o contexto familiar, em especial as práticas parentais, influenciam o bem-estar subjetivo da criança em idade pré-escolar? Estará o nível de bem-estar subjetivo da criança associado ao índice de bem-estar subjetivo dos seus progenitores?

Com o intuito de ver respondidas estas questões determinámos como objetivo geral deste estudo explorar os indicadores relativos ao nível de bem-estar subjetivo das crianças em idade pré-escolar e a sua relação com o seu contexto familiar (práticas parentais).

Partindo do pressuposto que as práticas parentais podem influenciar positiva ou negativamente o nível de bem-estar subjetivo da criança bem como o seu desenvolvimento, acreditamos que o levantamento de indicadores de bem-estar subjetivo na infância poderá permitir explorar eventuais necessidades sentidas pelas famílias e pelas crianças. Numa perspetiva mais prática, pretendemos com este estudo fornecer elementos úteis para intervenções preventivas futuras como programas orientados para pais, ajudando-os a clarificar, compreender e vivenciar a parentalidade de modo mais satisfatório, contribuindo assim para enriquecimento das suas competências e para bem-estar destes e das crianças e otimizando deste modo as práticas parentais, o contexto familiar e, conseqüentemente, o desenvolvimento da criança.

A apresentação da presente dissertação está organizada em duas partes interdependentes. A primeira parte apresenta o *enquadramento teórico* e é composta por dois capítulos. Os pressupostos da psicologia positiva, o construto de bem-estar subjetivo, bem como algumas das principais descobertas no domínio do bem-estar subjetivo da criança estruturam o primeiro capítulo. No capítulo dois apresenta-se uma resenha histórica e epistemológica em torno das práticas parentais, abordando-se o conceito de estilo parental, os fatores

determinantes das práticas parentais e a influência das práticas parentais no desenvolvimento e bem-estar da criança.

Na segunda parte apresenta-se o *estudo empírico*, sendo este composto por três capítulos. O capítulo três aborda a metodologia utilizada e compreende os objetivos gerais e específicos, as hipóteses de investigação, o plano de investigação, a caracterização da amostra, a descrição dos instrumentos utilizados e os procedimentos na recolha e tratamento dos dados. O capítulo quatro debruça-se sobre a apresentação e análise dos resultados obtidos no estudo qualitativo e no estudo quantitativo. O capítulo cinco apresenta a discussão dos resultados.

Por fim, é feita uma *conclusão* onde se realçam os aspetos conclusivos mais relevantes e que decorrem das evidências da presente investigação apontam as limitações do estudo, bem como potenciais implicações dos dados obtidos em investigações futuras.

I. Enquadramento Teórico

1. Psicologia Positiva e Bem-estar Subjetivo da Criança

1. Psicologia Positiva e Bem-estar Subjetivo da Criança

1.1 A Emergência e Relevância da Psicologia Positiva

Uma diferente perspetiva da psicologia surgiu na mudança para este milénio, aclamando a necessidade de alterar o foco dos psicólogos tradicionais, até então centrados no estudo e na remediação de patologias, fraquezas e danos, numa tentativa de os levar a adotar uma perspetiva mais aberta e apreciativa no que se refere aos aspetos/qualidades positivas da vida humana e ao potencial, motivações e capacidades do ser humano (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Sheldon & King, 2001).

Os psicólogos positivistas (Gable & Haidt, 2005; Sheldon & King, 2001), reprovam a visão negativa da Psicologia tradicional até então aplicada, contudo justificam-na pelo facto de os acontecimentos negativos causarem mais impacto que os positivos, violando as nossas expectativas “Positive events, information, processes and interactions simply occur more frequently than negative ones (...) Thus, negative information, events and interactions become to figure to the positive ground because they are exception and not the norm” (Gable & Haidt, 2005, p. 107).

Desta forma, a psicologia positiva pretende alterar as típicas questões da psicologia tradicional centradas no que está danificado, no que não está a funcionar ou no que é necessário para que seja reparado, para em contraste perguntar: O que está bem? O que funciona? O que está a melhorar? (Sheldon & King, 2001).

Como referem Seligman e Csikszentmihalyi (2000), no primeiro artigo da revista *American Psychologist* dedicado à psicologia positiva, “(...) there are human strengths that act as buffers against mental illness: courage, future mindedness, optimism, interpersonal skill, faith, work ethic, hope, honesty, perseverance and the capacity for flow and insight, to name several” (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000, p. 7). Neste sentido, um melhor entendimento das condições ambientais e das competências e virtudes pessoais que atuam contra as patologias e danos psicológicos poderá não só auxiliar os psicólogos a ajudar mais eficazmente aqueles que já apresentam necessidade de apoio (Gable & Haidt, 2005), mas também servir de meio de proteção contra futuras patologias, podendo os cientistas interrogar-se sobre o que aprenderam em determinada situação, generalizá-la e aplicá-la a um maior número de pessoas para melhorar as suas vidas (Linley, Joseph, Harrington, & Wood, 2006).

Uma interessante linha de investigação, referida por alguns autores é o estudo da aprendizagem e desenvolvimento das forças, virtudes ou qualidades humanas, ou seja, uma

perspetiva evolutiva centrada no desenvolvimento infantil que identifique os fatores e os caminhos que contribuem para a aquisição e manutenção de tais forças na idade adulta (Ursúa, 2006).

Os investigadores acreditam que aprender como promover estas virtudes desde cedo, num trabalho conjunto com famílias, escolas e outras instituições, poderá facultar uma educação mais positiva, prevenindo problemas subseqüentes em crianças ou jovens geneticamente vulneráveis ou que vivam em ambientes menos favoráveis ao seu desenvolvimento.

Raising children, is vastly more than fixing what's wrong with them. It is about identifying and nurturing their strongest qualities, what they own and are best at, and helping them find niches in which they can best live out these strengths. (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000, p.6)

Desta forma, o objetivo da psicologia positiva assenta em três principais pilares: experiência subjetiva positiva (emoções positivas), características/traços individuais positivos (competências e virtudes) e instituições/comunidades positivas (democracia, família e liberdade) (Gable & Haidt, 2005; Passarelli & Silva, 2007).

Como referem Seligman & Csikszentmihalyi (2000, p.5),

The field of positive psychology at the subjective level is about valued subjective experiences: well being, contentment and satisfaction (in the past), hope and optimism (for the future); and flow and happiness (in the present). At the individual level, it is about positive individual traits, the capacity to love and vocation, courage, interpersonal skill, aesthetic sensibility, perseverance, forgiveness, originality, future mindedness, spirituality, high talent and wisdom. At the group level, it is about the civic virtues and the institutions that move individuals toward better citizenship, responsibility, nurturance, altruism, civility, moderation, tolerance and work ethic.

Desde o primeiro artigo publicado, o movimento da psicologia positiva tornou-se bastante popular, sendo investigado e divulgado por grupos de pesquisa, associações internacionais, disciplinas integradas em cursos, conferências, livros, manuais escolares,

artigos, páginas web e em diversos meios de comunicação a nível internacional (Gable & Haidt, 2005; Linley et al., 2006).

Em 2005, Seligman, Park e Peterson anunciam na revista *American Psychologist* as primeiras descobertas empíricas no campo da psicologia positiva, destacando-se: a classificação de seis virtudes e identificação de vinte e quatro forças de carácter comuns a diferentes culturas do mundo; a percepção da autorregulação dos pais (embora fortemente associada à satisfação de vida parental) como positivamente interligada à satisfação de vida das suas crianças; a assunção do conceito de felicidade como um termo científico determinado por três agentes distintos - emoção positiva e prazer (vida prazerosa), comprometimento (vida comprometida) e significado (a vida significativa) - sugerindo que as pessoas mais satisfeitas são aquelas que orientam os seus objetivos ao encontro dos três fatores; e a felicidade considerada portadora de benefícios ao nível da saúde, do sucesso e do envolvimento social.

Em 2006 é também publicado o primeiro jornal dedicado à psicologia positiva, *The Journal of Positive Psychology* (Linley et al., 2006).

Apesar do rápido crescimento desta área científica, esta tem também sido criticada por diversos autores quanto à sua credibilidade e intitulada por alguns de uma “nova moda” com uma visão *Pollyanna* da realidade (Gable & Haidt, 2005; Ursúa, 2006). Os críticos sustentam que o que distingue a psicologia positiva de um movimento espiritual é o facto de adotar o método da psicologia científica, apontando ainda o facto de os seus conteúdos já terem sido desenvolvidos em décadas e estudos anteriores e demonstrarem grande coincidência com os princípios da Psicologia Humanística (Ursúa, 2006).

De facto, é possível encontrar algumas investigações em torno deste tema em estudos anteriores como de William James sobre a mente saudável (James, 1902) ou de Maslow (1968) sobre indivíduos saudáveis, bem como alguns interesses em comum com a psicologia humanística (Rogers, 1961) (citado em Linley et al. 2006). Porém, os psicólogos positivistas fundamentam a utilidade das informações recolhidas de investigações e teorias mais remotas (Linley et al., 2006), referindo que

The aim is not to erase or supplant work on pathology, distress and dysfunction.

Rather, the aim is to build up what we know about human resilience, strength and growth to integrate and complement the existing knowledge base (...) In fact, it is because psychology has been so extraordinarily successful that the imbalance, the

lack of progress on positive topics, has become so glaring. (Gable & Haidt, 2005, p. 107)

Ao longo dos anos, os investigadores positivistas têm procurado definir e estudar o conceito de felicidade e bem-estar no sentido de desenvolver estratégias de intervenção adequadas a todos os seres humanos (Fave, Massimini, & Bassi, 2011). Contudo, neste domínio a psicologia positiva tem encontrado algumas limitações quanto ao julgamento do que é positivo/desejável ou negativo/indesejável (Held, 2004 citado em Gamble & Haidt, 2005), sendo que essa apreciação poderá não ser comum a todos os indivíduos e grupos sociais, diferindo consoante as suas características psicológicas, sistema de valores ou normas culturais (Gable & Haidt, 2005).

Individuals and social groups develop a notion of what is good and desirable as function of their characteristics. Philosophical, ethical and religious beliefs, personal and collective Weltanschauungen, values, meanings, expectations and needs play a major role in this respect. In addition, there can be fluctuations and even radical changes across time in approaching happiness, as historical and economic circumstances, as well as general beliefs, are subject to change. (Fave et al., 2011, p. 3)

A literatura refere duas distintas perspetivas teóricas, ambas procedentes da antiga filosofia grega, que têm procurado explicar o conceito de felicidade: hedonismo (centrada no bem estar-subjetivo) e eudemonismo (centrada no bem-estar psicológico) (Ryan & Deci, 2001).

A perspetiva hedónica associa o conceito de bem-estar ao prazer e à felicidade (bem-estar subjetivo) – “the goal of life is to experience the maximum amount of pleasure and (...) happiness is the totality of one’s hedonic moments” (Ryan & Deci, 2001, p.143-144). De acordo com esta perspetiva, a felicidade não se reduz apenas ao prazer físico, podendo derivar da consecução de objetivos ou de experiências significativas. Para os psicólogos hedonistas o bem-estar subjetivo ou felicidade, é determinada por três componentes: satisfação com a vida, emoções positivas e ausência de emoções negativas (Ryan & Deci, 2001).

Por sua vez, a perspetiva eudemónica, alia o conceito de bem-estar ao desenvolvimento pessoal do ser humano e à capacidade de realização através da concretização de objetivos

significativos para o indivíduo e para a sociedade, considerando a busca da felicidade hedónica um ideal vulgar (Fave et al., 2011; Ryan & Deci, 2001).

Optimal well being requires distinguishing between those needs (desires) that are only subjectively felt and whose satisfaction leads to momentary pleasure, and those needs that are rooted in human nature and whose realization is conducive to human growth and produces eudemonia, i. e. “well- being”. In other words...the distinction between purely subjective felt needs and objectively valid needs (...). (Fromm, 1981, citado em Ryan & Deci, 2001, p. 145)

Embora existam algumas divergências nestas duas perspetivas, os estudos confirmam que o bem-estar deve ser concebido como um fenómeno multidimensional e o seu estudo pode incluir aspetos de ambas as teorias (Ryan & Deci, On Happiness and Human Potentials: A Review of Research on Hedonic and Eudaimonic Well-Being, 2001).

1.2. O Construto de Bem-estar Subjetivo

O estudo do bem-estar subjetivo (BES) constitui-se um importante componente da psicologia positiva, que procura compreender e melhorar a forma como os indivíduos se vêem a si e aos outros e como avaliam as suas vidas, quer ao nível da sua satisfação global com a vida, quer ao nível da frequência de experiências emocionais positivas e negativas, procurando facilitar a vivência prazerosa do relacionamento e da interação com os seus pares (Diener, Suh & Oishi, 1997; Passareli & Silva, 2007; Siqueira & Padovam, 2008).

Neste sentido, o bem-estar subjetivo apenas pode ser observado e relatado pelo próprio indivíduo, mediante uma autoavaliação da sua própria vida (expetativas, valores, emoções e experiências prévias), sendo este averiguado através de duas dimensões: a dimensão afetiva, que inclui as emoções, os afetos e os sentimentos positivos (e.g., alegria, entusiasmo, orgulho e felicidade) e negativos experimentados (e.g., culpa, vergonha, tristeza, ansiedade e depressão); e uma dimensão cognitiva, associada às avaliações da satisfação com a vida em geral ou a aspetos específicos da mesma, nomeadamente em termos de contentamento com o que lhe acontece ou desejo de mudança (Diener & Lucas, 2000 citado em Siqueira & Padovam, 2008; Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999).

Desta forma, o bem-estar subjetivo é constituído por três componentes separadas mas interrelacionadas: a afetividade positiva (PA), a afetividade negativa (NA) e a satisfação com a vida (SWL) (Diener et al., 1999)

O instrumento mais frequentemente utilizado para medir as duas dimensões da afetividade é a *Escala de Afetos Positivos e Negativos (Positive and Negative Affect Scale - PANAS)* de Watson, Clark e Tellegen, 1988. De acordo com os autores, a maior presença de afetos positivos indica alta energia, plena concentração e comprometimento prazeroso, enquanto o seu decréscimo revela tristeza e letargia. Pelo contrário, uma maior frequência de afetos negativos aponta para sentimentos como raiva, desprezo, culpa, medo ou nervosismo, enquanto um nível mais baixo é indicador de calma, serenidade e sossego. Deste modo, a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo requer uma relação positiva entre as emoções vividas, ou seja, a vivência de mais emoções positivas do que negativas ao longo da vida (Diener et al., 1999).

Os estudos efetuados apontam para uma maior constância de relatos de emoções positivas do que negativas nas populações em geral, sugerindo que as pessoas que tendem a manifestar emoções positivas com maior intensidade ou frequência, são geralmente aquelas que já vivenciaram fortes experiências emocionais negativas no passado (Diener & Lucas, 2000).

Ao longo do tempo, os investigadores têm também procurado identificar quais os fatores preditores do bem-estar subjetivo. Em torno desta questão, as principais abordagens teóricas e modelos explicativos do bem-estar subjetivo dividem-se historicamente em dois grandes blocos: as teorias base-topo e as teorias topo-base.

As primeiras abordagens (base-topo) preconizavam que o grau de felicidade do ser humano seria influenciado por fatores externos como a satisfação das suas necessidades básicas, a experiência de eventos prazerosos e variáveis sociodemográficas. O bem-estar subjetivo seria, assim, resultante de um efeito cumulativo de experiências/momentos agradáveis associados à família, ao trabalho e ao lazer e, ainda, da influência de fatores sociodemográficos e biossociais, sendo o sujeito passivo perante as alterações de circunstâncias (Diener, 1984).

No entanto, as investigações têm vindo a provar uma influência mais relevante das abordagens topo-base mostrando que existe uma predisposição do ser humano para interpretar subjetivamente as situações e as experiências de vida, consoante o seu grau de felicidade, sendo desta forma, a sua avaliação influenciada pelo seu bem-estar subjetivo (Diener, 1984).

De acordo com esta teoria, o sujeito tem um papel ativo e determinante na percepção do seu bem-estar.

Como referem Seligman e Csikszentmihalyi (2000, p.9), “is it not what happens to people that determines how happy they are, but how they interpret what happens”. Esta afirmação conduz à suposição de que as pessoas felizes tendem a interpretar os acontecimentos e situações mais positivamente que as pessoas infelizes, sendo menos recetivas aos *feedbacks* negativos e mais objetivas (Lyobomirsky & Tucker, 1998, citado em Ryan & Deci, 2001).

Embora o nosso trabalho não tenha como finalidade estudar os fatores que influenciam o bem-estar subjetivo dos adultos, o índice de bem-estar subjetivo dos pais será considerado neste estudo, pelo que apresentamos a seguir uma breve resenha das principais evidências sobre os fatores explicativos acerca do bem-estar subjetivo dos adultos.

Perante esta conjectura, alguns investigadores (e.g., Diener e Lucas, 1999; DeNeve & Cooper, 1998) têm defendido fortemente a associação entre os traços de personalidade e o bem-estar subjetivo, apontando a extroversão, conscienciosidade, a boa disposição e o baixo neuroticismo como positivamente associados ao bem-estar subjetivo, promotores de autoaceitação, do autocontrolo e do sentido para a vida. Também a abertura à experiência é associada ao crescimento pessoal e a boa disposição e a extroversão aliadas às relações sociais positivas (DeNeve & Cooper, 1998, Schutte & Ryff, 1997 citado em Ryan & Deci, 2001).

Os estudos de DeNeve (1999, citado em Ryan & Deci, 2001) demonstram que o bem-estar é em grande parte determinado por fatores genéticos e relativamente estável ao longo da vida.

As características sociodemográficas dos indivíduos, como a educação, o emprego, o rendimento, género, o estado civil, a religião e a idade têm também sido apontados por diversos autores como fatores influentes na variação do bem-estar subjetivo (Diener et al., 1999; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Contudo, para outros (e.g., Freeman, Templer, & Hill, 1999), as variáveis demográficas como idade, género e etnia não exercem uma influência significativa no bem-estar subjetivo.

De acordo com a literatura consultada, os últimos estudos desenvolvidos não encontram uma correlação substancial entre a idade e a felicidade (Diener et al., 1999; Ferraz, Tavares, & Zilberman, 2007). White (2008, citado em Bradshaw, Keung, Rees, Goswami, 2011) afirma que a percepção do indivíduo acerca do seu próprio bem-estar se altera ao longo do seu ciclo de vida, sendo esta também influenciada pelas suas reflexões acerca do passado e expectativas no futuro.

Para alguns investigadores (Diener & Biswas-Diener, 2002; Diener & Seligman, 2004) o aumento do rendimento tem pouco impacto no bem-estar. Brickman e Cambell (1971, citado em Thoilliez, 2011) referem que o aumento do rendimento não implica uma melhoria no bem-estar subjetivo. Por outro lado, o desemprego poderá ter reflexos negativos, já que de acordo com Diener (1984, citado em Araújo e Cruz, 2007) as pessoas desempregadas têm mais possibilidades de serem infelizes devido ao grande impacto que esta situação provoca nos mais diversos níveis na vida das pessoas.

A nível do estado civil, os estudos têm descoberto que os indivíduos casados (tanto homens como mulheres) são mais felizes do que os que nunca se casaram, os divorciados ou os separados sendo este facto constante em quase todos os países, à exceção do Japão (Corbi e Menezes Filho, 2006; Diener, Suh, Oishi, 1997 citados em Araújo e Cruz, 2007).

Os investigadores (Diener & Seligman, 2004 citado em Passareli & Silva, 2007; Seligman, 2004) têm também verificado uma associação positiva entre as relações sociais positivas e o bem-estar subjetivo elevado ou felicidade, sugerindo que as pessoas felizes têm mais amigos, permanecem casadas por mais tempo e participam em mais atividades de grupo quer de amigos, de trabalho ou de apoio. Desta forma, as relações interpessoais estáveis e positivas são consideradas uma necessidade humana básica fundamental para o bem-estar, promotoras de conforto, suporte e segurança, estando a solidão negativamente correlacionada com o afeto positivo e a satisfação com a vida (Passareli & Silva, 2007; Ryan & Deci, 2001).

Diversos estudos também demonstram que as circunstâncias ambientais podem por vezes produzir alterações substanciais e definitivas no bem-estar subjetivo, verificando-se diferenças significativas no bem-estar subjetivo dos indivíduos em diferentes países (Diener, Diener & Diener, 1995; Inglehart & Klingemann, 2000 citados em Bradshaw, et al., 2011). Em geral, a felicidade revela-se superior em países mais prósperos, no entanto, nem sempre são necessariamente os indivíduos com maiores posses materiais que apresentam os maiores os índices de felicidade (Freeman et al., 1999). A Cultura parece também influenciar a forma como o individuo percebe o seu bem-estar (Bradshaw et al., 2011). White (2008 citado em Bradshaw et al., 2011) refere que o bem-estar deverá ser entendido como um “processo”, fundamentado num “tempo” e “local” específicos.

1.3 O Bem-estar Subjetivo da Criança

O reconhecimento da importância do bem-estar das crianças é evidenciado na Declaração Universal dos Direitos da Criança, promulgada pela Organização das Nações Unidas – ONU

–, em 1959 e na Convenção Sobre os Direitos das Crianças, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 (ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990) as quais vieram determinar um amplo conjunto de direitos fundamentais das crianças ao mais elevado nível de saúde, lazer e educação e, também, a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social (Gaspar, Matos, Ribeiro, & Leal, 2006; Sixsmith, Gabhainn, Fleming, & O’Higgins, 2007).

A Convenção Sobre os Direitos das Crianças estabelece que “todas as decisões relativas a crianças, adotadas por instituições públicas ou privadas de proteção social, por tribunais, autoridades administrativas ou órgãos legislativos, terão primordialmente em conta o interesse superior da criança” (ONU, 1989, p. 6) e garantem “à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade” (ONU, 1989, p. 10).

Apesar da crescente preocupação com o bem-estar e subjetividade da criança, verificamos que usualmente têm sido os adultos a fornecer a informação que julgam necessária para a instauração de políticas e serviços relativos às crianças, sendo os pais frequentemente considerados como os principais informadores das primárias necessidades das mesmas (Sixsmith et al., 2007).

Neste sentido, Qvortrup (1990 citado em Bradshaw et al., 2011, p. 12) propõe que “if we seriously mean to improve life conditions for children we must as a minimum precondition, establish reporting systems in which they are heard themselves as well as reported on by others”.

Na revisão de literatura que efetuámos em torno do bem-estar subjetivo, encontramos uma grande quantidade de estudos baseados em adultos e pessoas da terceira idade, mas poucas investigações baseadas nas crianças, particularmente em idade pré-escolar, sendo igualmente escassos os estudos sobre a perceção das mesmas em relação à própria vida.

Os primeiros estudos que investigaram o bem-estar em crianças faziam uso dos instrumentos existentes para avaliar adultos, contrariando as orientações e indicações de avaliação psicológica de crianças (Anastasi & Urbina, 2000 citado em Giacomoni, 2002).

A utilização de questionários de autorrelato para avaliar a satisfação de vida das crianças permitiu aos investigadores aperceberem-se de relevantes diferenças individuais, o que os levou a encarar estas medidas de satisfação de vida para crianças como importantes indicadores de um desenvolvimento positivo, promotores da saúde mental ideal (Gilman & Huebner, 2000 citado em Park, 2004)

É de referir o estudo efetuado por Sixsmith et al. (2007) que procurou explorar as perspetivas de pais, professores e crianças acerca da perceção das crianças de bem-estar. Os resultados encontrados revelaram interessantes diferenças nas perspetivas de adultos e crianças e demonstraram que as crianças podem expressar conceções complexas de conceitos abstratos.

The happiness of children is well suited to research because they can identify and use emotions in complex social environments. Additionally, they understand that different emotions, including happiness, can be experienced simultaneously and they can attribute causal relations to these emotions in adult-like ways. (Holder e Klassen, 2010, p. 420)

As descobertas destes investigadores têm vindo a reforçar a importância de recolher as perspetivas das próprias crianças ao invés de atribuir aos adultos o papel de mediadores, no sentido de melhorar a qualidade dos serviços, das práticas parentais e das políticas relativas às mesmas (Sixsmith et al., 2007).

Increasingly, children's perceptions are being recognized as providing a unique view of the world, an insider's view or emic perspective that can positively contribute to child centered policy and practice developments. (Darbyshire et al., 2005 citado em Sixsmith et al., 2007, p.5)

We have placed in the centre of our research concern what children have to say about their own experiencing of happiness because we see children as experiencing subjects, and to do this implies finding ways to observe them as social beings whose experience and whose response to that experience are of interest to themselves, to other children and to adults. (Thoilliez, 2011, p. 330)

Uma das primordiais referências encontradas na literatura relativamente ao estudo científico da felicidade das crianças reporta a 1982, quando Susan Harter realizou uma importante investigação acerca das causas e consequências do desenvolvimento da autoestima em crianças e adolescentes, descobrindo que a “felicidade” constituía uma das quatro principais emoções reconhecidas pelas crianças. De acordo com as suas investigações, as

crianças mais novas (de 3 anos de idade), já seriam capazes de entender claramente o significado de três emoções – feliz, triste e zangado – e em alguns casos uma quarta, assustado – bem como de dar exemplos singulares e adequados de situações ou experiências nas quais experimentaram esses sentimentos (Harter, 1999 citado em Thoilliez, 2011).

Na década de 90, Scott Huebner (Universidade da Carolina do Sul, s.d.) destaca-se como um dos primeiros investigadores a interessar-se pelo bem-estar subjetivo infantil. Em 1994, Huebner (2001) desenvolveu a *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças*, composta por cinco domínios de satisfação de vida - família, amigos, escola, ambiente onde vive e *self* -, promovendo um salto na compreensão do bem-estar subjetivo infantil. Este instrumento de autorrelato, desenvolvido inicialmente para avaliar crianças entre sete a dez anos, foi ampliado em 1998, para o uso em crianças e pré-adolescentes até aos 14 anos (Polleto, 2011).

Desde então, notou-se um interesse crescente dos investigadores, a nível internacional, no bem-estar da criança, sendo desenvolvidos, ao longo da última década, vários estudos e instrumentos para avaliar a perceção das crianças em relação à sua própria vida (Rees, Bradshaw, Goswami, & Keung, 2010).

Tendo como base os instrumentos criados por Huebner, Giacomoni (2002) realizou um estudo qualitativo com crianças de 5 a 12 anos sobre a perceção infantil da própria felicidade, construindo uma *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil* com seis domínios: *self*, *self* comparado, não-violência, família, amizade e escola.

Destacamos ainda, neste âmbito, a relevância de outros estudos como: o de Neff e Dale (1990, citado em Giacomoni, 2002) sobre a avaliação dos indicadores de qualidade de vida em crianças em idade escolar; o de Terry e Huebner (1995, citado em Giacomoni, 2002) acerca da relação entre autoconceito e satisfação com a vida em crianças; o de Park (2004), acerca do papel do bem-estar subjetivo no desenvolvimento positivo das crianças; o de Ferreira (2005), cujo objetivo foi compreender de que forma as crianças percebem a qualidade de vida, quais os fatores que consideram necessários para tal e qual a sua ordem de importância; o de Gaspar et al. (2006) que visava a tradução e adaptação dos instrumentos *Kidscreen* (versão para crianças e para pais) para avaliar a qualidade de vida de crianças e adolescentes e dos respectivos pais; o de Sixsmith et al. (2007), comparando as percepções de pais, professores e crianças acerca do bem-estar subjetivo da criança; o de Lahikainen, Tolonen e Kraav (2007) acerca do bem-estar subjetivo das crianças e dos descontentamentos das famílias em diferentes contextos culturais; o de Bradshaw e colaboradores (2011) que

compararam o bem-estar subjetivo das crianças a nível internacional; o de Poletto (2011) acerca do bem estar-subjetivo de crianças em situação de vulnerabilidade social; o de Thoilliez (2011), pelo estudo exploratório acerca do significado da felicidade “aos olhos” das crianças; e o de Goswami (2012) acerca da associação entre o bem-estar da criança e as suas relações sociais.

Apesar das iniciativas verificadas no sentido de “dar voz” à própria criança relativamente à forma como encara a sua vida, averiguamos que, na realidade, quanto aos instrumentos utilizados ainda se apresentam algumas limitações.

The potential of subjective well-being measures to take into account children’s own experiences and the complexities of their lives has not yet been realized. The inability of current measures of subjective well-being to perform in this way is limited by the fact that they are not substantively based on individual children’s personal values, views and assessments of their life circumstances. Rather, measures are based on standardized measures of satisfaction identified as important to (adult) researchers, to which individual children are asked to respond. Ultimately, we do not really know whether the domains and measures identified by adult researchers are meaningful to children. Measuring children’s competencies in adult centric ways, against those of the normative group of adults, incorporates assumptions about children as becoming adults. Where this means adjusting adult scales for use by children, researchers are continuing to construct children’s competencies as lesser than, rather than, say, different from, adults. (Fattore et al, 2007 citado em Rees et al., 2010, p.14)

Quanto aos fatores preditores do bem-estar subjetivo das crianças, parece haver um consenso entre a maioria dos investigadores caracterizando-o como um conceito multidimensional influenciado por diversas variáveis, tais como: características da própria criança e da família, estatuto socioeconómico, estilo parental, *stresse* parental e acontecimentos de vida (Bronfenbrenner,1986; Caldera e Hart, 2004; Kazdin e Whitley, 2003 citados em Gaspar et al., 2006).

Nesta aceção, Gaspar e colaboradores, (2006) organizam as variáveis que podem exercer influência na qualidade de vida das crianças em duas grandes categorias: características pessoais da criança, que incluem variáveis demográficas (idade, género, estatuto socioeconómico), variáveis intrapessoais (como autoconceito, extroversão, locus de controle interno) e bem-estar; e características sociais da criança, compostas pelo contexto familiar, relacionamento emocional e social precoce, características da família, da educação familiar e do funcionamento familiar, relações com pares e estatuto socioeconómico.

Embora nos diversos estudos consultados as variáveis demográficas sejam consideradas, a maioria dos investigadores refere nos seus resultados a fraca influência de fatores como a idade, o género, a profissão dos pais e a estrutura familiar (nuclear original ou reestruturada) na variação do nível de bem-estar subjetivo da criança (Diener et al.,1999; Giacomoni, 2002; Huebner, 1991). No entanto, alguns estudos mencionam que o bem-estar subjetivo tende a ser inferior nas raparigas e a diminuir com o aumento da idade. (Bradshaw et al., 2011; Rees et al., 2010; Thoilliez, 2011). Os rapazes parecem revelar um bem-estar superior a nível pessoal e familiar (Bradshaw et al., 2011).

Já a personalidade, tal como nos estudos realizados com adultos, parece revelar-se um importante preditor na variabilidade do bem-estar subjetivo das crianças (Diener et al.,1999; Giacomoni, 2002). Park (2004) refere que as pessoas felizes e satisfeitas em relação à sua vida têm maior facilidade na resolução de problemas, um melhor desempenho no trabalho, relações sociais mais significativas e exibem virtudes como o perdão e a generosidade, sendo mais resistentes ao stress e manifestando uma melhor saúde física e mental. Neste sentido, o autor defende que a maior satisfação das crianças está associada a uma grande variedade de características psicológicas desejáveis como *locus* de controlo interno, autoestima elevada, extroversão, motivação intrínseca, otimismo, autoeficácia e autoconfiança.

De acordo com Giacomoni (2002, p. 85-86), as crianças com maior satisfação de vida tendem a possuir “uma visão de si mesmos mais positiva (autoestima), tendem a ser relaxadas e extrovertidas (não ansiosas) e tendem a acreditar que o que acontece consigo está sob seu próprio controlo (locus de controle interno)”. Holder & Klassen (2010) especificam que as crianças mais sociáveis e menos tímidas, emotivas e ansiosas revelam uma maior felicidade.

Por outro lado, as crianças com menor satisfação de vida estão em risco de desenvolver problemas psicológicos e sociais, como a depressão ou relações desajustadas com os outros (Park, 2004).

Embora a personalidade seja fortemente associada à felicidade e ao bem-estar das crianças, esta não poderá ser considerada estável antes dos 30 ou, até mesmo, antes dos 50 anos. Por este motivo, durante a infância os construtos referentes à personalidade em desenvolvimento são denominados por alguns autores de temperamento (Holder & Klassen, 2010).

O temperamento é constituído por traços relativamente estáveis, observáveis desde os primeiros anos (especialmente na faixa etária entre os 8 e os 11 anos). Porém, apesar da sua relativa estabilidade, seguem um processo desenvolvimental e podem sofrer a influência da maturação, do meio envolvente e das experiências da criança (Holder & Klassen, 2010). De acordo com Hernangómez, Vázquez e Hervás (2009, citado em Polleto, 2011), o que deixa alguém feliz aos dez anos não pode ser o mesmo que o deixa feliz aos 40 ou aos 80 anos, sendo diversos os fatores que podem influenciar o nível de bem-estar nas várias idades. Partindo desta aceção alguns autores defendem que o bem-estar subjetivo tem uma origem genética e que os estilos emocionais característicos (traços) que emergem no início do desenvolvimento e mantêm-se estáveis ao longo do tempo constituem os pilares das dimensões da personalidade adulta (Giacomoni, 2002).

Nos diversos estudos encontrados, os níveis de satisfação de vida das crianças apresentaram-se mais fortemente relacionados com os relacionamentos interpessoais (relações com pais, com os pares) (Bradshaw et al., 2011; Giacomoni, 2002; Terry & Huebner, 1995).

Children experience their happiness with others and from others. To them happiness is not a pure, subjective experience, but an inter-subjective space (...) In early childhood, this inter-subjectivity is almost exclusively family-oriented, whereas in pre-adolescence it arises from acknowledgment from one's peers. Both family and friends provide company, safety and protection, and what makes children happy is to be accompanied, and the more friends and family, the better. (Thoilliez, 2011, p. 346)

Neste sentido, Lahikainen (2007, p. 68) menciona que o bem-estar subjetivo é socialmente interativo, produzido e mantido através de relacionamentos contínuos e das interações diárias com os outros. Deste modo, as experiências satisfatórias com os outros são internalizadas e inscritas na memória da criança, tornando-se uma fonte interna de satisfação tanto no presente, como também no futuro, enquanto adultos.

É importante referir que, uma vez que as interações sociais nem sempre são uma fonte de experiências positivas, podem igualmente causar o efeito contrário, originando sentimentos de mal-estar tanto em relação ao presente como ao futuro (Lahikainen, 2007).

A qualidade do relacionamento interpessoal com a família ou com os amigos, destaca-se como um dos principais fatores promotores de satisfação de vida das crianças (Giacomoni, 2002; Goswami, 2012; Park, 2004). Como referem Mahoney e Stattin (2000, citado em Park, 2004, p. 32):

It is worth noting that the quality more than the sheer quantity of social interactions is related to SWB among youth. Thus, it is important to provide more social opportunities while keeping in mind that close, enjoyable and responsive, and deep interactions with family, peers, teacher, coaches, and other adults are more important than the absolute number of social interaction opportunities.

Considera-se que uma resposta adequada dos “cuidadores”, promotora do bem-estar da criança, é constituída e determinada pela qualidade e quantidade dos cuidados prestados, quer a nível da alimentação, higiene, asilo, diálogo e presença quer pela oportunidade que proporciona à criança de se sentir confiante na sua própria capacidade de ajustar adequadamente os contextos envolventes às suas diversas necessidades, de lidar com as inseguranças e desafios do quotidiano e de antecipar o futuro de forma confiável (Lahikainen, 2007).

Como refere Lahikainen (2007, p. 69) “the construction of a secure base during the first three years of life is essential for the child’s well-being and well-becoming”.

Entre os domínios do relacionamento interpessoal, o contexto familiar (em especial nos primeiros anos de vida) é aquele que se mostra mais significativo para a satisfação global de vida das crianças (Bradshaw et al., 2011; Giacomoni 2002), revelando-se inclusivamente um fator consistente nos estudos realizados em diferentes culturas (Dew & Hueber, 1994; Leung & Leung, 1992; Man, 1991 citados em Park, 2004).

A família desempenha um papel central na prestação de cuidados e proteção da criança, por um lado porque constitui a rede básica com que esta interage diariamente desde os primeiros anos de vida e, por outro, porque em todas as sociedades é aos pais que é atribuída a principal responsabilidade pela educação das crianças (Lahikainen, 2007). Os resultados das recentes investigações efetuadas por Thoilliez (2011) revelaram que 33.23% das crianças

associaram a felicidade à vida familiar, sendo as relações familiares os fatores mais frequentemente mencionados como os principais responsáveis pelos seus estados de felicidade ou infelicidade.

De entre as variáveis estudadas relacionadas com a família, a literatura salienta o papel da estrutura familiar no bem-estar subjetivo das crianças. Embora sejam escassos os estudos encontrados acerca desta relação, as investigações de Bradshaw e colaboradores (2011) referem que geralmente as crianças que vivem em famílias nucleares apresentam maiores níveis de bem-estar. Porém, também adiantam que o facto de as crianças viverem em famílias monoparentais não tem um impacto significativo na criança. Não parecem existir diferenças no bem-estar pelo facto de as crianças viverem ou não com irmãos (Rees et al., 2010). O facto de a criança viver com uma família adotiva também não revela um impacto significativo no seu bem-estar (Rees et al., 2010).

Relativamente aos estilos parentais, o estilo parental democrático parece fomentar maior satisfação com a vida na criança (Park, 2004). Por sua vez, a satisfação com a vida das crianças parece também interceder nos efeitos dos estilos parentais, pois embora a falta de apoio emocional e instrumental dos pais esteja na base de comportamentos problemáticos, esta tem revelado menor impacto em crianças com uma maior satisfação de vida (Park, 2004).

A quantidade de tempo e atenção que os pais podem dedicar aos seus filhos revela-se um fator fundamental para o bem-estar da criança. Porém, embora os pais sejam considerados a principal fonte e recurso para o seu bem-estar subjetivo dos seus filhos, a sua capacidade e/ou disponibilidade para cuidar e atender à criança nem sempre é a mais desejável, variando consoante a posição e situação da família na sociedade. Outros deveres parentais e o envolvimento em diversas atividades e projetos, nomeadamente as crescentes exigências da vida profissional atual, têm também neste aspeto um impacto significativo (Lahikainen, 2007).

As investigações de Lahikainen (2007) indicaram igualmente factos bastante interessantes ao nível da relação entre o bem-estar dos pais e das crianças. Estas demonstraram que as crianças são muito sensíveis ao stresse e à falta de bem-estar dos pais, descobrindo uma clara ligação entre os comportamentos da criança e o stresse parental, sendo que a dependência da televisão e a falta de concentração se apresentam como reações gerais.

Embora as evidências indiquem claramente que os problemas financeiros dos pais estão associados a sintomas de mal-estar nas crianças, sendo promotores de sentimentos negativos como as preocupações, é importante ressaltar que o bem-estar económico da família não é só

por si suficiente para garantir o bem-estar subjetivo da criança, uma vez que a riqueza material não pode resolver problemas de falta de atenção e de saúde (Lahikainen, 2007). No mesmo estudo, Lahikainen verificou que a tensão financeira dos pais aparece associada a menor autonomia, menor empatia com os pares, maior dependência da televisão e menor concentração e, ainda, um menor receio da novidade nas crianças. Curiosamente, parece também existir uma correlação negativa entre a tensão financeira dos pais e os medos da criança referentes a situações imaginárias, tais como medos induzidos pela televisão, medos de pesadelos e de criaturas imaginárias, bem como o medo da novidade.

As discrepâncias entre as perspetivas dos pais e dos filhos acerca de valores e atitudes estão relacionadas com menor satisfação com a vida das crianças nas diversas culturas. (Phinney & Ong, 2003 citado em Park, 2004). De acordo com Rosenberg (2010), uma família feliz apoia e encoraja o crescimento de cada um dos seus membros, respeitando o espaço de cada um e promovendo em simultâneo a união. Por este motivo, quando as expectativas dos pais e as convicções dos filhos acerca das obrigações familiares estão em concordância, a satisfação com a vida das crianças é maior. Os investigadores descobriram ainda que nas situações de conflito parental, o melhor amigo da criança assume uma importância crescente, enquanto a relevância dos irmãos diminui; nas famílias onde os pais têm problemas de alcoolismo, a rede extrafamiliar assume uma importância crescente, enquanto a importância dos pais diminui; a rede extrafamiliar também parece compensar em grande parte as relações familiares tensas (enquanto a importância dos avós, por outro lado, parece ser independente destas) e as situações em que os pais apresentam problemas de saúde. (Lahikainen, 2007)

A literatura também aponta para a influência da família sobre as amizades das crianças constatando que “os pais influenciam as amizades de seus filhos pela forma como estruturam sua vida e rotina diária, pelas suas próprias amizades, através de seus conflitos, pela qualidade da relação entre eles e seus filhos e até mesmo o relacionamento com os irmãos” (Garcia, 2005 citado em Polleto, 2011, p. 25). À medida que as crianças vão crescendo, as relações extra familiares, em particular com os amigos, vão-se tornando cada vez mais importantes. Os amigos são uma nova e significativa fonte para o desenvolvimento de alicerces no sentido de um crescimento emocional e social positivo (Goswami, 2012).

Compas (1987, citado em Giacomoni, 2002) refere que os acontecimentos de vida - mudanças de vida, separação dos pais, mudanças de escola, pobreza, doenças crónicas, conflitos familiares constantes, dificuldades escolares, dificuldades de relacionamentos com amigos e com os pais – também poderão consistir numa fonte de promoção ou de tensão para

o bem-estar das crianças. No estudo de Giacomoni (1998), os acontecimentos de vida classificados como positivos pelas crianças foram os relacionados à família, ao lazer, ao receber presentes, ao brincar e à escola. Por sua vez, os eventos considerados negativos, referiram-se à saúde, ao desentendimento familiar, à inimizade, à privação, à morte e aos problemas na escola.

Nos estudos de Thoilliez (2011), as discussões em casa, a separação dos pais ou a morte de um familiar ou animal de estimação são consideradas as situações mais infelizes e traumáticas pelas crianças. De tal forma, que para algumas, somente a ideia da separação dos seus pais já é suficiente para as deixar tristes, mesmo que tal não tenha sequer acontecido. As repreensões dos pais, os desentendimentos entre estes, as discussões com os irmãos ou o ser rejeitado por um irmão mais velho pode também tornar a família causadora de frustração e infelicidade, contribuindo para o aumento da angústia da criança (Giacomoni, 2002). No entanto, embora muitas vezes os adultos pressuponham um sentimento de angústia na criança com a chegada de um irmão, esta situação parece não ter tanta relevância para a mesma.

Neff e Dale (1990, citado em Giacomoni, 2002) através dos questionários efetuados às crianças e aos pais, concluíram que um dos fatores mais receados pelas crianças é a situação de perda de um dos pais. Verifica-se uma pequena mas significativa diferença no bem-estar das crianças que enfrentaram o divórcio dos pais, comparativamente às que cresceram com os dois pais biológicos (The Children's Society, 2009, citado em Rees et al., 2010). Algumas dessas diferenças são maioritariamente evidenciadas durante o “período de crise” inicial, após a separação e tendem a diminuir ao longo do tempo. As crianças (particularmente os rapazes) que lidam com o divórcio dos pais têm maior probabilidade de desencadear problemas de comportamento e dificuldades escolares alguns anos após a separação destes (The Children's Society, 2009, citado em Rees et al., 2010). Contudo, Mooney et al. (2009 citado em Rees et al., 2010) ressalta que as crianças que vivem com ambos os pais num ambiente altamente conflituoso mostram indicadores de bem-estar piores do que aquelas em que as famílias se separaram.

Os eventos de vida diários - em particular os positivos, como desfrutar de um *hobby*, ajudar os outros e conversar com amigos - estão entre os maiores preditores de grande satisfação de vida nas crianças. (McCullough, Huebner & Laughlin, 2000 citado em Park, 2004). De acordo com Park (2004), proporcionar às crianças oportunidades de experienciar eventos positivos diariamente, em família, com os amigos, na escola e na comunidade poderá

ter um efeito cumulativo na construção da satisfação com a vida e eventualmente num desenvolvimento mais positivo.

Além das variáveis já destacadas, as investigações efetuadas sugerem que sendo um conceito multidimensional, a satisfação com a vida nas crianças também pode estar associada a uma grande variedade de outros fatores como a saúde física e a comportamentos saudáveis como o exercício e a alimentação equilibrada (Frisch, 2000 citado em Park, 2004), contribuindo para a diminuição da probabilidade de futuramente a criança ou jovem vir a fumar, consumir bebidas alcoólicas, marijuana ou outras drogas ilegais (Zullig et al., 2001 citado em Park, 2004).

Ferreira (2005), no estudo acerca da perceção de qualidade de vida que realizou com crianças dos 4 aos 6 anos, concluiu que as suas preocupações se centravam em primeiro lugar com o brincar (ócio e atividades recreativas), em segundo com a afetividade dos pais (relações interpessoais) e em terceiro com a sua casa (bem-estar material). O resultado deste estudo mostrou que na visão das próprias crianças o brincar é realmente o fator preponderante para a obtenção da sua felicidade e que a prática de atividade recreativas interfere de forma extremamente positiva na qualidade de vida das crianças desta faixa etária.

A atividade parece de facto emergir como um preditor da felicidade nas crianças e tal facto poderá estar associado aos benefícios físicos e psicológicos que a mesma proporciona, como o aumento da energia, diminuição dos níveis de ansiedade e dos sintomas de depressão. A frequência e o tempo despendido nas atividades, bem como a sua intensidade parecem ser também muito importantes (Holder & Klassen, 2010).

Estudos longitudinais referem a importância de participar em atividades extracurriculares, como desportos de equipa, e envolver-se em atividades significantes e desafiadoras para a maior satisfação de vida nas crianças. A participação em atividades extracurriculares poderá prevenir problemas de internalização (depressão) e externalização (delinquência), especialmente em crianças com relações parentais “desequilibradas” (Park, 2004). Neste contexto o adulto “orientador” desempenha um papel muito importante pelo suporte emocional que pode proporcionar à criança (Mahoney e Stattin, 2000 citado em Park, 2004).

A revisão de literatura efetuada mostra-nos que, tal como nos adultos, o bem-estar subjetivo da criança poderá ser influenciado por uma grande variedade de fatores. Porém, verificamos que na infância este depende sobretudo de uma vida familiar funcional e das experiências que a mesma lhe pode proporcionar. Como refere Rosenberg (2010), alguns segredos-chave estão na efetiva comunicação, no tempo de interação (e.g., refeições em

família, atividades conjuntas), na capacidade de resolução de problemas em conjunto e na harmonia na relação entre os pais. Apoiar e promover famílias positivas, encorajando a adoção de uma parentalidade democrática e uma efetiva comunicação entre os seus membros, evidenciando o suporte emocional e instrumental são algumas das formas de promover a satisfação e o bem-estar nas crianças (Park, 2004).

O presente estudo, tendo como foco o papel das práticas parentais no desenvolvimento e bem-estar subjetivo da criança, pretende conhecer de forma mais profunda a influência das variáveis sociodemográficas, da família (características, estrutura, práticas parentais adotadas e qualidade do relacionamento familiar) e de aspetos relacionados à atividade diária das crianças.

2. Práticas Parentais e Bem-estar Subjetivo da Criança

2. Práticas Parentais e Bem-estar Subjetivo da Criança

2.1 Os Conceitos de Estilos Parentais e de Práticas Parentais

Os pais, como primeira base social dos filhos, têm grande influência no seu processo de desenvolvimento social, cognitivo e psicológico, sendo responsáveis por transmitir as primeiras informações e interpretações sobre o mundo (Salvador & Weber, 2005).

Ao longo das décadas de 40 e 50, sob a influência da teoria psicanalítica, a educação parental ideal era regulada em torno dos desejos naturais da criança e da ilimitada satisfação das suas necessidades, no sentido de um desenvolvimento seguro e saudável da personalidade adulta. À criança deveria ser permitida a máxima liberdade de escolha e de autoexpressão (Baião, 2008; Baumrind, 1966). Contudo, os efeitos nocivos da excessiva tolerância ao nível das práticas dos pais cedo foram reconhecidos, tornando os pais das décadas seguintes mais conscientes dos limites da permissividade (Baumrind, 1966).

Atualmente assiste-se no ocidente a uma alteração nas relações de poder entre pais e filhos, verificando-se a prevalência de dois tipos de atuação: uma baseada na imposição e no controlo, e outra alicerçada na participação e na negociação (Montandon, 2005). Porém, é curioso observarmos que tanto na década de 60 como nos dias de hoje, se continuam a escutar advertências acerca da excessiva liberdade e “rebeldia” da nova geração. Atribuem-se as culpas à debilitação da relação entre educadores e crianças e ao embrandecimento da educação dos pais, quer pela sua falta de tempo e dificuldades atuais, quer pela sua ausência de autoridade (Montandon, 2005).

Este tema levou muitos investigadores a procurar as diferenças entre os estilos parentais e a tentar entender as consequências das diferentes formas de educar dos pais sobre o desenvolvimento dos seus filhos (Instituto Promundo, 2008).

As primeiras investigações sobre a educação infantil e os estilos parentais tiveram início nos anos 40, destacando-se os estudos de A. L. Baldwin, através dos quais foram definidas duas dimensões do comportamento parental (não totalmente independentes), denominadas de: democracia *versus* autocracia e controlo *versus* permissividade (Correia, 2008).

Nos finais dos anos 60, Baumrind (1966) apresenta um modelo teórico composto por três protótipos de controlo parental que fortemente influenciaram as práticas parentais dos

educadores, pais e especialistas do desenvolvimento infantil: permissivo, autoritário e autoritativo (democrático)¹.

No estilo parental permissivo, o padrão parental caracteriza-se por um nível baixo de controlo e de exigência, mas com um nível razoável de afeto e de autonomia (Baião, 2008). Os pais permissivos tendem a agir forma não-punitiva e recetiva perante os impulsos, desejos e comportamentos dos seus filhos. Estes pais discutem com a criança as decisões e explicam as regras familiares. Fazem poucas exigências ao nível da responsabilidade nas tarefas domésticas e do comportamento da criança. Apresentam-se à criança como um recurso para a realização dos seus constantes desejos, mas não como um modelo a imitar, nem como um agente ativo e responsável por moldar ou direcionar o seu presente ou futuro comportamento. Permitem à criança gerir autonomamente as suas próprias atividades, evitam o exercício do controlo e não encorajam a criança a obedecer a normas definidas. Tentam empregar a razão e a manipulação, mas não utilizam o poder para atingir os seus fins. A alternativa ao controlo do adulto, neste exemplo, é a autorregulação da criança (Baumrind, 1996; Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Self-regulation means the right of a baby to live freely, without outside authority in things psychic and somatic. It means that the baby feeds when it is hungry; that it becomes clean in habits only when it wants to; that it is never stormed at nor spanked; that it is always loved and protected (...) I believe the to impose anything by authority is wrong. The child should do anything until he comes to the opinion – his own opinion – that it should be done. (Neill, 1964, citado em Baumrind, 1966, p. 890)

Os pais permissivos apoiam bastante a criança, aceitando todos os seus desejos, mas exercem um controlo fraco, exigindo pouco da mesma (Montandon, 2005).

No estilo parental autoritário, o padrão parental caracteriza-se por um nível elevado de controlo, mas um baixo nível de afeto e vinculação aos filhos (Baião, 2008). Os pais autoritários procuram moldar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança, de acordo com um padrão rígido de normas de conduta estabelecidas, geralmente motivadas e

¹ De forma a evitar que o termo autoritativo seja confundido com autoritário, iremos referir-nos, daqui em diante, ao estilo parental autoritativo como democrático.

formuladas por uma autoridade superior (absolutas). Valorizam a obediência como uma virtude e apoiam a punição e as medidas rigorosas para coibir a vontade própria da criança quando os comportamentos ou crenças desta colidem com o que estes pensam que deve ser uma conduta aceitável. Defendem a importância do respeito pela autoridade, a restrição da autonomia e a atribuição de responsabilidades domésticas como formas de inculcar à criança o respeito pelo trabalho. Exigem a preservação da ordem e da estrutura tradicional. Não encorajam o diálogo ou a troca de opiniões, acreditando que os filhos devem aceitar a palavra dos pais como aquilo que está certo (Baião, 2008; Baumrind, 1966; Weber et al., 2004). Neste modelo os pais controlam muito mas apoiam pouco a criança, educando sem a possibilidade de discussão das regras impostas (Montandon, 2005).

No estilo parental democrático, o padrão parental caracteriza-se por um nível elevado de controlo, de exigência e de encorajamento positivo da autonomia da criança, mas também um nível elevado de comunicação (Baião, 2008). Os pais democráticos procuram direcionar as atividades da criança de uma forma racional, encorajam o diálogo e a troca de ideias e partilham com a criança as razões das regras familiares impostas, solicitando as suas objeções quando esta se recusa a conformar. Tanto a autonomia e a coerência são valorizadas pelos pais democráticos. Além disso, exercem um controlo firme quando surgem divergências entre pais e filhos, reforçando a sua perspetiva enquanto adultos, mas reconhecendo os interesses e características individuais da criança, sem a restringir. Valorizam as qualidades presentes na criança, mas também estabelecem padrões para condutas futuras. Utilizam a razão, o poder e a moldagem através da conduta e do reforço para atingir os seus objetivos e não baseiam as suas decisões em consensos grupais ou nos desejos individuais da criança (Baião, 2008; Baumrind, 1966; Weber et al., 2004). Neste modelo, os pais são exigentes e atentos, simultaneamente controlando e apoiando os seus filhos, estabelecendo regras mas também encorajando sua independência (Montandon, 2005).

Além destes protótipos, alguns anos mais tarde Baumrind (1966) propôs um quarto estilo parental, o indiferente ou não-envolvido (Weber et al, 2004). Este refere-se a pais que têm uma atitude caracterizada pela indiferença ou, até mesmo, pela negligência ou rejeição (Baião, 2008; Montandon, 2005). A negligência é definida pela ausência de reforço, supervisão e interesse dos pais em relação à vida de seu filho, que agem como espectadores e não participantes da educação. Esta prática parental aparece frequentemente associada a problemas de alcoolismo ou toxicod dependência dos pais (Weber et al., 2004). De acordo com Baião (2008) e Brás (2008), estes pais não exigem responsabilidade aos filhos mas também

não encorajam a sua independência. De um modo geral, são pais frios, inacessíveis, indiferentes, centrados neles próprios, pouco promotores de estimulação intelectual e nada envolvidos nas atividades dos seus filhos, não dando à criança os estímulos afetivos de que necessita. Caracterizam-se como muito coercivos e recorrem a castigos ou pressões para evitar que o filho perturbe o seu comodismo.

Os estudos de Baumrind, realizados sobretudo com crianças em idade pré-escolar e respetivas famílias, trouxeram contributos fundamentais para o conhecimento das diferenças e dos resultados dos diferentes estilos parentais no desenvolvimento das crianças. Em 1967, Baumrind investigou a relação entre o comportamento das crianças e as práticas parentais, distinguindo três padrões comportamentais: crianças competentes (com elevada autoconfiança); crianças inibidas (tristes, descontentes e com poucos contactos sociais) e crianças imaturas (com reduzida autoconfiança e autocontrolo) (Correia, 2008). Outros estudos realizados por Baumrind (inclusive um estudo longitudinal) debruçaram-se sobre os efeitos das atitudes e dos comportamentos parentais nas características crianças, demonstrando que as crianças educadas por diferentes estilos parentais diferiam no grau de competência social, sendo o estilo parental democrático considerado o mais positivo, promotor de maior assertividade, maior maturidade, conduta independente e empreendedora e responsabilidade social (Correia, 2008).

Alguns anos mais tarde, Maccoby e Martin (1983) reorganizam os protótipos de Baumrind, subdividindo o estilo parental permissivo em estilo parental indulgente (tolerante) e estilo parental negligente. Os autores fazem ainda a distinção dos diferentes estilos parentais tendo em conta o seu nível de exigência e responsividade. Desta forma, os pais autoritários são considerados exigentes, mas não responsivos em relação aos desejos dos filhos. Pelo contrário, os pais permissivos-indulgentes são responsivos, mas pouco exigentes. Os pais democráticos são exigentes e responsivos, mantendo a reciprocidade e um equilíbrio entre a exigência e a resposta aos pontos de vista e a razoáveis vontades dos filhos. Finalmente, os pais permissivos-negligentes são não considerados exigentes, nem responsivos, procurando evitar a inconveniência, pelo que atendem a todos os seus pedidos imediatos (Weber et al., 2004; Brás, 2008).

Os conceitos de estilo parental e de prática parental foram até então utilizados pelos investigadores como um só. No entanto, em 1993, Darling e Steinberg reforçam a importância da distinção entre os dois conceitos no sentido de melhor se compreender o processo de socialização da criança (Weber et al., 2004; Baião, 2008).

De acordo com as diversas definições apresentadas por Correia (2008) e por Weber e colaboradores (2004), o estilo parental é descrito como o conjunto de valores e atitudes dos pais em relação aos filhos, os quais caracterizam a natureza da sua interação. Neste conjunto estão incluídas as práticas parentais, ou seja, as estratégias que os pais utilizam com o objetivo de suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados, tais como o tom de voz, a linguagem corporal e as expressões espontâneas. Deste modo, através da avaliação dos estilos parentais é possível perceber que práticas parentais são exercidas pelos pais (Brás, 2008).

Os processos primários através dos quais os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança são indiretos. O estilo parental altera a capacidade dos pais de socializar as suas crianças, mudando a eficácia das suas práticas parentais. Nesta perspetiva o estilo parental pode ser entendido como uma variável contextual, moderadora da relação entre práticas parentais específicas e aspetos específicos do desenvolvimento (Borges, 2010).

As práticas parentais têm um efeito direto no desenvolvimento de comportamentos específicos das crianças (desde o comportamento à mesa ao desempenho escolar) e nas características (como a aquisição de determinados valores ou autoestima), acabando por ser os mecanismos através dos quais os pais ajudam, diretamente, as crianças a obter os seus objetivos de socialização (Borges, 2010).

Baião (2008) e Redding (2000) identificam três construtos determinantes da influência das práticas parentais na aprendizagem e no desenvolvimento da criança: o envolvimento parental (relação e comunicação entre os pais e as crianças, empenho dos pais nas atividades e decisões escolares dos filhos); a supervisão parental (supervisão das atividades das crianças depois da escola, rotinas da vida familiar e diárias, relacionadas com o tempo para comer, dormir, brincar, trabalhar); e os objetivos, valores e aspirações parentais (expectativas dos pais acerca do comportamento e desempenho das crianças).

Os pais podem servir-se da combinação de várias estratégias, de acordo com as diferentes situações (Darling & Steinberg, 1993; Alvarenga, 2001; Reppold & cols., 2002; Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002 citados em Weber et al., 2004).

A perceção dos pais acerca das práticas parentais adequadas difere em virtude dos processos únicos de socialização que vivenciaram, o que leva a que cada progenitor tenha um estilo parental próprio na interação que estabelece com o filho (Borges, 2010). Os estudos de Winsler, Madigan e Aquilino (2005) constataram que os pais (masculino) percecionavam as suas mulheres como sendo mais autoritativas, mais permissivas e menos autoritárias do que

eles (o que está de acordo com o estereótipo tradicional do pai como mais autoritário e da mãe como mais permissiva e responsiva), enquanto as mães apenas se percecionavam como sendo mais autoritativas que os pais (masculino).

Os autores afirmam que os pais e as mães podem adotar diferentes estilos parentais em relação aos filhos, sendo que a combinação dos estilos parentais utilizados se relaciona fortemente com o ajustamento emocional das crianças no futuro. Por outro lado, outros criticam esta ideia, defendendo que no seio familiar existe um estilo parental mais comum adotado por ambos os progenitores (Baião, 2008).

Oliveira, (1994, citado em Borges, 2010) refere que

As famílias não funcionam segundo estilos “puros”, apesar da prevalência de um ou outro tipo, ou seja, há pais do tipo “autoritativo/autorizado” que, pontualmente, podem fazer uso de comportamentos mais permissivos ou autoritários e pais autoritários que são pontualmente mais tolerantes, bem como pais permissivos que, uma vez por outra, adotam uma postura mais firme. Deste modo, o importante será reter a ideia de que o plano de atuação que se tem demonstrado mais adequado é o estilo parental “autoritativo/autorizado” por apresentar um equilíbrio entre “a capacidade de respostas e exigências (...). (p.41)

2.2 Fatores Determinantes das Práticas Parentais

Quanto aos fatores que exercem influência nos estilos parentais e nas práticas parentais, as investigações até hoje realizadas apresentam uma multiplicidade de teorias. Estas sugerem que os comportamentos dos pais poderão ser influenciados por inúmeros fatores como: o tipo familiar (família nuclear, monoparental ou reconstituída); a estrutura familiar (número de filhos, ordem do nascimento e género da criança); o historial da família (ciclos de vida marcados por acontecimentos que produzem mudanças ou reestruturações na família como separações, viuvez, recomposição familiar, doença, acidentes ou nascimento de uma criança deficiente); os estereótipos dos pais relativamente ao género da criança; as representações de género dos pais; a aliança parental; as representações que os pais possuem sobre qual a melhor educação a ser oferecida para seus filhos; o contexto económico, social e cultural da

família; e as características da própria criança (Instituto Promundo, 2008; Montandon, 2005; Sampaio, 2007).

O género da criança apresenta-se como uma variável determinante das práticas parentais (Sampaio & Gomide, Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Gomide (2006) - Percurso de Padronização e Normatização, 2007). Neste contexto, Leaper (2002, citado em Correia, 2008) refere algumas das formas em que os pais tendem a tratar diferencialmente os filhos (meninos/meninas):

1) Através de ensinamentos diretos ou da participação acompanhada em práticas culturais (por exemplo o pai ensinar o filho a chutar uma bola ou a mãe ensinar a filha a trocar a fralda a um bebé); 2) tipo de expectativas que os pais estabelecem para os filhos (por exemplo considerarem que as raparigas terão mais dificuldades a matemática ou que os rapazes não choram); 3) tipo de oportunidades que os pais proporcionam e encorajam (por exemplo ao nível do tipo de brinquedos ou das atividades extracurriculares); 4) através da forma como monitorizam e gerem as atividades dos filhos (por exemplo, os pais podem impor mais restrições nas atividades fora de casa às raparigas do que aos rapazes). (p. 5)

Os primeiros estudos efetuados revelaram que tanto o pai como a mãe seriam mais rigorosos com as filhas do que com os filhos, embora não tenham encontrado diferenças significativas quanto à responsividade e cuidados parentais no que se refere ao género da criança (Sampaio, 2007). O nível de escolaridade exigida por ambos os pais também parece ser maior para meninas do que para meninos, embora as mães sejam mais ambiciosas quanto à escolaridade das filhas quando elas próprias são profissionais ativas. Em contrapartida, é esperado que o filho obtenha maior sucesso profissional e financeiro (Sampaio, 2007). Nos estudos de Martin e Johnson (1992, citado em Borges, 2010) realizado com mães de crianças entre os 3 e os 6 anos, os ideais destas relativamente às aprendizagens dos filhos diferiam em função do género das crianças, sendo que às filhas associavam a aprendizagem pela instrução direta, reforço e imitação e aos filhos a aprendizagem pela descoberta, auto – regulação e experimentação.

Correia (2008) acrescenta que geralmente, o estilo parental autoritário é mais utilizado com os meninos e o democrático com as meninas. Este facto poderá ser motivado pelos

estereótipos adquiridos pelos pais, devido às diferenças tradicionalmente estabelecidas entre as responsabilidades e domínios de ação entre homens e mulheres. Os homens são considerados mais dominantes, competitivos e independentes, bem como especialistas em tarefas e em aspetos instrumentais. As mulheres são possuidoras de características como o altruísmo, a empatia e a tendência para o estabelecimento de relações interpessoais (expressividade feminina), assumindo papéis mais expressivos e sócioemocionais (Correia, 2008). Contudo, alguns trabalhos têm mostrado que o rigor dos pais em relação às filhas não é consistente e que a diferença no tratamento das meninas e dos meninos poderá ter a ver com o meio social ou a cultura em que os pais estão inseridos (Montandon, 2005).

Algumas teorias argumentam também que os pais têm preferência por filhos do mesmo género que o seu, sendo que as mães preferem as filhas (meninas) e os pais os filhos (meninos). Embora os pais invistam tanto na menina quanto no menino, parece existir uma tendência do pai para cooperar mais com o filho e da mãe para comunicar mais com a filha. No entanto, certas investigações encontraram interações mais específicas entre a mãe e o filho, demonstrando uma tendência das mães de meninos relatarem maior superproteção e intrusão na vida de seus filhos, julgando que todas as ações e pensamentos destes deveriam ser controlados por elas (Sampaio, 2007).

Alguns estudos demonstraram que as práticas parentais se baseavam igualmente no género dos pais, sendo que as mães revelaram maior tendência para adotar o padrão democrático ou permissivo e os pais tenderiam mais para um estilo parental autoritário. As mães tendem a mostrar-se mais extremistas do que os pais no que se refere à avaliação do comportamento dos filhos, provavelmente por assumirem maior responsabilidade na educação dos filhos (Borges, 2010). Relativamente ao desenvolvimento da criança, o pai mostra maior coerência entre ideias e comportamentos, embora estes nem sempre se adequem ao nível de desenvolvimento da criança, enquanto a mãe, apesar de não ser tão coerente nesse aspeto, manifesta maior empatia pelos sentimentos dos filhos (Borges, 2010). “Enquanto as ações do pai assentam sobretudo em ideias, a mãe tende a agir com base na sua experiência” (Borges, 2010, p.45).

Leaper (2002, citado em Borges, 2010) analisou as diferenças das práticas parentais em função do género dos pais a nível das conceções acerca do desenvolvimento, da autonomia, da estimulação da linguagem e dos tipos de brincadeira, tendo verificado o que a seguir se resume:

A nível da linguagem, a mãe estimula mais a verbalização da criança do que o pai, especialmente em relação às filhas, o que se pode dever não só ao facto de as mães serem geralmente mais conversadoras do que os pais, mas também pela preferência das filhas em conversar com a mãe. Para além disso, a mãe revela maior cuidado em ajustar as suas respostas às questões da criança, recorrendo também a estratégia pergunta – resposta, o que contribui para a expansão do vocabulário da criança, bem como para a complexificação do seu raciocínio.

Em relação aos progressos de aprendizagem a mãe tende a elogiar mais a criança do que o pai.

Quanto à expressão de afeto através do contacto físico é, também, mais frequente na díade mãe – filha do que na díade mãe – filho, embora o pai tenda a manifestar maior contacto físico com a filha do que com o filho.

O tipo de atividades, metas educativas e tarefas familiares variam consoante o género da criança, sendo os rapazes mais estimulados para a realização, a competição, a independência, a responsabilidade e o controlo da expressão dos afetos e as raparigas para a obediência, a afetuosidade, a simpatia e o altruísmo.

Por fim, os pais tendem a conceder maior liberdade, autonomia e independência aos rapazes do que às raparigas que são mais supervisionadas.

Embora as investigações do Instituto Promundo (2008) demonstrem que as famílias com maior equidade de género – ou seja – onde homens e mulheres participam de forma mais equitativa na vida doméstica e laboral – são geralmente as que utilizam práticas parentais mais democráticas e participativas nas relações adulto-criança e, como tal, espelham resultados mais positivos no desenvolvimento da criança, constata-se, ainda, a “predominância de algum conservadorismo social e um baixo nível de igualitarismo nas representações sociais das práticas associadas às mulheres e aos homens em contexto familiar, profissional e social.” (Borges, 2010, p. 47)

Já a ordem de nascimento dos filhos parece surtir um efeito relevante nas práticas parentais. A literatura refere que o filho primogénito, principalmente do género masculino, é o que recebe maior investimento dos pais. Embora estes tenham a intenção de investir de forma igualitária nos filhos, verifica-se, por vezes, que é justamente essa tentativa “igualitária”, que gera desigualdades em algumas situações (Sampaio, 2007).

Por este motivo, o tamanho da família (aliado à ordem de nascimento) também poderá ser um fator determinante das práticas parentais. Verifica-se maior desigualdade no investimento

dos pais quando existem três ou mais filhos na família, uma vez que os do meio nunca chegam a usufruir da oportunidade de serem os “únicos” a receber o investimento dos pais, tendo sempre de dividi-lo com o(s) irmão(s) mais velho(s) ou o(s) mais novo(s). Por sua vez, o filho mais velho (primogénito) pode ser prejudicado em relação à falta de liberdade e o mais novo pode sofrer com a menor disponibilidade dos pais em cuidá-lo, especialmente no início da vida. Esta situação ocorre com maior frequência quanto maior for o tamanho da família (Sampaio, 2007).

A aliança parental ou coparentalidade, ou seja, a forma como os pais se relacionam entre si ao nível do envolvimento e cooperação no processo de parentalidade e educação dos seus filhos (sejam estes casados, separados ou divorciados), também se mostra um fator determinante dos estilos parentais e das práticas parentais. Esta verifica-se quando

- (a) ambos os pais investem na criança, (b) ambos os pais valorizam o envolvimento do outro com a criança, (c) ambos os pais respeitam a opinião do outro pai em relação à criança e (d) ambos os pais desejam comunicar um com o outro. (Abidin, 1995, citado em Baião, 2008)

Alguns investigadores encontraram diferenças entre o pai e a mãe ao nível da perceção da coparentalidade, sendo que as mães se revelam mais conscientes da mesma, provavelmente pelo facto da parentalidade trazer maiores mudanças para a sua vida (ficar em casa com o bebé, amamentar, realizar as tarefas domésticas) (Borges, 2010). Os estudos mostram também que a aliança parental pode influenciar positivamente ou negativamente os estilos parentais e as práticas parentais que os pais adotam em relação aos seus filhos, o que se irá refletir, por sua vez, no comportamento e desenvolvimento dos mesmos (Baião, 2008; Brás, 2008). Por este motivo, uma aliança parental forte pode diminuir os efeitos negativos que determinados conflitos conjugais possam causar nas crianças (Brás, 2008).

Outros investigadores sugeriram que o divórcio dos pais poderia ter efeitos negativos sobre as suas práticas parentais, embora esta teoria também tenha sido rebatida pelo facto desta situação provavelmente estar associada aos transtornos que lhe são associados como a degradação da situação financeira do pai ou da mãe que tem a guarda ou a rutura dos vínculos sociais do pai, da mãe e da criança, provocada pela mudança de casa, (Montandon, 2005). O Instituto Promundo (2008, p.10) refere que

as separações e rupturas dos pais não são necessariamente problemáticas em si, o problema reside na falta de explicação sobre os motivos das separações para as crianças e de um diálogo em que elas possam entender melhor e expressar seus sentimentos a respeito da situação vivida.

A classe social da família também foi sugerida como uma variável determinante das práticas parentais, sugerindo-se que os pais da classe média tenderiam a manifestar maior autocontrolo nas suas interações com a criança, chamando-a à razão, exercendo uma disciplina dentro de limites claramente definidos, recorrendo à negociação, à punição e à recompensa, considerando as motivações da criança e fazendo planos para o seu futuro. Por outro lado, os pais da classe baixa seriam menos propensos a elaborar um projeto educativo para seus filhos e a dedicar tempo para lhes explicar os motivos das suas exigências, tenderiam a satisfazer os desejos da criança e a puni-la sem refletirem acerca das suas consequências (Montandon, 2005).

As linhas orientadoras das práticas parentais também podem ser influenciadas pelas memórias dos pais (boas ou más) em relação ao passado, conduzindo à mimetização da educação recebida ou à sua negação (Borges, 2010).

Os pais educados em ambientes de elevada severidade e intolerância tendem a praticar o extremo oposto destas práticas, o da tolerância total ou permissividade que, com elevada probabilidade, desencadeará igualmente na criança uma postura de domínio, controle e manipulação dos seus progenitores. Por outro lado, as práticas parentais assentes em regras inquestionáveis e imutáveis, aplicadas de forma intransigente e com um cariz de obrigatoriedade, submissão total e sem espaço para negociação (assente no poder dos progenitores, que não abdicam dessa prerrogativa), acarretam igualmente efeitos negativos sobre a criança. (Borges, 2010, p. 39)

Por sua vez, as representações que os pais têm da infância, dos filhos ou ainda da autoridade e que influenciam as suas práticas parentais, também são determinadas pela cultura em que estão inseridos (Montandon, 2005). Alguns estudos demonstram que a nível do desempenho escolar, o estilo parental democrático é mais positivo nas crianças americanas,

européias e hispânicas do que para as de origem asiática ou africana, sendo que para estas o estilo parental autoritário revela-se mais benéfico (Esteves, 2010; Montandon, 2005).

Ao longo da revisão de literatura efetuada, apercebemo-nos que alguns autores ponderam a existência de uma perspetiva bidirecional, colocando a possibilidade de não serem apenas as práticas parentais a influenciar o comportamento dos filhos, mas também as características individuais e as diferenças nos comportamentos das crianças a influenciar as atitudes e as práticas parentais (Bastos, Urpia, Pinho, & Filho, 1999; Borges, 2010; Correia, 2008; Montandon, 2005). De acordo com os estudos, os meninos mostram uma maior tendência para apresentar problemas de comportamento e dificuldades no controlo emocional, enquanto as meninas tendem a manifestar “problemas de personalidade” (desobediência, mau humor, nervosismo, apego excessivo à mãe), o que pode condicionar o modo de atuação dos pais (Bastos et al., 1999). Porém, este facto ainda não pôde ser comprovado, dado que os estudos efetuados avaliam uma única criança nas famílias estudadas, não permitindo saber os pais atuam da mesma forma com os outros filhos ou se adaptam a sua atitude em função de cada criança (Montandon, 2005).

Umberson e Gove (1989) referem também que os adultos com crianças em casa manifestam-se mais infelizes e insatisfeitos com a sua vida, revelando maior nível de preocupação e ansiedade. De acordo com os autores, esta situação pode dever-se a fatores económicos, nomeadamente à necessidade de maiores restrições e dificuldades adjacentes, e a uma maior tensão psicológica pelo facto de as crianças exigirem um tempo e energia consideráveis, especialmente durante o período pré-escolar. McLanahan e Adams (1987, citado em Umberson & Gove, 1989) também defendem que a parentalidade poderá estar associada à restrição de oportunidades de carreira e educação, conflito de papéis e discussões entre o casal acerca da divisão de tarefas.

Embora estes fatores possam de algum modo afetar o desempenho da parentalidade, parece não existir ainda um consenso entre os investigadores relativamente a esta questão, sendo que alguns estudos apontam a parentalidade como uma importante fase do desenvolvimento humano, incitadora de comportamentos saudáveis e promotora de bem-estar, proporcionando ao indivíduo um sentimento de propósito assim como um conjunto de importantes obrigações (Umberson & Gove, 1989).

Por fim, é importante salientar que realidade do contexto familiar não poderá ser vista como estanque, sofrendo alterações ao longo do tempo, dado que os acontecimentos de vida vão produzindo transformações nas relações, reestruturações e mudanças nas práticas

parentais, existindo períodos estáveis, de reorganização e outros de crise, modificando as interações dentro da família (Montandon, 2005) .

2.3 Influência dos Estilos Parentais e das Práticas Parentais no Desenvolvimento e Bem-estar da Criança

Diversos estudos foram realizados com base no impacto dos estilos parentais e das práticas parentais em diferentes áreas do desenvolvimento da criança (Borges, 2010). A maioria dos estudos confirma que a conduta dos pais em relação aos filhos pode, de facto, afetar todo o seu desenvolvimento (Montandon, 2005).

Ao nível da socialização, o estilo parental adotado pelas famílias influencia a forma como a criança se socializa com os próprios pais e com os pares, podendo desenvolver tanto comportamentos pró sociais como antissociais, dependendo da frequência e intensidade com que os pais o utilizam (Baião, 2008).

A superproteção, rejeição, ansiedade ou falta de afeto dos pais, por vezes associados a problemas depressivos, podem gerar na criança sentimentos de medo e frustração, sendo a intensidade da sua reação moderada pelo género. Desta forma, os meninos tendem a apresentar maiores níveis de externalização de comportamento (comportamento destrutivo, agressivo e antissocial) e as meninas de internalização (sentimentos de ansiedade e depressão) (Sampaio, 2007).

Weber e colaboradores (2004) referem que os estilos parentais adotados pelos pais podem ser determinantes do estilo parental que os filhos vão adotar no futuro, ocorrendo uma transmissão intergeracional de estilos parentais. No entanto, as relações que a criança estabelece além dos pais, como com os avós, familiares próximos ou até mesmo na escola, também podem reduzir, anular, ampliar o efeito do estilo parental (Montandon, 2005).

Os estudos efetuados em torno dos efeitos dos estilos parentais mostram que o estilo parental democrático é aquele que gera filhos com melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental, mais competentes e confiantes nas suas capacidades (Brás, 2008). De acordo com os investigadores, os filhos de pais que adotam o estilo parental democrático demonstram uma autoestima mais elevada, são mais independentes e também podem apresentar um comportamento mais altruísta (Instituto Promundo, 2008). A nível do desempenho escolar, o estilo parental democrático revela também um impacto positivo, apresentando “um nível elevado de segurança emocional, que dá aos filhos um sentido de

conforto e independência, importantes para o sucesso escolar” (Rodrigues, 2008, citado em Borges, 2010, p. 41).

O estudo de Simons e Conger (2007, citado em Correia, 2008) demonstrou que ter os dois pais de estilo parental democrático levava a resultados mais positivos nos adolescentes. No entanto, ter pelo menos um pai de estilo parental democrático, em muitos casos, já servia como fator protetor das consequências negativas associadas ao estilo parental permissivo, autoritário ou negligente adotado pelo outro progenitor.

Por outro lado, os filhos de pais que adotam o estilo parental autoritário revelam maiores dificuldades na escola e no relacionamento com os outros, exteriorizando uma baixa autoestima e manifestando tanto comportamentos de externalização (agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira) como de internalização (retração social, depressão, ansiedade) (Instituto Promundo, 2008; Montandon, 2005; Weber et al., 2004).

Os filhos de pais permissivos-indulgentes também apresentam resultados negativos semelhantes, revelando dificuldades na escola e na assunção de responsabilidades, menor independência, comportamentos agressivos, imaturidade no relacionamento com os pares, menor capacidade de autorregulação e baixa capacidade de reação aos conflitos (Instituto Promundo, 2008; Weber et al., 2004;).

E, por último, os filhos de pais permissivos-negligentes são os mais afetados, revelando menor desempenho em todos os domínios (Weber et al., 2004). Estas crianças tendem a ser antissociais, tristes, frustradas, inseguras e desorientadas, podendo mais facilmente manifestar problemas de comportamento (como a delinquência), baixo rendimento escolar, sintomas depressivos, baixa autoestima, atraso no desenvolvimento, problemas afetivos e maior índice de stresse (Brás, 2008; Salvo, Silves, & Toni, 2005; Weber et al., 2004).

Curiosamente, o efeito do estilo parental adotado também parece variar de acordo com o género da criança, sendo que o padrão permissivo parece fomentar resultados mais negativos nos rapazes do que nas raparigas e o estilo parental autoritário resultados mais negativos nas meninas. Relativamente ao estilo parental democrático, os meninos revelam-se amigáveis, cooperativos, sociáveis e orientados para o sucesso, não sendo, no entanto, tão dominantes e independentes como seria desejável e as raparigas mostram-se independentes, orientadas para a concretização de objetivos e, embora amigáveis, não muito obedientes (Correia, 2008).

Especificando os efeitos do comportamento dos pais ao nível das suas práticas parentais, Alvarenga (2001) e Gomide (2003) fazem a distinção entre práticas parentais positivas ou não-coercitivas (as que têm um efeito favorável no desenvolvimento da criança) e práticas

parentais negativas ou coercitivas (as que podem originar consequências nocivas ao longo do seu crescimento) (Weber et al., 2004; Salvador & Weber, 2005).

Desta forma, são consideradas práticas parentais negativas, as que motivam o comportamento antissocial da criança como a negligência, a disciplina branda, a tutoria stressante a punição e o abuso físico e psicológico. Estas são frequentemente causadoras de stresse, ansiedade, agressividade e menor competência social na criança (Salvo et al., 2005) e estão associadas com maior frequência aos estilos parentais permissivo (indulgente e negligente) e autoritário.

A disciplina branda é caracterizada pela dificuldade dos pais em manter as regras estabelecidas perante a oposição ou comportamentos agressivos dos filhos. Esta prática transmite à criança insegurança e promove o risco de desenvolvimento de transtornos de ansiedade, depressão ou outros comportamentos delinquentes (Salvo et al., 2005).

As tentativas de controlo psicológico (indução de culpa, retirada de amor) mantêm a dependência emocional da criança em relação aos pais, inibindo ou interferindo no desenvolvimento da sua independência e no seu autodirecionamento, impedindo a emergência da autonomia psicológica e contribuindo para sentimentos de angústia e inadequação (Salvo et al., 2005). O excesso de controlo sobre a vida dos filhos e a exagerada repetição de instruções pronunciadas em tom hostil e de cobrança, independente destas serem seguidas ou não, também podem originar ambientes familiares tensos e a ausência de diálogo, levando, por vezes, os filhos a atuar de forma mais agressiva para proteger a sua privacidade (Gomide, 2003, citado em Salvo et al., 2005). Como refere Gomide (2004), quando os filhos são extremamente controlados, não se sentem amados, mas pelo contrário, encaram essa atitude dos pais como falta de amor e de respeito (Salvo et al., 2005).

As punições que são utilizadas para constranger, humilhar ou depreciar as crianças podem gerar não só sentimentos de infelicidade, medo, raiva e fracasso (Severe, 2000), debilitando a autoestima e autoconfiança da criança, como também problemas comportamentais (hiperatividade, agressividade, contrariedade, opressão, depressão, inflexibilidade emocional e intelectual, autodestruição e destruição dos demais) ou até mesmo doenças (Sidman, 2001, citado em Salvador & Weber, 2005). Além disso, em lares onde se utiliza frequentemente a punição, a simples presença do agente punidor pode-se transformar em punição, tornando-se um estímulo aversivo que leva a criança a temer, odiar e a evitar os pais (Salvador & Weber, 2005).

Muitos autores alertam para os efeitos negativos da punição. “Uma ação punida pára imediatamente, ajudando a criar a ilusão de que a punição realmente cumpre sua tarefa” (Salvador & Weber, 2005, p. 344), contudo, as consequências da punição anulam facilmente os benefícios que poderiam trazer e não oferecem caminhos alternativos de ação para a criança, dificultando a sua adaptação construtiva na sociedade (Salvador & Weber, 2005). Quando a punição é inconsistente, aplicada consoante o humor dos pais e não de acordo com o comportamento da criança, fomenta nesta a dificuldade em saber como agir e discernir o comportamento certo do errado, não eliminando o comportamento indesejado (Gomide, 2001, 2003, citado em Salvo et al., 2005).

A punição física utilizada como forma de corrigir os comportamentos indesejáveis dos filhos e o abuso físico consistente, que resulta do aumento da frequência e intensidade da punição física quando o agente punidor (pai ou mãe) não consegue atingir os resultados esperados (Salvador & Weber, 2005), podem desencadear comportamentos delinquentes, distúrbios psiquiátricos, problemas de saúde, e défices cognitivos e socioemocionais. Gomide (2004) acrescenta que esta atitude pode também tornar a criança apática, medrosa e desinteressada, já que esta não aprende a discriminar os comportamentos corretos dos incorretos e perde a reação à agressão a que é sujeita (Salvo et al., 2005). O uso da punição física transmite à criança que o comportamento agressivo é correto e natural, podendo ser utilizado para resolver os problemas (Salvador & Weber, 2005).

Quanto às práticas parentais positivas, as que contribuem para um adequado desenvolvimento pró-social da criança, destacam-se a tutoria positiva, o comportamento moral (normas e valores transmitidos), o reforço positivo, o estabelecimento de regras, o relacionamento estreito entre os membros da família e as demonstrações de afeto e carinho dos pais (Gomide, 2003, 2004 citado em Salvo et al., 2005). Estas práticas estão geralmente associadas ao estilo parental democrático.

O comportamento moral, ou seja, as normas e valores transmitidos pelos pais através das suas próprias atitudes, como a justiça, a generosidade e a empatia, promovem na criança sentimentos de remorso, vergonha, empatia, honestidade, generosidade, crenças positivas sobre o trabalho e ausência de práticas antissociais (Gomide, 2011 citado em Salvo et al., 2005). Nos resultados dos estudos de Salvo e colaboradores (2005), o comportamento moral e a tutoria positiva materna surgem como preditores de atividades e de competências sociais na criança.

Gomide (2004) salienta a importância de os pais refletirem junto à criança sobre seus comportamentos, ensinando-a a se colocar no lugar dos outros e propiciando situações para que ela repare seus atos no intuito de promover reflexões, desenvolver a empatia e em consequência o comportamento moral. (Salvo et al., 2005, p. 188)

O reforço positivo constitui uma excelente técnica de controlo e modelagem de comportamento, podendo ser utilizado pelos pais para incentivar e fortalecer comportamentos desejáveis dos seus filhos, e também para desencorajar e substituir os indesejáveis. De acordo com os vários autores, esta técnica poderá proporcionar inúmeros efeitos positivos no desenvolvimento das crianças, tais como maior felicidade, autoestima, capacidade de resolução de problemas, motivação, responsabilidade, autoconfiança e sentimento de competência e sucesso (Salvador & Weber, 2005). Por outro lado, o efeito benéfico do reforço positivo recebido em casa espelha-se em outras esferas da vida da criança, sendo que as crianças que recebem mensagens positivas dos seus pais elogiam mais os outros, possuem mais colegas na escola e recebem, também, mais elogios, o que contribui para aumentar, ainda mais, a sua autoestima e o seu bem-estar (Salvador & Weber, 2005).

As regras são também muito importantes para o desenvolvimento das crianças e o seu cumprimento deve ser reforçado pelos pais. Quando as regras são justas e racionais, transmitidas com uma linguagem compreensível, a criança aprende facilmente em que condições certos comportamentos devem, ou não, ser emitidos (os limites), além de saber porque razões poderá ser reforçada ou punida (Sousa & Baptista, 2001 citado em Salvador & Weber, 2005). Além disso, dentro dos comportamentos proibidos, ela conhece quais são os menos aceitáveis e aprende a fazer discriminações morais (Salvador & Weber, 2005). Matos (2001 citado em Salvador & Weber, 2005) enfatiza que o cumprimento de regras também depende da habilidade ou capacidade dos pais em ensinar à criança a cumprir com as consequências previstas e da confiança que esta deposita nos pais. O desacordo entre o pai e a mãe acerca das regras impostas poderá ser um fator desestabilizador, uma vez que além de transmitir insegurança, também pode afetar a criança pelo facto desta se culpabilizar pela discussão entre os pais. Por outro lado, a dificuldade ou angústia dos pais ao fazerem cumprir as regras poderá afetar o comportamento da criança, já que esta se sente “omnipotente” no sentido de manipular e submeter os pais à sua vontade (Borges, 2010).

A comunicação pode ser fonte de informações, orientações, aprendizagens, reforços, estabelecimento de regras, entre outros. Os pais que promovem uma comunicação positiva,

incentivando o diálogo entre pai/mãe-filho(a), fortalecem a sua relação e tornam os seus filhos mais competentes e seguros. Por outro lado, quando os pais escutam e dão atenção ao que a criança diz, estão a ser um modelo, fazendo com que a criança aprenda também a escutá-los quando é necessário. A responsividade dos pais também aparenta ser responsável por um QI mais elevado e um desenvolvimento cognitivo e da linguagem mais rápido nos filhos. Estas crianças apresentam um apego seguro, são mais obedientes aos pedidos dos adultos e são socialmente mais competentes (Instituto Promundo, 2008).

Em suma, as práticas parentais negativas são caracterizadas tanto pelo desinteresse e ausência de afeto, bem como pela falta de confiança e respeito dos pais pelos direitos da criança. Os sintomas ou resultados dessas práticas nas crianças, surgem como uma resposta de fuga a situações nas quais o controle parental não tem consistência (Salvo et al., 2005). Por sua vez, as práticas parentais positivas distinguem-se pelo interesse e acompanhamento dos pais, que demonstram o seu afeto e manifestam confiança e respeito pelos direitos da criança, fazendo com que esta se sinta segura, amada e protegida (Salvador & Weber, 2005; Weber et al., 2004). “O apoio e o amor dos pais são a base da tutoria positiva, que, unida ao interesse real pela criança, cria o ambiente propício para a revelação infantil e afasta a necessidade da fiscalização estressante por parte dos pais” (Salvo et al., p.188). Alguns autores afirmam que quando a criança se sente amada pelos seus pais e vive num ambiente caloroso e acolhedor, compreende melhor os seus valores morais e aceita com maior facilidade as suas orientações e punições, uma vez que sabe que estes estão agindo com amor e preocupação (Salvador & Weber, 2005).

As crianças que vivem no seio de uma família não-coercitiva apresentam melhores resultados escolares, atitudes mais positivas relativamente à educação, aspirações mais elevadas, níveis mais elevados de autoestima, de autoconfiança e de competência social, estratégias de *coping* ativas, menos problemas de internalização e de externalização (Baião, 2008).

II. Estudo Empírico

3. Metodologia

3. Metodologia

3.1 Objetivos e Hipóteses da Investigação

Esta investigação teve como objetivo geral o estudo descritivo do bem-estar subjetivo em crianças de idade pré-escolar. Pretendeu-se, ainda, avaliar o impacto do contexto familiar (práticas parentais) no bem-estar subjetivo da criança, bem como conhecer as necessidades/dificuldades sentidas pelos pais (ou seus substitutos) ao nível da educação e da promoção do desenvolvimento das mesmas. Para tal, delimitámos como objetivos específicos:

- Avaliar o índice de bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar;
- Avaliar a influência das práticas parentais no bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar;
- Avaliar a variância dos resultados do bem-estar subjetivo da criança em função do género e da idade;
- Identificar dificuldades e benefícios sentidos pelos pais na promoção do bem-estar subjetivo das crianças;
- Avaliar a associação entre o bem-estar subjetivo da criança com o bem-estar subjetivo dos pais.
- Caracterizar práticas parentais dos pais de crianças em idade pré-escolar.

Tendo em conta os fundamentos teóricos obtidos a partir da revisão de literatura previamente efetuada, formulou-se como hipóteses de investigação as seguintes:

Hipótese 1 – As práticas parentais que se enquadram no estilo parental democrático apresentam melhor poder preditivo do bem-estar subjetivo da criança do que as demais práticas.

Hipótese 2 – As práticas parentais são melhores preditores do bem-estar subjetivo da criança do que o nível de bem-estar subjetivo dos próprios pais, os fatores demográficos, a estrutura familiar, as variáveis do contexto da educação pré-escolar e o tempo de interação dos pais com os seus filhos.

Para a concretização das hipóteses e dos objetivos formulados propôs-se realizar uma investigação composta por dois estudos: um de natureza qualitativa e outro de natureza quantitativa. O estudo qualitativo, realizado com recurso a entrevistas individuais, pretendeu

conhecer a autoperceção das crianças acerca do conceito de felicidade, os indicadores de bem-estar subjetivo das crianças, os fatores sociodemográficos e as práticas parentais mais relevantes na variância do bem-estar subjetivo das crianças e, ainda, eventuais dificuldades e necessidades sentidas pelos pais na promoção do bem-estar subjetivo dos seus filhos.

O estudo quantitativo teve como finalidade recolher dados acerca do nível de bem-estar subjetivo das crianças e dos respetivos pais (ou seus substitutos) e ainda fazer um levantamento das práticas parentais adotadas.

A amostra foi recrutada num jardim-de-infância da cidade de Faro, no ano letivo de 2011/2012, a partir da população de crianças das três salas de educação pré-escolar dessa instituição que cumprisse o requisito ao nível da faixa etária estabelecida para este estudo, dos 4 aos 5 anos. A população de onde foi extraída a amostra era constituída por 80 crianças.

3.2 Participantes

Participaram neste estudo 55 crianças, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos de idade residentes no concelho de Faro e respetivos pais (o pai ou a mãe) ou substitutos que residem e participam diretamente na sua educação. Por motivos de não devolução dos instrumentos distribuídos a amostra de cuidadores ficou constituída por 51 participantes: 43 (84,3%) mães, 7 (13,7%) pais e 1 (2%) avó.

Os resultados da distribuição da amostra de crianças por idade e por género são apresentados na tabela 3.1.

Tabela 3.1

Distribuição da amostra de crianças por idade e por género

Idade	Género					
	Amostra		Feminino		Masculino	
	N	(%)	n	(%)	n	(%)
4 anos	31	56,4	16	29,1	15	27,3
5 anos	24	43,6	12	21,8	12	21,8
Total	55	100	28	50,9	27	49,1

A distribuição das crianças pelas diferentes faixas etárias revela 31 (56,4%) crianças de 4 anos e 24 (43,6%) crianças de 5 anos. A média das idades das crianças é de 4,44 (DP =.50).

Quanto à distribuição pelo género, 28 (50,9%) crianças da amostra são do género feminino e 27 (49,1%) são do género masculino.

Em termos da distribuição dos participantes em função do género pelas duas faixas etárias, verifica-se que na faixa etária dos 4 anos há 16 (29,1%) crianças do género feminino e 15 (27,3%) crianças do género masculino e na faixa etária dos 5 anos há 12 (21,8%) crianças do género feminino e 12 (21,8%) crianças do género masculino.

Quanto à estrutura familiar, verifica-se uma maior percentagem de famílias intactas², com 32 (59,3%) casados e 15 (27,8%) em união de facto. Uma menor percentagem de famílias monoparentais³ (n=7; 13%), em resultado de situação de separação ou divórcio⁴.

O tempo união de facto ou casamento nas famílias intactas situa-se entre 1 a 17 anos, apresentando uma média de 8,45 anos (DP= 3,58).

Relativamente ao número de irmãos (incluindo-se o meio-irmão), 24 (43,6%) crianças da amostra não têm irmãos, 24 (43,6%) têm 1 irmão, 6 (10,9%) crianças têm 2 irmãos e apenas 1 (1,8%) tem 4 irmãos. Posicionando as crianças com irmãos na fratria, 18 (32,7%) ocupam o lugar de irmão mais novo, 10 (18,2%) ocupam o lugar do irmão mais velho e apenas 3 (5,5%) ocupam o lugar do meio.

A idade dos pais oscila entre 26 e 50 anos e a idade das mães oscila entre 25 e 46 anos. A média de idade dos pais é 37,57 (DP = 5,11) e a média de idade das mães é 36,33 (DP = 4,64). Inclui-se, na amostra, um respondente com 64 anos que ocupa o lugar de substituto do pai, a avó materna.⁵

Tanto os pais (n=45; 91,8%) como as mães (n=45; 91,8%), bem como a participante avó (n=1; 100%) apresentam na sua maioria nacionalidade portuguesa. Apenas 4 mães (8,2%) e 4 pais (8,2%) apresentam outra nacionalidade.

Os resultados da distribuição dos pais em função das habilitações, da situação profissional e do rendimento mensal são apresentados na tabela 3.2.

As habilitações académicas dos pais foram codificadas segundo seis categorias: ensino básico, ensino secundário, bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento (completos). As habilitações dos pais distribuem-se por ordem decrescente em Licenciatura (n=17; 36,2%),

² Consideraram-se famílias intactas aquelas cujos pais biológicos indicam estar casados ou em união de facto.

³ Consideraram-se famílias monoparentais aquelas cujos pais biológicos indicam estar separados ou divorciados, sendo que a criança vive apenas com o pai ou com a mãe.

⁴ Embora no questionário o estado civil atual do pai e da mãe seja solicitado individualmente (solteiro; casado; união de facto; recasado; divorciado; separado; viúvo), na análise descritiva é apenas considerada a situação relacional atual dos pais biológicos da criança, nomeadamente se estão casados, em união de facto, separados ou divorciados.

⁵ Apesar de na caracterização da amostra este participante ser descrito de modo isolado, na análise de resultados das variáveis psicológicas, as respostas deste são consideradas na categoria de pai.

Ensino Básico (n=13; 27,7%), Ensino Secundário (n=8; 17,0%), Bacharelato (n=4; 8,5%), Mestrado (n=3; 6,4%) e Doutoramento (n=2; 4,3%). As habilitações das mães distribuem-se maioritariamente por Licenciatura (n=32; 60,4%), e Ensino Secundário (n=14; 26,4%). As restantes apresentam habilitações distribuídas pelo Ensino Básico (n=4; 7,5%), Bacharelato (n=2; 3,8%) e Doutoramento (n=1; 1,9%). Não se observa qualquer mãe com a habilitação de Mestrado. A avó, substituta do pai, possui o ensino secundário (n=1; 100%).

Tabela 3.2

Distribuição dos pais em função das habilitações, da situação profissional e do rendimento mensal

Situação profissional		Pai		Mãe		Avó	
		n	(%)	n	(%)	n	(%)
Habilitações profissionais	Ensino Básico	13	27,7	4	7,5	-	-
	Ensino Secundário	8	17	14	26,4	1	100
	Bacharelato	4	8,5	2	3,8	-	-
	Licenciatura	17	36,2	32	60,04	-	-
	Mestrado	3	6,4	0	0	-	-
	Doutoramento	2	4,3	1	1,9	-	-
Situação laboral	Trabalhador CO	40	80	38	73,1	-	-
	Trabalhador ID	7	14	8	15,4	-	-
	Desempregado	3	6	6	11,5	1	100
	Reformado	0	0	0	0	0	0
Estatuto ocupacional	Tempo inteiro	44	95,7	39	95,1	0	0
	Tempo parcial	2	4,3	2	4,9	0	0
Rendimento mensal	Acima de 1000 euros	29	61,7	24	50	1	100
	Entre 750 e 1000 euros	14	29,8	12	25	0	0
	Entre SMN e 750 euros	4	8,5	9	18,8	0	0
	SMN	0	0	3	6,3	0	0
	RSI	0	0	0	0	0	0

Legenda: Trabalhador CO = Trabalhador por Conta de Outrem; Trabalhador ID = Trabalhador Independente; SMN = Salário Mínimo Nacional; RSI = Rendimento Social de Inserção.

Ao nível da situação laboral, 40 (80%) pais e 38 (73,1%) mães trabalham por conta de outrem. Como trabalhadores independentes apresentam-se 7 (14%) pais e 8 mães (15,4%). Em situação de desemprego encontram-se 3 (6%) pais, 6 (11,5%) mães e a avó. Nenhum pai ou mãe está reformado.

Analisando ao estatuto ocupacional das famílias, verificamos que em maior percentagem tanto os pais (n=44; 95,7%) como as mães (n=39; 95,1%) trabalham a tempo inteiro. Apenas 2 (4,3%) pais e 2 (4,9%) mães trabalham a tempo parcial.

A nível do rendimento mensal a amostra corresponde na sua maioria ao padrão médio-alto, apresentando uma maior percentagem de rendimento acima de 1000 (pais: n=29; 61,7%

e mães: n=24; 50% e também a avó). Os restantes rendimentos distribuem-se entre 750 e 1000 euros (pais: n=14; 29,8% e mães: n=12; 25%) e entre o salário mínimo nacional e os 750 euros (pais: n=4; 8,5% e mães: n=9; 18,8%). Apenas 3 (6,3%) mães recebem o salário mínimo nacional.

3.3 Instrumentos

Para a escolha dos instrumentos necessários para a investigação, procedeu-se a uma revisão de literatura e à pesquisa de estudos já efetuados nos domínios que nos propusemos investigar. Considerando os critérios de acessibilidade e validação para a população portuguesa, selecionámos cinco instrumentos para o estudo quantitativo.

Para o estudo do bem-estar subjetivo das crianças, utilizou-se a *Escala de Afeto para Crianças (PANAS)* e a *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças* de Giacomoni (2002). Por sua vez, para o estudo do bem-estar subjetivo dos pais, utilizou-se respetivamente a *Escala de Afetos Positivos e Negativos (PANAS)* de Galinha e Pais-Ribeiro (2005) e a *Escala de Satisfação com a Vida* de Simões (1992). Para a avaliação das práticas parentais foi utilizado o *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (PSDQ)* adaptado para a população portuguesa por Miguel et al. (2009).

Para além dos instrumentos mencionados, foram ainda selecionados dois instrumentos para recolha de dados qualitativos. Foi utilizado o *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual* proposto por Giacomoni (2002) para recolha de dados relativos à autoperceção da criança acerca do conceito de felicidade e indicadores de bem-estar subjetivo e um *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual* que teve como referência o questionário sociobiográfico e de avaliação do bem-estar parental (QSAIBEP) desenvolvido por Borges (2010).

Uma vez que as crianças da amostra selecionada, devido à sua faixa etária, tinham algumas dificuldades em compreender e fornecer a sua resposta através da escala de *likert* constante nos questionários quantitativos, optámos por complementar esta com uma escala de graduação de níveis por círculos (do menor ao maior) da mesma cor associada à escala *likert* de 5 pontos, para que facilitasse a compreensão das crianças e não comprometesse a validade dos questionários aplicados (Anexo 4). Esta escala mostrou-se eficaz uma vez que a criança desta faixa etária, familiarizada com as formas geométricas (círculo) e os tamanhos, associa a dimensão dos círculos com a “dimensão da sua felicidade”.

Optou-se por essa solução tendo em consideração que de acordo com a literatura, a escala de resposta *likert* tem sido a mais utilizada em questionários destinados a crianças (Chambers & Johnston, 2002; Laerhoven, Zaag-Loonen, & Derkx, 2004). No estudo desenvolvido por Laerhoven e colaboradores (2004), cujo objetivo foi examinar a preferência das crianças em três opções de resposta: escala *likert* (opções de resposta verbais categóricas), escala visual simples (opção de resposta em linha) e escala visual numérica (opção de resposta numérica), os resultados constataram um maior número de respostas nulas em ambas as escalas visuais. Já a escala *likert* foi a que revelou maior preferência e menor nível de dificuldade pelas crianças mais novas.

Contudo, alguns investigadores observaram que existe uma maior tendência para as crianças mais novas selecionarem as respostas dos extremos das escalas *likert*, por exemplo “muito feliz” ou “nada feliz”, independentemente do número de opções de resposta (Chambers & Johnston, 2002), revelando também maiores dificuldades a responder aos itens negativos do questionário (March et al., 1986 citado em Laerhoven et al., 2004). Esta ocorrência tem sido justificada pelo facto de as crianças mais novas (com idade aproximada de 4 anos) devido à sua limitada capacidade cognitiva não conseguirem ainda experimentar múltiplos sentimentos/emoções em simultâneo (Gelman & Baillargeon, 1983; Harter & Whitesell, 1989; Harter & Buddin, 1987 citados em Chambers & Johnston, 2002). Relativamente a este aspeto, foi essencial a atenção do investigador para evitar possíveis tendências das crianças para selecionar os círculos sequencialmente (por ordem crescente), particularmente quando já se mostravam fatigadas.

Descrevemos a seguir as características e finalidades de cada um dos instrumentos utilizados, assim como apresentamos os índices de consistência interna (coeficiente de *alpha* de Cronbach) que obtivemos no nosso estudo.

3.3.1 Questionário de entrevista semiestruturada individual (crianças).

Utilizámos o *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual* com o objetivo de recolher dados relativos à perceção das crianças sobre a sua felicidade (bem-estar subjetivo). O questionário utilizado teve como referência o roteiro de entrevista desenvolvido por Giacomoni (2002), originalmente constituído por quatro conjuntos de questões abertas. O primeiro conjunto é referente ao conceito de felicidade e respetivas características; o segundo, à perceção infantil da própria felicidade; o terceiro, aos indicadores de bem-estar subjetivo

infantil; e o quarto, aos eventos de vida. Optou-se por prescindir do quarto conjunto de questões por este não ser relevante para o presente estudo.

No primeiro conjunto, composto por cinco questões, as questões 1, 2 e 3 permitem recolher informação sobre como as crianças definem o conceito de felicidade (bem-estar subjetivo). A primeira questão, “O que te ocorre quando pensas em felicidade”, pretende ambientar a criança incentivando-a a refletir sobre o conceito de felicidade. A segunda, “O que é felicidade?” e a terceira questão, “O que é ser feliz?”, pretendem identificar categorias recorrentes, procurando possíveis semelhanças e/ou diferenças nas definições de felicidade apresentadas pelas crianças. A quarta questão, “Como é que achas que é uma pessoa feliz?”, explora as características que descrevem a felicidade de acordo com a perceção infantil. A quinta questão, “De onde vem a felicidade?”, procura reconhecer categorias que apontem uma possível identificação da origem da felicidade.

O segundo conjunto, é constituído por três questões que pretendem explorar a perceção da criança sobre a sua própria felicidade. A questão 6, “Tu achas que tu és feliz? Porquê?”, visa recolher informação sobre o nível de felicidade das crianças e identificar as causas atribuídas à mesma. As questões 7 e 8, “Tu consegues ficar feliz? Porquê?”, e “Tu achas que ser feliz depende de ti?”, respetivamente, procuram recolher informação sobre possíveis crenças relacionadas com a felicidade.

Por fim, no terceiro conjunto, formado por três questões, a questão 9, “O que é que uma criança precisa para ser feliz?”, a questão 10, “O que te deixa feliz?”, e a questão 11, “O que não te deixa feliz?”, procuram identificar possíveis indicadores de qualidade de vida subjetiva infantil.

3.3.2 Questionário de entrevista semiestruturada individual (pais).

Para os pais das crianças (ou substitutos), utilizámos o *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual* (ANEXO 1), que teve como referência o *Questionário Sociobiográfico e de Avaliação do Bem-Estar Parentais (QSAIBEP)* desenvolvido por Borges (2010). Este questionário teve como finalidade recolher dados sociodemográficos e outros que pudessem constituir fatores explicativos da variabilidade das práticas parentais, tais como dados familiares, informação relativa às rotinas de interação pais – filhos (investimento parental), rede de apoio extrafamiliar, nível de estimulação extracurricular da criança e levantamento dos principais obstáculos e benefícios decorrentes do exercício do papel parental. Os dados sociodemográficos do pai e da mãe solicitados referiram-se à data de

nascimento; idade; nacionalidade; estado civil; habilitações; situação laboral atual; estatuto ocupacional; e média do rendimento mensal.

A informação referente ao número de filhos, idade e género de cada um (questão 1), assim como as pessoas que compõem o agregado familiar da criança (questão 2) permitiu o posicionamento da ordem do sujeito da amostra na fratria.

Com a finalidade de avaliar o investimento parental, questionámos o tempo que o pai e a mãe passam diariamente e ao fim de semana em interação com o(a) filho(a) (3 – “Quanto tempo passam, diariamente, durante a semana em interação com o vosso filho (a)?”; 4 – “Quanto tempo passam ao fim-de-semana em interação com o vosso filho(a)?” foi avaliado segundo uma escala de *likert*, tendo-se considerado as seguintes opções: *Até 1 hora, entre 1 e 2 horas, entre 2 e 3 horas e mais de 3 horas*. Além do número de horas, foi também registado o tipo de atividades /situações que o pai e a mãe desenvolvem com a criança durante a semana e ao fim de semana (3.1 e 3.2 – “Que tipo de atividades/situações desenvolvem com o vosso filho(a)?”).

Procedemos ainda a um levantamento de informação acerca do apoio extrafamiliar para cuidar dos filhos (5 – “Existe algum apoio familiar para ajudar a cuidar dos filhos?” Como?), das atividades extracurriculares (6 – “A criança tem atividades extracurriculares no ou fora do jardim-de-infância? Quais?”; 6.1 – “No caso de ser fora do jardim-de-infância, quem a acompanha?”), do período de tempo que esta passa no jardim-de-infância (7 – “Qual o período de tempo que a criança frequenta o jardim-de-infância?”) e da identificação de quem leva e traz a criança para e do jardim-de-infância (7.1 – “Quem leva, habitualmente, a criança ao jardim-de-infância?”; 7.2 – “Quem vai buscar, habitualmente, a criança ao jardim-de-infância?”).

Para avaliar o bem – estar subjetivo parental procedemos ao levantamento de dados através de questões abertas sobre as dificuldades (8 – “Que dificuldades encontra no seu papel de pai/mãe/responsável?”) e benefícios (9 – “Que benefícios encontra no seu papel de pai/mãe/responsável?”) da parentalidade. De acordo com Borges (2010), o bem-estar parental subjetivo dos pais obtém-se pelo cálculo do saldo resultante do número de dificuldades e benefícios referidos pelo pai, mãe ou respondente (benefícios – dificuldades = saldo), sendo codificado em três categorias, baixo (entre -1 e 1), médio (entre 2 e 3) e alto (entre 4 e 5), correspondentes aos níveis de satisfação com a parentalidade.

3.3.3 Escala de afeto positivo e negativo para crianças (PANAS).

A *Escala de Afeto Positivo e Negativo para Crianças* que utilizámos é uma versão construída por Giacomoni (2002) com base nos itens presentes em escalas que investigam o afeto como a escala de afeto positivo e negativo (Giacomoni & Hutz, 1997), na *Positive Affect and Negative Affect Schedule* (PANAS, Watson et al., 1988) e na *PANAS-C* (Laurent & cols., 1999). A seleção desta escala teve como objetivo avaliar a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo das crianças, através de adjetivos descritores de afeto positivo e negativo. A escala é composta por 34 itens que descrevem diferentes sentimentos ou emoções, os quais se agrupam em duas subescalas independentes, constituídas por 17 itens cada: afetividade positiva e afetividade negativa. Cada item é avaliado pelo sujeito através de uma escala de resposta do tipo *likert* de 5 pontos: *Nem um pouco* (1), *Um pouco* (2), *Mais ou menos* (3), *Bastante* (4), *Muitíssimo* (5). O resultado de cada uma das dimensões (afetividade positiva e negativa) obtém-se pela soma das respostas dadas a cada um dos itens que a compõem.

Para melhor compreensão da escala pelas crianças desta faixa etária e com o objetivo de facilitar a sua resposta, complementou-se a escala *likert* existente com uma escala visual correspondente de cinco círculos (do menor ao maior).

A dimensão afetiva é calculada pela soma das respostas aos itens de cada subescala (isoladamente). Para a escala de Afetividade Positiva, os valores mais elevados representam maiores níveis de afetos positivos, enquanto que para a escala de Afetividade Negativa, valores menores representam menores níveis de afetos negativos.

O *alpha* de Cronbach (coeficiente de consistência interna) da escala original total é de .90 (.84 para a afetividade positiva e .88 para a afetividade negativa). No presente estudo o *alpha* da escala total é de .80 (.67 para a afetividade positiva e .81 para a afetividade negativa)

3.3.4 Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças.

A *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças* que utilizámos é uma versão construída por Giacomoni (2002) que foi elaborada a partir da *Escala de Satisfação de Vida de Estudantes* de Huebner (1991) e da *Escala de Satisfação de Vida Multidimensional de Crianças* de Huebner e colaboradores (1998).

A escala de Giacomoni é composta por 50 itens (frases) que pretendem avaliar as perceções subjetivas de satisfação de vida das crianças através de seis domínios específicos: *self*, *self* comparado, não-violência, família, amizade e escola. Desta forma, apresentam-se as características e itens de cada domínio:

- *self*, avalia características positivas, como a autoestima, o bom humor, a capacidade de relacionar-se e a capacidade de demonstrar afeto;
- *self Comparado*, investiga as avaliações comparativas em relação aos seus pares, relacionadas com o lazer, a amizade e a satisfação de desejos e Afetos;
- não-violência, avalia comportamentos agressivos;
- família, avalia indicadores de um ambiente familiar saudável, harmónico, afetivo, de relacionamentos satisfatórios, bem como indícios de satisfação quanto à diversão;
- amizade, avalia os relacionamentos com pares e o nível de satisfação, bem como posições relativas ao lazer, situações de diversão e apoio;
- escola, investiga a importância da escola, o ambiente escolar, os relacionamentos interpessoais e o nível de satisfação em relação à escola/jardim-de-infância.

Este instrumento tem um formato de resposta numa escala do tipo *likert* de cinco pontos: *Nem um pouco* (1), *Um pouco* (2), *Mais ou menos* (3), *Bastante* (4), *Muitíssimo* (5).

A média dos resultados desta escala obtém-se através do somatório de pontos dividido pelo número de itens, uma vez que cada subescala apresenta diferenças no número de itens que a compõem.

No estudo de Giacomoni (2002) as subescalas apresentaram níveis de fidedignidade satisfatórios, variando entre .82 e .86, com exceção da subescala não-violência que apresentou um valor de .66, o que se justifica pelo menor número de itens que essa subescala possui. O *alpha* de Cronbach obtido para a escala total original foi de .93.

Neste estudo as subescalas apresentaram os seguintes *alphas* de Cronbach: .75 no *self*; .81 no *self comparado*; .69 na não-violência; .70 na família; .55 na amizade; e .81 na escola. O *alpha* de Cronbach obtido para a escala total deste estudo foi de .84.

3.3.5 Escala de afetos positivos e negativos (pais).

A *Escala de Afetos Positivos e Negativos* que utilizámos consiste numa adaptação da versão original da *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS, Watson et al., 1988) de Galinha e Pais Ribeiro (2005) para a população portuguesa. Esta escala tem como finalidade avaliar a dimensão afetiva do bem-estar subjetivo, nomeadamente, a afetividade positiva e negativa através de 20 itens (afetos/emoções) agrupados em duas subescalas independentes constituídas por 10 itens cada (10 emoções positivas e 10 emoções negativas).

Tendo em conta que aplicação da PANAS exige a escolha de uma citação temporal, utilizámos como referência “ultimamente”. Foi pedido aos sujeitos que classificassem em que medida experienciaram “ultimamente” cada uma das emoções/sentimentos, numa escala *likert* de cinco pontos: *Nada ou muito ligeiramente* (1), *Um pouco* (2), *Moderadamente* (3), *Bastante* (4), *Extremamente* (5).

A dimensão afetiva desta escala é calculada pela soma das respostas aos itens de cada subescala, sendo que para ambas os valores oscilam entre o mínimo de 10 (baixa afetividade) e o máximo de 50 (elevada afetividade). Ou seja, para a escala de afetividade positiva, os valores mais elevados representam maiores níveis de afetos positivos, enquanto que para a escala de afetividade negativa, valores menores representam menores níveis de afetos negativos (Nezu, Ronan, Meadows, & McClure, 2000).

O *alpha* de Cronbach na versão original é de .86 para a afetividade positiva e de .89 para a afetividade negativa. No presente estudo é de .86 para a afetividade positiva e de .78 para a afetividade negativa.

3.3.6 Escala de satisfação de vida (pais).

A *Escala de Satisfação de Vida* que utilizámos é uma adaptação da *Satisfaction Life Scale* (SWLS, Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) para a população portuguesa construída por Simões (1992). Esta escala pretende avaliar a dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo, ou seja, a satisfação com a vida a nível global. É constituída por cinco itens, onde se analisa a concordância/discordância do respondente com esses mesmos itens.

As respostas são dispostas numa escala *likert* de cinco pontos: *Discordo muito* (1), *Discordo um pouco* (2), *Não concordo nem discordo* (3), *Concordo um pouco* (4), *Concordo muito* (5).

O grau de satisfação de vida do respondente obtém-se pela soma dos resultados, sendo que os valores da escala oscilam entre o mínimo de 5 (baixa satisfação com a vida) e o máximo de 25 (elevada satisfação com a vida).

O *alpha* de Cronbach obtido na versão original é de .77 e neste estudo foi de .90.

3.3.7 Questionário de dimensões e estilos parentais.

O *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QEDP)* que utilizámos é a versão reduzida do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (PSDQ – Short Form; Robinson,

Mandleco, Olsen & Hart, 2001) adaptada para versão portuguesa por Miguel e colaboradores (2009). Este instrumento destina-se a pais de crianças em idade pré-escolar e tem como finalidade avaliar os estilos parentais dos respondentes de acordo com as tipologias estabelecidas por Baumrind (1989), bem como “as práticas parentais específicas que ocorrem no contexto dessas mesmas tipologias” (Miguel et al., 2009, p. 173).

Segundo os autores que realizaram a adaptação para a população portuguesa, o PSDQ tem sido elogiado como um dos poucos instrumentos disponíveis cujas escalas de práticas parentais de cuidado e disciplina têm boas qualidades psicométricas. Motivos que têm contribuído para uma extensa utilização em diferentes contextos culturais, incluindo países do Ocidente, do Oriente e de comunidades afro-americanas (Miguel et al., 2009).

O primeiro instrumento originalmente construído por Robinson, Mandleco, Olsen e Hart (1995) é uma versão longa composta por um total de 62 itens, agrupados segundo os três estilos parentais: democrático, autoritário e permissivo. Posteriormente, os autores desenvolveram uma segunda versão do PSDQ reduzida para 32 itens (Robinson et al., 2001), utilizando os itens com valor mais elevado em cada fator do questionário (Miguel et al., 2009).

A versão portuguesa do *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* mantém-se fiel ao texto original e preserva o sentido original dos itens, conservando a mesma estrutura da versão reduzida do PSDQ original, sendo esta composta por duas partes de 32 itens cada (pai/mãe). A primeira parte refere-se ao modo como o próprio respondente age em relação ao seu filho(a) (estilo parental do próprio) e a segunda ao modo como o respondente percebe as práticas parentais da mãe/pai do seu filho(a) (estilo parental do outro). Neste estudo apenas foi considerada a primeira parte do questionário.

Os itens estão agrupados de acordo com os três estilos parentais: democrático, autoritário e permissivo, cada um com respetivas subescalas (Miguel et al., 2009):

- o estilo parental democrático inclui as subescalas de *apoio e afeto* (5 itens), *regulação* (5 itens) e *cedência de autonomia/participação democrática* (itens 5);
- o estilo parental autoritário inclui as subescalas de *coerção física* (4 itens), *hostilidade verbal* (4 itens) e *punição* (4 itens);
- o estilo parental permissivo é constituído por uma única dimensão: *indulgência* (5 itens).

As respostas são dispostas numa escala *likert* de cinco pontos: *Nunca* (1), *Algumas vezes* (2), *Metade das vezes* (3), *Muitas vezes* (4) ou *Sempre* (5) de acordo com a frequência com que ocorrem as situações que estão descritas nas afirmações.

Os resultados das três dimensões primárias e das sete subescalas secundárias são obtidos através da soma dos itens de cada dimensão, classificando-se assim os pais de acordo com cada um dos três estilos parentais: a medida do estilo parental democrático é obtida pela média dos resultados dos 15 itens; a medida do estilo parental autoritário é obtida pela média dos valores dos 12 itens; e a medida do estilo parental permissivo obtém-se através da média dos valores dos 5. Não é necessário proceder à inversão na cotação de itens.

Os *alphas* de Cronbach da versão reduzida original (PSDQ – Short Form, Robinson, Mandelco, Olsen & Hart, 2001) foram de .86 para o estilo parental democrático, de .82 para o estilo parental autoritário e de .64 para o estilo parental permissivo. A versão portuguesa de Miguel e colaboradores, (2009) indicou valores de .82 para a dimensão autoritativa, de .80 para a dimensão autoritária e de .63 para a dimensão permissiva, facto que segundo os autores poderá decorrer do reduzido número de itens desta dimensão.

Neste estudo obtivemos os seguintes valores: .87 para a dimensão autoritativa, .43 para a dimensão autoritária e .65 para a dimensão permissiva.

3.4 Procedimentos na Recolha e Tratamento dos Dados

Para dar início ao presente estudo, tomámos como ponto de partida o pedido de permissão para realização da investigação à Direção da instituição. Este foi concretizado através de uma carta de pedido de autorização onde constavam os objetivos da investigação, o público-alvo da amostra necessária, o horário em que seriam aplicados os questionários e respetivos procedimentos (ANEXO 2).

Após a receção do consentimento da instituição, entregámos aos pais (e substitutos) das crianças uma carta de consentimento informado (ANEXO 3) onde era explicado o âmbito do estudo e os objetivos principais, o local e horário de realização das entrevistas. No mesmo documento era garantida a confidencialidade dos dados pessoais (identificação dos intervenientes) e o direito de voluntariado e de interrupção da participação em qualquer uma das suas fases, finalizando com o pedido de autorização para recolha dos dados mediante o preenchimento de uma declaração de autorização anexa.

À medida que nos foram sendo devolvidas as declarações de autorização dos pais com a permissão para recolha de dados, procedemos à entrega dos instrumentos de avaliação do

bem-estar subjetivo e das práticas parentais aos pais e realizámos as entrevistas aos respetivos filhos no contexto da instituição.

Todas as escalas e questionários foram previamente testados através de aplicação a uma criança mais nova, de modo a averiguar a facilidade de compreensão das questões e do vocabulário utilizado, bem como verificar a necessidade de algumas alterações à linguagem usada e aferir o tempo despendido. Verificou-se que esta criança necessitou de vinte minutos para a realização do *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual*, *Escala de Afeto para Crianças* e *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças*.

O primeiro instrumento aplicado foi o *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual*, a qual durou aproximadamente seis minutos, dado que as respostas dadas pela criança foram breves. Em relação ao primeiro grupo de questões, notou-se alguma dificuldade da criança em descrever o conceito de felicidade. Porém, mostrou-se desde logo interessante o facto de esta associar a família (pai e mãe), a escola e as coisas que gosta de fazer à sua noção de felicidade. Em relação ao segundo e terceiro grupos de questões relativas à perceção da criança acerca da própria felicidade e aos indicadores de bem-estar subjetivo a criança mostrou maior vontade, referindo novamente a sua casa e a família mais próxima (pais, avós, tios e prima).

O segundo instrumento aplicado foi a *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças* e ocupou um tempo médio de dez minutos. Explicou-se à criança o significado da escala de círculos e posteriormente as “regras do jogo”, pedindo que assinalasse um círculo correspondente à sua resposta. Ao iniciar o questionário, apercebemo-nos que o facto de as frases estarem na primeira pessoa, como se fosse o entrevistador a afirmá-las, confundiu um pouco a criança, parecendo-nos que a resposta dada por esta era escolhida em função do sentimento que lhe provocada a afirmação dita pelo adulto e não em relação a si própria, pelo que foi necessário reformular as frases em formato de questões dirigidas à criança, colocando-as na segunda pessoa para facilitar a realização do questionário.

Neste teste a criança mostrou facilidade em associar os círculos à escala *likert* correspondente.

A aplicação do último questionário, *Escala de Afeto para Crianças*, durou aproximadamente quatro minutos. A criança demonstrou ter compreendido o que lhe foi pedido, embora mostrasse dificuldade em entender o significado de alguns conceitos que tiveram de ser explicados.

Aplicou-se também, a bateria de instrumentos a uma mãe. Esta revelou ter facilidade em responder e compreender os questionários.

As primeiras impressões dos questionários realizados às crianças revelaram curiosamente, uma maior dificuldade das crianças mais velhas em descrever o conceito de felicidade. Por outro lado, estas mostraram maior compreensão da escala de resposta e rapidez.

O tempo das entrevistas realizadas às crianças variou entre um mínimo de 6 minutos e um máximo de 20 minutos. Já a aplicação dos questionários às mesmas teve a duração médio de 15 minutos.

A recolha de dados foi realizada nos meses de fevereiro a agosto de 2012.

As respostas das crianças e dos pais recolhidas através dos *Questionários de Entrevista Semiestruturada Individual* foram transcritas e categorizadas com recurso às técnicas de *Análise de Conteúdo* (Bardin, 1977) e ao *software* informático *N-VIVO*, versão 8 para *Windows*, que permite desenvolver um projeto de pesquisa, armazenar e organizar os dados em diversos tipos de fontes, identificar elementos significativos para análise e conclusão e obter uma descrição subjetiva e sistemática do conteúdo da comunicação.

No que se refere ao *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual* aplicado às crianças, foram recolhidas as unidades de registo (frases ou palavras resultantes das respostas das crianças) para cada questão e agrupadas segundo as categorias temáticas utilizadas no estudo desenvolvido por Giacomoni (2002). Foram analisadas as frequências e as percentagens das categorias e compararam-se os casos com base nas variáveis demográficas (género e idade das crianças). A síntese dos resultados é apresentada por meio de tabelas.

Para as respostas obtidas através do *Questionário de Entrevista Semiestruturada Individual* aplicado aos pais foram igualmente utilizados os mesmos procedimentos de transcrição e a análise de conteúdo referidos anteriormente, tendo sido agrupadas as unidades de registo de acordo com as categorias propostas no estudo de Borges (2010). Os dados quantitativos referentes a *tempo de interação diária e ao fim-de-semana entre pais e filhos, existência de apoio familiar, frequência e número de atividades extracurriculares e tempo passado no jardim-de-infância*, foram analisados com o programa informático *SPSS (Statistical Package for Social Sciences)* versão 17.0 para *Windows*.

Para realizar a análise quantitativa das medidas utilizadas, verificámos previamente a existência de erros ou *outliers* que pudessem afetar a normalidade da distribuição dos dados bem como distorcer os resultados da análise estatística, o que não se observou nos dados da

nossa amostra. Para a análise dos resultados e considerando os objetivos e hipóteses formuladas foram utilizadas as seguintes provas: uma análise descritiva dos dados para caracterização dos resultados na amostra; aplicado o teste não-paramétrico U de Mann-Whitney para análise de variâncias; utilizado o teste de correlação de *Spearman* para avaliação das relações entre o bem-estar subjetivo da criança e dos pais; e recorreremos ao método da *Regressão Hierárquica Múltipla* (método *Enter*) para testar os fatores influentes do bem-estar subjetivo da criança.

As tabelas foram construídas no programa *Microsoft Word 2007* pela flexibilidade de formatação e arranjo gráfico que permite.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

4. Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo do presente trabalho, debruçamo-nos especificamente sobre a apresentação e análise dos resultados obtidos. Desta forma, optamos por iniciar esta parte do trabalho com a apresentação e análise dos resultados qualitativos encontrados mediante o recurso à entrevista, designadamente, as entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças e as entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.

Num segundo momento, apresentamos os resultados de natureza quantitativa através da análise descritiva, da estatística bivariada e da estatística múltipla.

4.1 Apresentação e Análise dos Resultados Qualitativos

4.1.1 Apresentação dos resultados da análise às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças.

Conforme mencionado, a entrevista à criança dividiu-se em quatro conjuntos de questões consoante os objetivos específicos definidos, sendo que o primeiro conjunto (5 questões) analisou o conceito de felicidade e suas características. O segundo conjunto (3 questões) explorou a autoperceção das crianças sobre a sua própria felicidade e o terceiro conjunto (3 questões) investigou os indicadores de bem-estar subjetivo das crianças.

Na análise qualitativa, procurámos enquadrar as respostas das crianças consoante as categorias e respetiva significação propostas no estudo de Giacomoni (2002). Apresentamos os resultados obtidos por cada conjunto de questões, bem como as categorias temáticas extraídas para cada questão e as tabelas contendo o número de frequências e percentagens de ocorrência por amostra total (n=55), por género e por idade.

4.1.1.1 Resultados na dimensão do conceito de felicidade e suas características.

Relativamente ao primeiro bloco, para a questão 1, “O que te ocorre quando pensas em felicidade?”, foram encontradas as seguintes categorias:

- Sentimentos, que abrange todas as referências a emoções, humores, afetos positivos, estados de felicidade, alegria e amor. Estão incluídas as expressões e manifestações de alegria e de felicidade como o rir e o sorrir;

- Lazer, que engloba as atividades físicas, as atividades lúdicas e de diversão (referência a brinquedos, brincar, pintar) e as atividades de lazer (ver televisão/desenhos animados, passear, viajar);
- Família, referente a todas as situações em que a criança cita a família como o facto de ter e/ou estar com a sua família e a boa convivência com esta (pais, irmãos, avós);
- Amizade, referente à convivência com os amigos, como o fazer amigos, o estar, brincar, visitar ou conversar com os mesmos;
- Satisfação de necessidades básicas e de desejo, que engloba as referências da criança à importância de ter satisfeitas as suas necessidades básicas fisiológicas (comer, dormir) e de segurança como ter casa, comida, saúde, boas condições materiais de vida. Estão incluídas as indicações à satisfação de alguns desejos como “receber presentes” e “poder fazer tudo o que quer”;
- Escola, que inclui referências à escola (jardim-de-infância).

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 1 são apresentadas, para a amostra total (n=55), por género e por idade na tabela 4.1.

Tabela 4.1

Frequências e percentagens obtidas na questão 1, “O que te ocorre quando pensas em felicidade?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Não sabe	27	27	42,86	14	14	42,42	13	13	43,33	14	14	40	13	13	46,43
Lazer	15	17	23,81	8	10	24,24	7	7	23,33	9	10	25,71	6	7	21,43
Família	7	8	11,11	6	7	18,18	1	1	3,33	4	5	11,43	3	3	10,71
SN	6	6	9,52	2	2	6,06	4	4	13,33	6	6	17,14	0	0	0
Outros	5	6	7,94	2	3	6,06	3	3	10	2	3	5,71	3	3	10,71
Escola	1	1	1,59	0	0	0	1	1	3,33	0	0	0	1	1	3,57
Amizade	1	1	1,59	1	1	3,03	0	0	0	0	0	0	1	1	3,57
Sentimentos	1	1	1,59	0	0	0	1	1	3,33	0	0	0	1	1	3,57

Legenda: SN=Satisfação de necessidades básicas e de desejo.

A tabela 4.1 reporta-se às categorias mais referidas pelas crianças em relação ao que lhes ocorre quando pensam em felicidade. Assim, é possível verificar através das categorias que apresentam maiores percentagens, que 27 (42,86%) crianças não souberam responder, 15 (23,81%) fizeram referências alusivas ao *lazer* e 7 (11,11%) mencionaram a *família*.

Analisando a distribuição das respostas das crianças por género, verificamos que na maioria 14 (42,42%) meninas e 13 (43,33%) meninos não souberam responder e 8 (24,24%) meninas e 7 (23,33%) dos meninos fizeram referências ao *lazer*. Além das referências a esta última categoria, as meninas apresentaram em segundo lugar mais referências à *família* (n=6; 18,18%) do que os meninos (n=1; 3,33%), enquanto os a categoria *satisfação de necessidades básicas e de desejos* apresentou mais referências dos meninos (n=4; 13,33%) do que das meninas (n=2; 6,06%).

Ao nível das faixas etárias, verificámos que a maioria das crianças não soube responder, independentemente da idade (14 crianças de 4 anos; 40% e 13 crianças de 5 anos; 46,63%). Tanto as crianças de 4 anos (n=9; 25,71%), como as de 5 anos (n=6; 21,43%,) referem maioritariamente a categoria *lazer*. Para as crianças de 4 anos as seguintes categorias mais relevantes são a *satisfação de necessidades básicas e desejos*, (n=6; 17,14%) e a *família* (n=4; 11,43%), enquanto que para as crianças de 5 anos são a *família* (n=3; 10,71%) e *outros* (n=3; 10,71%).

As respostas à questão 2, “O que é felicidade?”, distribuem-se por quatro das categorias atrás apresentadas: sentimentos, lazer, família e satisfação de necessidades básicas e de desejo. O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 2 são apresentadas, para amostra a total (n=55), por género e por idade na tabela 4.2.

Tabela 4.2

Frequências e percentagens obtidas na questão 2, “O que é a felicidade?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Não sabe	28	29	50,91	15	16	53,57	13	13	48,15	17	17	54,84	11	12	43,83
Sentimentos	11	11	20	6	6	21,43	5	5	18,52	4	4	12,9	7	7	29,17
Lazer	6	7	10,91	3	4	10,71	3	3	11,11	3	4	9,68	3	3	12,5
Outros	4	4	7,27	2	2	7,14	2	2	7,41	3	3	9,68	1	1	4,17
Família	3	4	5,45	2	2	7,14	1	2	3,7	3	4	9,68	0	0	0
SN	3	3	5,45	0	0	0	3	3	11,11	1	1	3,23	2	2	8,33

Legenda: SN= Satisfação de necessidades básicas e de desejo.

A tabela 4.2 reporta-se às categorias referidas pelas crianças em relação ao que é a felicidade. É possível verificar que 29 (50,91%) crianças não souberam responder, 11 (20%) fizeram referência a *sentimentos* e 6 (10,91%) mencionaram o *lazer*.

Analisando as respostas das crianças pelo género verificamos igualmente maiores percentagens para ambos os géneros na categoria *não sabe responder* (15; 53,57% meninas e 13; 48,15% meninos e na categoria *lazer* (3; 10,71% meninas e 3; 11,11% meninos).

Ao nível das faixas etárias, a maioria das crianças *não soube responder* (17; 58,84% crianças de 4 anos e 11; 43,83% crianças de 5 anos) e 4 (12,9%) crianças de quatro anos e 7 (29,17%) crianças de 5 anos mencionaram *sentimentos*. Os resultados para as restantes categorias traduzem diferenças significativas acerca do que é a felicidade para cada uma das faixas etárias. Embora as crianças de 4 anos se refiram maioritariamente a *sentimentos* (n=4; 12,9%), mas apresentem resultados distribuídos similarmente pelas restantes categorias (n=3; 9,68% no *lazer*; n=3; 9,68% na *família* e n=3; 9,68% em *outros*), as crianças de 5 anos centram maioritariamente as suas respostas na categoria *sentimentos* (n=3; 29,17%) e na categoria *lazer* (n=12,5%), não fazendo referências à *família* (n=0; 0%).

As respostas à questão 3, “O que é ser feliz?”, distribuem-se por cinco categorias das categorias atrás apresentadas - designadamente, sentimentos, lazer, satisfação de necessidades básicas e de desejo, família e amizade - incluindo-se duas categorias novas:

- Self positivo, que inclui descrições de características próprias comportamentais e subjetivas positivas, entre elas, afetividade, estados emocionais e de humor positivos (ser alegre), estratégias cognitivas positivas (gostar de conversar com as pessoas), comportamentos altruístas (comportamentos em favor do outro e socialmente reconhecidos como “corretos”, por exemplo, ajudar os outros, comportar-se bem comportado, respeitar os outros).
- Não-violência, que engloba citações relativas a situações que envolvam conflitos e o desejo de não envolvimento nos mesmos.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 3 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.3, por género e por idade.

Tabela 4.3

Frequências e percentagens obtidas na questão 3, “O que é ser feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Sentimentos	19	19	31,15	12	12	37,5	7	7	24,14	8	8	24,24	11	11	39,29
Não sabe	11	11	18,03	6	6	18,75	5	5	17,24	7	7	21,21	4	4	14,29
Lazer	10	10	16,39	5	5	15,63	5	5	17,24	4	4	12,12	6	6	21,43
Amizade	7	7	11,48	5	5	15,63	2	2	6,9	4	4	12,12	3	3	10,71
Família	5	5	8,2	1	1	3,13	4	4	13,79	4	4	12,12	1	1	3,57
SN	5	5	8,2	1	1	3,13	4	4	13,79	3	3	9,09	2	2	7,14
Self positivo	2	2	3,28	1	1	3,13	1	1	3,45	1	1	3,03	1	1	3,57
Outros	1	1	1,64	1	1	3,13	0	0	0	1	1	3,03	0	0	0
Não-violência	1	1	1,64	0	0	0	1	1	3,45	1	1	3,03	0	0	0

Legenda: SN=Satisfação de necessidades básicas e de desejo.

A tabela 4.3 reporta-se às categorias mais referidas pelas crianças em relação ao que é ser feliz. É possível verificar que 19 (31,15%) crianças referiram *sentimentos*, 11 (18,03%) declararam não saber e 10 (16,39%) crianças mencionaram respostas alusivas ao *lazer*.

Analisando as respostas das crianças pelo género encontramos as maiores percentagens para ambas as idades para a categoria *sentimentos* (n=12; 37,5% meninas e n=7; 24,14% meninos). As percentagens também se revelam semelhantes, para a categoria *não sabe* (n=6; 18,75 % meninas e n=5; 17,24% meninos) e *lazer* (n=5; 15,63% meninas e n=5; 17,24% meninos). As meninas apresentaram mais referências à categoria *amizade* (n=5; 15,63%) do que os meninos (n=2; 6,9%), enquanto as categorias *satisfação de necessidades básicas e de desejos* e *família* apresentaram mais referências para os meninos (ambas com n=4; 13,79%) do que para as meninas.

Ao nível das faixas etárias, as crianças de 4 anos fizeram maioritariamente referências enquadradas nas categorias *sentimentos* (n=8; 24,24%) e *não sabe* (n=7; 21,21%), distribuindo-se de forma igualitária as referências a *lazer* (n=4; 12,12%), *amizade* (n=4; 12,12%) e *família* (n=4; 12,12%). Já para as crianças de 5 anos, a referência à categoria *sentimentos* (n=11; 39,29%) é substancialmente maior, seguindo-se o *lazer* (n=6; 21,43%) e a *amizade* (n=3; 10,71%). Detetam-se diferenças significativas ao nível da categoria *família*, sendo mais referenciada pelas crianças de 4 anos (n=4; 12,12%) do que pelas de 5 (n=1; 3,57%).

As respostas à questão 4, “Como é que achas que é uma pessoa feliz?”, distribuem-se pela categoria satisfação de necessidades básicas e de desejo, incluindo-se três categorias novas:

- Características subjetivas positivas, que engloba as descrições de características subjetivas e de atitudes da pessoa feliz, como estar ou ser alegre, divertida, contente, feliz.
- Características de aparência física, que inclui as descrições da aparência física da pessoa que está feliz, entre elas estar a rir, a sorrir.
- Atividades, referente a todas as atividades que são realizadas, como brincar, dar beijinhos ou abraços, passear.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 4 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.4, por género e por idade.

Tabela 4.4

Frequências e percentagens obtidas na questão 4, “Como é que achas que é uma pessoa feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Não sabe	15	15	27,78	8	8	26,67	7	7	29,17	9	9	31,03	6	6	24
CSP	13	13	24,07	5	5	16,67	8	8	33,33	8	8	27,59	5	5	20
CAF	11	11	20,37	8	8	26,67	3	3	12,5	5	5	17,24	6	6	24
Atividades	7	7	12,96	4	4	13,33	3	3	12,5	2	2	6,9	5	5	20
Outros	4	5	7,41	2	3	6,67	2	2	8,33	3	4	10,34	1	1	4
SN	4	4	7,41	3	3	10	1	1	4,17	2	2	6,9	2	2	8

Legenda: CSP=Características subjetivas positivas; CAF=Características de aparência física; SN=Satisfação de necessidades básicas e de desejo.

Embora 15 (27,78%) crianças não tenham sabido responder a esta questão, uma “pessoa feliz” foi maioritariamente descrita pelas crianças através das suas características *subjetivas positivas* (n=13; 24,07%) e de aparência *física* (n=11; 20,37%).

Encontram-se algumas diferenças consoante o género das crianças, sendo que as *características subjetivas positivas* foram mais referidas pelos meninos (n=8; 33,33%), enquanto que as meninas mencionaram com maior frequência *características de aparência física* (n=8; 26,67%).

Ao verificarmos as categorias ao longo das faixas etárias, identificaram-se também diferenças significativas entre as crianças de 4 e 5 anos. As crianças de 4 anos mostraram maior tendência para descrever a “pessoa feliz” pelas suas *características subjetivas positivas* (n=8; 27,59%) e *físicas* (n=5; 17,24%). Por sua vez, as crianças de 5 anos mencionaram com maior frequência as *características de aparência física* (n=6; 24%).

Quanto à questão 5, “De onde vem a felicidade?”, as respostas distribuem-se pelas seguintes categorias:

- Coração, referente a todas as respostas que identificam o coração como origem da felicidade.
- Afetos e Emoções, referente a todas as respostas em que a felicidade é associada aos afetos positivos, aos estados de humor e aos sentimentos.
- Natureza, referente a todas as respostas em que a felicidade é atribuída a elementos da Natureza como o céu.
- Família, que engloba referência a membros da família e à casa onde vivem.
- Situações, referente a todas as respostas em que a felicidade é associada a situações e comportamentos, como portar bem, estar na rua ou na praia.
- Cabeça, Cérebro, Pensamento, Consciência, referente a todas as respostas em que a felicidade é associada aos processos de pensamento, ao cérebro, à cabeça e à consciência.
- Amizade, referente a todas as respostas em que a origem da felicidade é atribuída à convivência com os amigos, à amizade;
- Outras Partes do Corpo, referente a todas as citações a outras partes do corpo, (à exceção do coração, da cabeça e do cérebro) como o corpo ou a boca.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 5 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.5, por género e por idade.

A nível geral, verificamos que 26 (48,15%) crianças não souberam responder, sendo as respostas mais frequentes sobre a origem da felicidade o *coração* (n=6; 11,11%), a *natureza* (n=5; 9,26%) e a *cabeça, cérebro, pensamento ou consciência* (n=5; 9,26%).

Ao analisarmos a distribuição das respostas por género verificamos diferenças significativas na distribuição das respostas pelas categorias atrás referidas. Os meninos apresentaram maior frequência de respostas enquadradas na categoria *natureza* (n=3; 11,54%)

e *cabeça, cérebro, pensamento ou consciência* (n=3; 11,54%), enquanto as meninas mencionaram maioritariamente o *coração* (n= 5; 17,86%).

Tabela 4.5

Frequências e percentagens obtidas na questão 5, “De onde vem a felicidade?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
NR	26	26	48,15	14	14	50	12	12	46,15	15	15	48,39	11	11	47,83
Coração	6	6	11,11	5	5	17,86	1	1	3,85	2	2	6,45	4	4	17,39
Natureza	5	5	9,26	2	2	7,14	3	3	11,54	4	4	12,9	1	1	4,35
CA	5	5	9,26	2	2	7,14	3	3	11,54	3	3	9,68	2	2	8,7
Situações	4	4	7,41	2	2	7,14	2	2	7,69	2	2	6,45	2	2	8,7
Outras.	3	3	5,56	2	2	7,14	1	1	3,85	2	2	6,45	1	1	4,35
Família	2	2	3,7	0	0	0	2	2	7,69	1	1	3,23	2	1	4,35
Amizade	1	1	1,85	0	0	0	1	1	3,85	0	0	0	1	1	4,35
Outros	1	1	1,85	0	0	0	1	1	3,85	1	1	3,23	0	0	0
AE	1	1	1,85	1	1	3,57	0	0	0	1	1	3,23	0	0	0

Legenda: NR=Não responde; CA=Cabeça, cérebro, pensamento, consciência; Outras=Outras partes do corpo; AE=Afetos e emoções.

Foram também constatadas diferenças entre as faixas etárias, revelando que as crianças de 4 anos tenderam a associar com maior frequência a origem da felicidade a fatores da *natureza* (n=4; 12,9%) e as de 5 anos ao *coração* (n=4; 17,39%).

Apresentamos então a conclusão dos resultados obtidos relativamente ao primeiro conjunto de questões acerca do conceito de felicidade (bem-estar subjetivo), sem considerar as categorias “Outros” e “Não sabe”, por não serem relevantes para a análise.

Nas primeiras três questões que tiveram como objetivo específico investigar o conceito de felicidade (bem-estar subjetivo) foram identificadas em média quatro categorias de respostas recorrentes, referentes ao conceito em questão: *sentimentos, lazer, família e satisfação de necessidades básicas e desejos*.

Considerando que o conceito de bem-estar subjetivo abrange os domínios da satisfação de vida e da afetividade (afetos positivos e negativos), a autora do roteiro de entrevista utilizado (Giacomoni, 2002) considera a categoria *sentimentos* como representativa dos afetos positivos e as restantes categorias como expressivas da satisfação de vida das crianças.

Analisando as categorias que mais se evidenciam nas três questões iniciais, através das frequências obtidas, encontramos na primeira questão, o *lazer* (23,81%) e a *família* (11,11%); na segunda questão, os *sentimentos* (20%) e o *lazer* (10,91%); e na terceira questão, novamente, os *sentimentos* (31,15%) e o *lazer* (16,39%).

Verificámos que a categoria *sentimentos* foi aquela que apresentou as maiores frequências de respostas na segunda (20%) e na terceira questão (31,15%). Este facto sugere a associação dos afetos positivos ao conceito de felicidade pelas crianças.

A segunda categoria que revelou um maior número de frequências nas três questões foi o *lazer* (23,81% na primeira questão, 10,91% na segunda questão e 16,39% na terceira questão). Os resultados encontrados indicam que o *lazer* é um domínio significativo na satisfação de vida das crianças.

A categoria seguinte recorrente ao longo das três questões é a *família* apresentando-se em segundo lugar na primeira questão (11,11%). Esta categoria apareceu em terceiro lugar na segunda questão (5,45%) a par da *satisfação de necessidades básicas e de desejos* e em quarto (8,2%) na terceira questão.

A categoria posterior à *família*, recorrente nas três questões, é a *satisfação de necessidades básicas e de desejos*. Esta categoria é responsável por 9,52% das respostas das crianças na primeira questão, 5,45% na segunda questão e 8,2% na terceira questão.

A última categoria presente em duas questões é a *amizade* que contou com 1,59% das respostas das crianças na primeira questão e 11,48% na terceira.

A quarta questão, “Como é que achas é uma pessoa feliz?”, procurou explorar as características descritoras da felicidade a partir da perceção infantil, auxiliando a compreensão do conceito de felicidade. As crianças descreveram uma pessoa feliz maioritariamente através de *características subjetivas positivas* (24,07%), ou seja, através de descrições de sentimentos, humores, estados e traços positivos e de *características de aparência física*. Outras descrições foram baseadas nas *atividades* em que a pessoa feliz realiza (12,96%) e na *satisfação das necessidades básicas e de desejo* (7,41%).

Giacomoni (2002) associa a categoria *características subjetivas positivas* aos fatores intrínsecos relativos ao bem-estar subjetivo, as *atividades* que a pessoa feliz realiza aos eventos de vida e a *satisfação de necessidades básicas e de desejo* aos aspetos extrínsecos.

Os resultados parecem indicar que para as crianças o que caracteriza a pessoa feliz são as suas características positivas (afeto, humores e emoções), o impacto dos seus eventos de vida e a sua plena satisfação quanto às suas necessidades básicas e de desejo.

A última questão referente ao conceito de felicidade pretendeu identificar categorias detentoras de conteúdo associado a uma possível identificação da origem da felicidade.

A categoria que apresentou a maior frequência de respostas foi o *coração* (11,11%). As categorias seguintes equiparadas foram a *natureza* (9,26%) e a *cabeça, cérebro, pensamento e consciência* (9,26%).

4.1.1.2 Resultados na dimensão da percepção infantil da própria felicidade.

Relativamente ao segundo bloco de questões, na questão 6, “Tu achas que és feliz?”, quando questionadas as crianças acerca da sua percepção de serem felizes, 54 responderam que “Sim” (100%). Quando perguntado “Porquê?” obtivemos diversas respostas que agrupámos nas seguintes categorias explicativas: família; self positivo; lazer; satisfação de necessidades básicas e de desejos; amizades; escola; e não-violência.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 6 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.6, por género e por idade.

Tabela 4.6

Frequências e percentagens obtidas na questão 6, “Porque é que achas que és feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Família	18	19	31,58	12	13	37,5	6	6	24	9	10	31,03	9	9	32,14
Não sabe	14	14	24,56	6	6	18,75	8	8	32	6	6	20,69	8	8	28,57
SP	11	11	19,3	4	4	12,5	7	7	28	5	5	17,24	6	6	21,43
Amizade	8	8	14,04	6	6	18,75	2	2	8	6	6	20,69	2	2	7,14
Lazer	3	4	5,26	2	3	6,25	1	1	4	1	1	3,45	2	3	7,14
NV	1	1	1,75	0	0	0	1	1	4	1	1	3,45	0	0	0
Escola	1	1	1,75	1	1	3,13	0	0	0	1	1	3,45	0	0	0
SN	1	1	1,75	1	1	3,13	0	0	0	0	0	0	1	1	3,57

Legenda: SP= Self positivo; NV= Não-violência; SN= Satisfação de necessidades básicas e de desejos.

Quando questionadas as crianças acerca do motivo pelo qual se consideravam felizes, as respostas mais frequentes foram relacionadas à *família* (n=18; 31,58%), ao *self positivo* (n=11; 19,3%) e à *amizade* (n=8; 14,04%). 14 (24,56%) crianças não souberam responder a esta questão.

Ao nível do género das crianças, salienta-se uma maior referência às categorias *self positivo* (n=7; 28%) e *família* (n=6; 24%) pelos meninos. Já as meninas tenderam a referir-se mais à *família* (n=12; 37,5%) e à *amizade* (n=6; 18,75%).

Analisando as faixas etárias verificamos que não existem diferenças significativas ao nível da ponderação que as crianças atribuem à *família* e ao *self*. No entanto, a *amizade* é claramente mais salientada pelas crianças de 4 anos (n=6; 20,69%) do que pelas de 5 (n=2; 7,14%).

A questão 7, “Tu consegues ficar feliz?”, procura confirmar os resultados obtidos na questão anterior, investigando se as crianças se consideravam capazes de atingir a felicidade. Os resultados indicaram que 52 (96,3%) crianças responderam “Sim” e apenas duas responderam “Não saber” (n=1; 1,85%) e “Não” (n=1; 1,85 %). Quando questionadas as crianças acerca do “Porquê?” obtivemos diversas respostas que agrupámos nas seguintes categorias: amizade; escola-família; lazer; satisfação de necessidades básicas e de desejos; não-violência; e sentimentos positivos (descrição de sentimentos de realização, de autonomia, de alegria, de felicidade e de pertença).

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 7 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.7, por género e por idade.

Tabela 4.7

Frequências e percentagens obtidas na questão 7, “Porque é que consegues ficar feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Família	16	16	28,07	11	11	37,93	5	5	17,86	9	9	28,13	7	7	28
Não sabe	13	13	22,81	6	6	20,69	7	7	25	7	7	21,88	6	6	24
SP	8	8	14,04	2	2	6,9	6	6	21,43	6	6	18,75	2	2	8
Lazer	7	7	12,28	3	3	10,34	4	4	14,29	4	4	12,5	3	3	12
Amizade	6	6	10,53	4	4	13,79	2	2	7,14	1	1	3,13	5	5	20
Outros	4	4	7,02	1	1	3,45	3	3	10,71	3	3	9,38	1	1	4
SN	1	1	1,75	1	1	3,45	0	0	0	1	1	3,13	0	0	0
Escola	1	1	1,75	1	1	3,45	0	0	0	0	0	0	1	1	4
NV	1	1	1,75	0	0	0	1	1	3,57	1	1	3,13	0	0	0

Legenda: SP= Sentimentos positivos; SN= Satisfação de necessidades básicas e de desejos; NV= Não-violência.

As categorias mais citadas pelas crianças relativas às causas atribuídas para as suas crenças da capacidade de ser feliz foram a *família* (n=16; 28,07%), os *sentimentos positivos* (n=8; 14,04%), o *lazer* (n=7; 12,28%) e a *amizade* (n=6; 10,53%).

A nível do género das crianças, os meninos (n=6; 21,43%) apresentaram frequências significativamente superiores às das meninas (n=2; 6,9%) na categoria *sentimentos positivos*. Para as meninas (n=11; 37,93%), a categoria *família* foi a mais salientada.

Quanto às faixas etárias, embora não se verifiquem disparidades quanto à categoria mais citada, a *família*, (4 anos: n=9; 28,13% e 5 anos: n=7; 28%) encontramos diferenças significativas na categoria *sentimentos positivos*, sendo mais referida pelas crianças de 4 anos (n=6; 18,75%). Já as crianças de 5 anos mencionaram com maior frequência a *amizade* (n=5; 20%).

As respostas à questão 8, “Tu achas que ser feliz depende de ti?” exploraram a noção de internalidade-externalidade de locus relacionada à felicidade, foram classificadas em três categorias, sendo que 40 crianças (74,07%) responderam que *Sim*, 9 (16,67%) julgaram que *Não* e 5 (9,26 %) disseram *não saber*. As respostas negativas distribuem-se de forma similar entre os dois géneros, contudo, a nível da faixa etária apenas as crianças de 5 anos responderam *não sei*.

Apresentamos então a conclusão dos resultados obtidos relativamente ao segundo bloco de questões acerca da Percepção Infantil da Própria Felicidade), sem considerar as categorias “Outros” e “Não sabe”, por não serem relevantes para a análise.

As três questões deste bloco (6, 7 e 8) pretenderam explorar a autopercepção infantil da felicidade. Os resultados demonstraram que 100% das crianças se consideraram felizes e 96,3% julgaram-se capazes de atingir a felicidade.

As razões apontadas pelas crianças para o facto de se considerarem felizes foram maioritariamente relacionadas com a *família* (31,58%), o *self positivo* (19,3%) e a *amizade* (14,04%). A amizade aparece como um fator claramente mais valorizado pelas crianças mais novas.

Relativamente à crença na capacidade de conseguir ficar feliz, as categorias que mais se salientaram como justificativas deste facto foram a *família* (28,07%), os *sentimentos positivos* (14,04%), o *lazer* (12,28%) e a *amizade* (10,53%).

Quanto ao facto da felicidade depender unicamente de si próprio, 74,04% das crianças consideraram que *sim* e 16,67% mencionaram que *não*. Estes resultados parecem confirmar as percentagens obtidas nas duas questões anteriores deste bloco sobre a autopercepção infantil da

felicidade fornecendo indícios sobre como as crianças reconhecem o impacto dos fatores intrínsecos (self e sentimentos positivos) e extrínsecos (família, amigos e lazer) sobre a sua vida e sobre a sua felicidade (bem-estar subjetivo).

4.1.1.3 Resultados na dimensão dos indicadores de bem-estar subjetivo infantil.

As respostas à questão 9, “O que é que uma criança precisa para ser feliz?”, foram agrupadas nas seguintes categorias: satisfação de desejos e de afeto, que engloba todas as referências à necessidade de receber atenção, amor, afeto, carinho; família; sentimentos e atitudes positivas, que inclui descrições de sentimentos e afetos positivos como sorrir e ser feliz e também de atitudes positivas como dar abraços e beijinhos; satisfação das necessidades básicas materiais, que engloba referências à importância de ter suas necessidades básicas, fisiológicas e materiais atendidas, entre elas comer, dormir, ter ou receber brinquedos; amizades; lazer; e não-violência.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 9 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.8, por género e por idade.

Tabela 4.8

Frequências e percentagens obtidas na questão 9, “O que é que uma criança precisa para ser feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Não sabe	17	17	26,56	7	7	21,88	10	10	31,25	10	10	27,03	7	7	25,93
Lazer	12	15	18,75	4	4	12,5	8	11	25	8	10	21,62	4	5	14,81
SN	8	10	12,5	6	8	18,75	2	2	6,25	6	8	16,22	2	2	7,41
Outros	7	8	10,94	4	4	12,5	3	4	9,38	3	4	8,11	4	4	14,81
Família	6	7	9,38	2	3	6,25	4	4	12,5	2	3	5,41	4	4	14,81
SA	5	5	7,81	3	3	9,38	2	2	6,25	3	3	8,11	2	2	7,41
Amizade	5	5	7,81	3	3	9,38	2	2	6,25	3	3	8,11	2	2	7,41
SD	3	3	4,69	3	3	9,38	0	0	0	1	1	2,7	2	2	7,41
Não-violência	1	1	1,56	0	0	0	1	1	3,13	1	1	2,7	0	0	0

Legenda: SN=Satisfação de necessidades básicas materiais; SA=Sentimentos e atitudes positivas; SD=Satisfação de desejos e afeto.

Ao questionarmos as crianças sobre o que elas consideravam ser necessário para uma criança ser feliz, procuraram-se possíveis indicadores de bem-estar subjetivo infantil.

As categorias que apresentaram maiores frequências foram o *lazer* (n=12; 18,75%) e a *satisfação de necessidades básicas materiais* (n=8; 12,5%).

A análise às respostas dos dois géneros constatou diferenças significativas, revelando que entre as meninas houve maior frequência na categoria *satisfação de necessidades básicas materiais* (n=6; 18,75%) enquanto nos meninos, houve uma maior frequência na categoria *lazer* (n=8; 25%).

Entre as diferentes faixas etárias observou-se que as crianças de 4 anos apresentaram maior frequência de respostas nas categorias *lazer* (n=8; 21,62%) e *satisfação de necessidades básicas materiais* (n=6; 16,22%), enquanto as crianças de 5 anos destacaram de foram equiparada o *lazer* (n=4; 14,81%) e a *família* (n=4; 14,81%).

As respostas à questão 10, “O que te deixa feliz?”, a qual procura confirmar os resultados obtidos na questão anterior, foram agrupados nas seguintes categorias: família; lazer, que engloba referências a atividades de lazer e diversão, com exceção do brincar; amizade; brincar, referente a atividades ditas como lúdicas, que envolvem brinquedos e brincadeiras infantis; satisfação de necessidades básicas e de desejo; escola; manifestações de afeto, referente ao dar e receber afeto, carinho, beijos, abraços, sorrisos; e comportamentos positivos, que envolve referências como ajudar os outros ou fazer uma boa ação.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 10 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.9, por género e por idade.

Tabela 4.9

Frequências e percentagens obtidas na questão 10, “O que é que te deixa feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
Lazer	22	28	30,56	9	10	25	13	18	36,11	13	17	30,23	9	11	31,03
SN	15	26	20,83	7	12	19,44	8	14	22,22	12	22	27,91	3	4	10,34
Família	9	11	12,5	5	6	13,89	4	5	11,11	4	6	9,3	5	5	17,24
Amizade	7	7	9,72	4	4	11,11	3	3	8,33	4	4	9,3	3	3	10,34
Brincar	5	8	6,94	4	7	11,11	1	1	2,78	2	5	4,65	3	3	10,34
Outros	4	6	5,56	2	4	5,56	2	2	5,56	3	5	6,98	1	1	3,45
Não sabe	4	4	5,56	2	2	5,56	2	2	5,56	2	2	4,65	2	2	6,9
MA	3	4	4,17	1	2	2,78	2	2	5,56	1	1	2,33	2	3	6,9
CP	2	2	2,78	1	1	2,78	1	1	2,78	2	2	4,65	0	0	0
Escola	1	1	1,39	1	1	2,78	0	0	0	0	0	0	1	1	3,45

Legenda: SN=Satisfação de necessidades básicas e de desejos; MA=Manifestações de afeto; CP=Comportamentos positivos.

As categorias que apresentaram as maiores frequências foram o *lazer* (n=22; 30,56%), a *satisfação de necessidades básicas e desejos* (n=15; 20,83%) e a *família* (n=9; 12,5%).

Quanto ao género das crianças, embora estejam os valores sejam equiparados nas categorias acima referidas, verificamos que as meninas (n=4; 11,11%) mencionam com maior frequência o *brincar* do que os meninos (n=1; 2,78%). Analisando as faixas etárias verificamos divergências a nível da categoria *satisfação de necessidades básicas e desejos*, que apresenta maiores percentagens nas crianças de 4 anos (n=12; 27,91%). Para as crianças de 5 anos, a categoria *família* é mais frequentemente mencionada (n=5; 17,24%). Para ambas as idades a categoria *lazer* é a mais salientada (meninas: n=13; 30,23% e meninos: n=9; 31,03%)

As respostas à questão 11, “O que é que não deixa feliz?”, a qual pretende investigar as causas da não promoção do bem-estar subjetivo infantil no sentido de verificar possíveis aspetos complementares às duas questões anteriores, foram agrupadas nas seguintes categorias:

- Não satisfação de desejos, que engloba as referências relacionadas com a não satisfação desejos e contrariedades como ir a um sítio que não quer, não poder brincar com os amigos, não poder ter ou fazer o que quer, ser renunciado pelos amigos, ser repreendido ou ficar de castigo.
- Doenças/Mortes, que engloba todas as referências à preocupação com a saúde e a situações em que se magoa. Incluem-se também referências à morte.
- Sentimentos negativos, que engloba referências a sentimentos e situações que provocam tristeza como quando chora ou perde de algo.
- Sofrer Maus-Tratos: que engloba referência a situações em que a criança sofre agressões físicas ou psicológicas por parte dos amigos e familiares, como bater e morder.

O número de frequências e as percentagens de ocorrência das categorias da questão 11 são apresentadas para amostra a total (n=55) na tabela 4.10, por género e por idade.

Tabela 4.10

Frequências e percentagens obtidas na questão 11, “O que é que não te deixa feliz?”

Categoria	Género									Idade					
	Total			Feminino			Masculino			4 anos			5 anos		
	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%	n	f	%
NS	32	47	48,48	17	26	53,13	15	21	44,12	18	28	47,37	14	19	50
SMT	8	10	12,12	3	3	9,38	5	7	14,71	3	5	7,89	5	5	17,86
DM	7	8	10,61	5	6	15,63	2	2	5,88	3	3	7,89	4	5	14,29
Não sabe	7	7	10,61	2	2	6,25	5	5	14,71	6	6	15,79	1	1	3,57
SN	6	8	9,09	4	6	12,5	2	2	5,88	4	6	10,53	2	2	7,14
Outros	6	6	9,09	1	1	3,13	5	5	14,71	4	4	10,53	2	2	7,14

Legenda: NS= Não satisfação de desejos; SMT=Sofrer maus tratos; DM=Doenças/mortes; SN= Sentimentos negativos.

A categoria relativa a indicadores de não promoção de bem-estar subjetivo infantil que obteve as maiores frequências foi a *não satisfação de desejos* (n=32; 48,48%).

Ao analisarmos os resultados em relação aos géneros, verificamos que embora a categoria *não satisfação de desejos* seja aquela que apresenta um maior número de referências em ambos os sexos (meninas: n=17; 53,13% e meninos: n=15; 44,12%) existem disparidades em outras categorias, sendo que as meninas apresentaram maior frequência na categoria *doenças/mortes* (n=5; 15,63%) e *sentimentos negativos* (n=4; 12,5%), enquanto os meninos se centraram mais na categoria *sofrer maus tratos* (n=5; 14,71%).

Ao nível da faixa etária, a categoria *não satisfação de desejos* mantém a maior relevância entre as duas idades, sendo algumas diferenças encontradas ao nível da categoria *sentimentos negativos*, mais referida pelas crianças de 4 anos (n=4; 10,53%). As crianças de 5 anos tendem a assinalar mais frequentemente as categorias *sofrer maus tratos* (n=5; 17,86%) e *doenças/mortes* (n=4; 14,29%).

Apresentamos então a conclusão dos resultados obtidos relativamente ao terceiro e último bloco de questões acerca dos Indicadores de Bem-Estar Subjetivo Infantil, sem considerar as categorias “Outros” e “Não sabe”, por não serem relevantes para a análise.

As últimas três questões (9,10 e 11) tiveram como objetivo identificar possíveis indícios de qualidade de vida subjetiva infantil.

De acordo com a autora da entrevista utilizada (Giacomoni, 2002) “o mapeamento dos possíveis fatores de promoção e de não-promoção de bem-estar subjetivo torna-se importante por permitir a elaboração de instrumentos para avaliação da qualidade de vida subjetiva de

nossas crianças. Isso, por sua vez, viabilizaria também a avaliação de programas de desenvolvimento de bem-estar infantil junto a pais, professores e todos os profissionais que têm algum tipo de contato com crianças.”

Os resultados obtidos na primeira questão revelaram que de acordo com a percepção infantil o que uma criança precisa para ser feliz é de *atividades de lazer* (26,65%), das *necessidades básicas materiais* satisfeitas (12,5%) e da *família* (9,38%). São ainda referidas em menor percentagem os *sentimentos e atitudes positivas* (7,81%) e a *amizade* (7,81%), a *satisfação de desejos e afeto* (4,69%) e a *não-violência* (1,56%).

Quando questionadas as crianças sobre o que as deixava felizes, as respostas foram semelhantes às obtidas na questão anterior, salientando-se novamente as categorias *lazer* (30,56%), *satisfação de necessidades básicas e desejos* (20,83%) e *família* (12,5%). A *amizade* também foi referida embora em menor percentagem (9,72%), assim como o *brincar* (6,94%), as *manifestações de afeto* (4,17%), os *comportamentos positivos* (2,78%) e a *escola* (1,39%).

Investigando, por último, as causas da não promoção do bem-estar com o intuito de complementar as duas questões anteriores, verificamos que o que proporciona maior infelicidade às crianças é nitidamente a *não satisfação de desejos* (48,48%). *Sofrer maus tratos* (12,12%) e experimentar *sentimentos negativos* (9,09%), assim como as *doenças ou mortes* (10,61%) (magoar-se ou ver um animal morto, por exemplo) também são indícios referidos por estas.

4.1.1.4 Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças.

Apresentamos de seguida a síntese dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas às crianças (cf. Tabela 4.11), bem como da distribuição dos resultados em função do género e da faixa etária.

Relativamente ao conceito de felicidade (bem-estar subjetivo), os resultados das frequências das categorias obtidas nas três primeiras questões foram na sua generalidade semelhantes para ambos os géneros (*lazer, família, satisfação de necessidades básicas e de desejos e sentimentos*). Contudo, as meninas aparentam conferir maior consideração à *família* e os meninos à *satisfação das necessidades básicas e desejos*.

Quanto às características de uma pessoa feliz as meninas tendem a mencionar *características de aparência física* (fatores externos) e os meninos *características subjetivas*

positivas (fatores internos). A nível da origem da felicidade verificamos que os meninos atribuem a fatores da *natureza* (fatores externos) e à *cabeça, cérebro, pensamento ou consciência* (fatores internos) e as meninas ao *coração* (fatores internos).

No segundo bloco de questões ambos os géneros parecem atribuir importância à *família* como uma das principais promotoras da sua felicidade. Contudo, encontram-se algumas diferenças nomeadamente na questão 6, em que os meninos praticamente equiparam as frequências de respostas entre *família* e *self positivo* e as meninas revelam como segunda categoria com maiores frequências a *amizade*. Na questão 7, enquanto as meninas continuaram a referir a *família* como motivadora de bem-estar subjetivo, os meninos referiram em maior percentagem os *sentimentos positivos*.

No último bloco de questões relativas aos indicadores de qualidade de vida subjetiva infantil, não foram encontradas diferenças significativas entre meninos e meninas. Nas questões 9 e 10, o *lazer* e a *satisfação de necessidades básicas e desejos* foram as categorias mais favorecidas para ambos os géneros. As divergências entre géneros apenas se revelam na segunda categoria com maiores frequências da primeira questão deste bloco (9), sendo para os meninos a *família* e para as meninas a *satisfação de necessidades básicas materiais*. A questão 11 confirma os resultados obtidos, sendo o que deixa as crianças mais infelizes é a *não satisfação de desejos*.

A partir destes resultados, pode-se verificar que o domínio de satisfação de vida referente ao *lazer* e à *satisfação de necessidades básicas e desejos* é muito relevante para ambos os géneros. Os aspetos relacionados à *família* enquanto promotora de bem-estar ou de mal-estar são também significativamente impactantes para os meninos.

Com o objetivo de obter uma maior compreensão acerca da distribuição das respostas das crianças consoante as diferentes faixas etárias, procedeu-se à seguinte análise. Ao nível do conceito de felicidade verificamos que tanto as crianças de 4 anos como as de 5 mencionam com bastante frequência os *sentimentos* e *lazer*. Contudo, embora também a *família* seja referida por ambos, parece mais relevante para as crianças mais novas, sendo que as de 5 já tendem a associar o conceito à *amizade*.

A perceção de uma pessoa feliz também difere para ambas as faixas etárias, sendo que as crianças de 4 anos referiram-se mais a *características subjetivas positivas e físicas* e as de 5 *atividades e características subjetivas positivas*.

Foram também constatadas diferenças entre as faixas etárias quanto à definição da origem da felicidade, revelando que as crianças de 4 anos tenderam a associar com maior

frequência a origem da felicidade a fatores da *natureza* (externos) e as de 5 anos ao *coração* (internos).

Analisando a autoperceção das duas faixas etárias sobre a felicidade verificamos que não existem diferenças significativas ao nível da ponderação que ambas atribuem à *família*, ao *self* e à *amizade*.

Quanto a possíveis indícios de qualidade de vida, para as duas faixas etárias parece ser o *lazer* o principal motivador de bem-estar subjetivo. Porém, as crianças de 4 anos referem ainda com bastante frequência a *satisfação de necessidades básicas* e as de 5 anos a *família*. O que mais perturba a felicidade das crianças de 4 anos é experimentar *sentimentos negativos*, enquanto para as de 5 são as *doenças ou os maus-tratos* por parte dos colegas.

Tabela 4.11

Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas às crianças.

Dimensões	Questões	Categorias de respostas recorrentes ⁶
Conceito de bem-estar subjetivo e suas características	O que te ocorre quando pensas em felicidade?	Lazer; família.
	O que é a felicidade?	Sentimentos; lazer.
	O que é ser feliz?	Sentimentos; lazer.
	Como é que achas que é uma pessoa feliz?	Caraterísticas subjetivas positivas; Caraterísticas de aparência física; atividades que realiza; satisfação de necessidades básicas e de desejo.
	De onde vem a felicidade?	Coração; natureza; cabeça cérebro, pensamento e consciência.
Perceção infantil da própria felicidade	Achas que és feliz? Porquê?	100% crianças responderam que sim. Família, self positivo, amizade.
	Consegues ficar feliz? Porquê?	96,3% crianças responderam que sim. Família, sentimentos positivos, lazer, amizade.
	Achas que ser feliz depende de ti?	74% crianças responderam que sim.
Indicadores de bem-estar subjetivo infantil	O que é que uma criança precisa para ser feliz?	Atividades de lazer; satisfação de necessidades básicas e materiais, família.
	O que te deixa feliz?	Lazer; satisfação de necessidades básicas e desejos; família.
	O que não te deixa feliz?	Não satisfação de desejos; sofrer maus tratos; sentimentos negativos; doenças e/ou mortes.

⁶ As categorias de respostas recorrentes são dispostas por ordem decrescente tendo em conta a sua relevância para as crianças.

4.1.2 Apresentação dos resultados da análise às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.

A entrevista semiestruturada individual realizada aos pais permitiu recolher os dados sociodemográficos dos pais e respetivos filhos, informações relativas às práticas parentais e ainda o levantamento das principais dificuldades e benefícios da parentalidade. Uma vez que a amostra de pais obtida não tem um número aproximado de participantes do mesmo género (mães: n=43, 84,3%; pais: n= 7, 13,7%; e substituto/avó: n=1, 2%), a análise das respostas recolhidas não pode averiguar as diferenças existentes entre as perceções dos pais e das mães.

Tabela 4.12

Frequências e percentagens do tempo de interação diária e ao fim-de-semana entre pais e filhos

Categoria	Interação diária		Interação fim-de-semana	
	n	%	n	%
Até 1 hora	0	0	1	2,0
Entre 1 e 2 horas	5	9,8	1	2,0
Entre 2 e 3 horas	11	21,6	2	4,1
Mais de 3 horas	35	68,6	45	91,8
Total	51	100	49	100

Ao nível da interação diária ao longo da semana (cf. Tabela 4.12) verificámos que nenhuma família despende *menos de uma hora* com os filhos. Contudo, observam-se algumas oscilações ao nível dos resultados sendo que 5 (9,8%) pais assinalaram *entre 1 e 2 horas*, 11 (21,6%) registaram *entre 2 e 3 horas* e 35 (68,6%) indicaram *mais de 3 horas*. No que se refere ao fim de semana, verificámos algumas diferenças nos valores, sendo que uma clara maioria (n=45; 91,8%) assinalou um tempo de interação com os filhos de *mais de 3 horas*. Os resultados parecem sugerir que a disponibilidade de tempo dos pais para interagir com os filhos, embora se mostre ligeiramente condicionada durante a semana, é nitidamente superior ao fim-de-semana.

Quanto às atividades desenvolvidas em conjunto com os filhos durante a semana e ao fim-de-semana (cf. Tabela 4.12), obtivemos através da análise de conteúdo realizada às respostas obtidas nas questões abertas, as frequências e percentagens das categorias, tomando em consideração aquelas obtidas no estudo de Borges (2010): *brincar didático; brincar psicomotor; passear; conversar; ajudar nas tarefas de casa; ouvir música; pintar; ler histórias; jogar computador; praticar desporto; visitar museus / exposições*.

Uma vez que no decorrer da categorização detetámos respostas não classificáveis nas categorias propostas por Borges (2010) e em número suficiente para formar uma nova categoria, pareceu-nos adequado acrescentar a este estudo duas novas categorias: *ver televisão e outros*.

De acordo com os resultados encontrados, algumas categorias da autora também foram “ampliadas”, como a categoria *pintar*, que passou a denominar-se *atividades*, a categoria *ajudar nas tarefas de casa* que passou a denominar-se *tarefas domésticas e rotinas* e a categoria *visitar museus e exposições* que passou a denominar-se *eventos culturais* (abrangendo respostas como visitar museus, exposições, espetáculos, teatro).

As respostas referentes a atividades desenvolvidas com os pais, as mães e outros foram agrupadas por família.

Foram então identificadas treze categorias finais, que passamos a apresentar:

- Brincar didático, que engloba respostas referentes a fazer jogos, puzzles, brincar, jogo simbólico;
- Ler histórias, que engloba respostas referentes a ler livros, contar histórias;
- Brincar psicomotor, que engloba respostas referentes a jogar à bola, correr, andar de bicicleta, dançar, ir ao parque infantil, atividades de exterior;
- Tarefas domésticas e rotinas, que abrange respostas como ir às compras, cozinhar, tomar banho;
- Atividades, que engloba respostas como pintar, desenhar, escrever, fazer atividades de expressão plástica;
- Passear, que engloba respostas referentes ao passear, viajar;
- -Ver televisão, que engloba respostas como ver televisão, ver desenhos animados e ver filmes;
- Jogar computador, que engloba respostas como jogar a jogos no computador, jogar à *playstation* ou à *wii*, jogar jogos eletrónicos;
- Praticar desporto, que engloba respostas como praticar Futebol, BTT, Natação;
- Conversar, que engloba referências a diálogos e conversas entre pais e filhos;
- Outras, que abrange respostas não enquadráveis nas restantes categorias e em menor percentagem como visitar familiares, trocar afeto;
- Ouvir música;

- Eventos culturais, que engloba referências a visitar museus, exposições, espetáculos, teatro, cinema.

Tabela 4.13

Frequências e percentagens das atividades desenvolvidas com os filhos durante a semana e ao fim-de-semana

Categoria	Atividades diárias			Atividades no fim-de-semana		
	n	f	%	n	f	%
Brincar didático	43	59	20,98	33	39	19,88
Ler histórias	30	33	14,63	14	15	8,43
Brincar psicomotor	25	31	12,20	18	22	10,84
Tarefas.	20	31	9,76	19	23	11,45
Atividades	21	25	10,24	12	15	7,23
Passear	21	25	10,24	37	49	22,29
Ver televisão	16	16	7,8	9	9	5,42
Jogar computador	7	9	3,41	4	5	2,41
Praticar desporto	6	7	2,93	7	8	4,22
Conversar	5	6	2,44	2	2	1,2
Outras	5	5	2,44	8	10	4,82
Ouvir música	4	4	1,95	1	1	0,6
Eventos culturais	2	2	0,95	2	2	1,2

Legenda: Tarefas=Tarefas domésticas e rotinas.

Ao analisar os resultados, verificámos que as atividades que os pais realizam com maior frequência com os filhos ao longo da semana são o *brincar didático* (n=43, 20,98%), a *ler histórias* (n=30, 14,63%) e o *brincar psicomotor* (n=25, 12,20%), seguindo-se as *atividades* (n=21, 10,24%), o *passear* (n=21, 10,24%) e as *tarefas domésticas e rotinas* (n=20, 9,76%). As atividades menos desenvolvidas são *jogar computador* (n=7, 3,41%), *praticar desporto* (n=6, 2,93%), *conversar* (n=5, 2,44%), *ouvir música* (n=4, 1,95%) e a *ida a eventos culturais* (n=2, 0,95%).

Já ao fim de semana, verificam-se com maior incidência o *passear* (n=37, 22,29%) e o *brincar didático* (n=33, 19,88%) e ainda com menor constância as *tarefas domésticas e rotinas* (n=19, 11, 45%) e o *brincar psicomotor* (n=18, 10,84%). As atividades referidas com menor frequência são *jogar computador* (n=4, 2,41%), a *ida a eventos culturais* (n=2, 1,2%), *conversar* (n=2, 1,2%) e *ouvir música* (n=1, 0,6%).

Constatamos que as atividades mais frequentemente realizadas entre pais e filhos durante a semana e ao fim-de-semana são semelhantes, embora apresentem algumas diferenças ao

nível da sua frequência: enquanto que diariamente a atividade mais dinamizada é o *brincar didático* (n=43, 20,98%), ao fim-de-semana o lugar de relevo passa para o *passar* (n=37, 22,29%).

No que se refere à frequência de atividades extracurriculares (cf. Tabela 4.14), verificámos que 43 (84,3%) têm atividades e apenas 8 (15,7%) não. No que se refere ao número de atividades que as crianças frequentam observamos que a maioria das crianças frequenta entre uma (n=20, 45,5%) a duas (n=13, 29,5%) atividades.

Tabela 4.14

Frequências e percentagens do número de atividades extracurriculares

Nr.º de atividades	n	%
1 Atividade	20	45,5
2 Atividades	13	29,5
3 Atividades	4	9,1
4 Atividades	6	13,6
5 Atividades	1	2,3

Quanto ao período de tempo que as crianças passam no jardim-de-infância (cf. Tabela 4.15), verificámos que a maioria (n=26, 69,2%) permanece *entre 7 e 9 horas* na instituição e 13 (25%) *entre 5 e 7 horas*.

Tabela 4.15

Frequências e percentagens das horas passadas no jardim-de-infância

Nr.º de horas	n	%
Menos de 5 horas	1	1,9
Entre 5 e 7 horas	13	25
Entre 7 e 9 horas	26	69,2
Mais de 9 horas	2	3,8
Total	52	94,5

No que se refere ao facto da família beneficiar de apoio extrafamiliar, 37 (72,5%) pais responderam que *sim* e 14 (27,5%) responderam que *não*.

Com a finalidade de auscultar a experiência subjetiva da parentalidade e identificar as dificuldades e benefícios da parentalidade, após transcritas as respostas dos pais às questões abertas, definiram-se as categorias predominantes (Borges, 2010).

Para as dificuldades da parentalidade (cf. Tabela 4.16) foram encontradas sete categorias, a saber:

- Dificuldades económicas, que engloba referências a limitações financeiras;
- Falta de tempo, que engloba referências à falta de tempo pessoal e falta de tempo para estar com os filhos em geral;
- Gestão de comportamentos, que engloba dificuldades relacionadas com o estabelecimento de regras e limites, dizer “não”, lidar com as birras e a desobediência, educar em geral;
- Receio quanto ao futuro, que engloba receios dos pais quanto ao resultado da educação transmitida à criança no futuro;
- Definição de papéis, que engloba dificuldades relacionadas com o desempenho do papel de pai e mãe em simultâneo;
- Conciliar vida profissional e familiar, que engloba referências relacionadas com a falta de tempo para estar com os filhos devido às exigências profissionais;
- Indisponibilidade psicológica, que engloba referências relacionadas com a consciencialização da importância do papel parental.

Tabela 4.16

Frequências e percentagens das dificuldades referidas pelos pais

Categorias	n	f	%
Conciliar vida profissional e familiar	14	14	30,43
Falta de tempo	12	12	26,09
Gestão de comportamentos	11	11	23,91
Receio quanto ao futuro	4	4	8,7
Definição de papéis	2	2	4,35
Dificuldades económicas	2	2	4,35
Indisponibilidade psicológica	1	1	2,17

Ao analisarmos os resultados obtidos, verificámos que as dificuldades mais frequentes referidas pelos pais são *conciliar a vida profissional e familiar* (n=14, 30,43%), a *falta de tempo* (n=12, 26,09%) e a *gestão de comportamentos* da criança (n=11, 23,91%).

Nas dificuldades indicadas pelos pais não foi feita referência à *adaptação ao nível de desenvolvimento da criança* conforme consta no estudo de Borges (2010), pelo que essa categoria não foi incluída.

Para os benefícios da parentalidade (cf. Tabela 4.17) as categorias encontradas foram as seguintes:

- Expressão de generatividade, que engloba referências à partilha de conhecimentos e de experiência com os filhos, à preocupação com a geração futura;
- Experiência emocional positiva, que engloba referências como gostar de ser mãe / pai e aos afetos partilhados entre pais e filhos;
- Companhia / convivência, que engloba referências ao tempo despendido com a criança;
- Ver os filhos crescer bem, que engloba referências ao ver os filhos crescer e acompanhar o seu desenvolvimento;
- Reviver a infância, que engloba referências à oportunidade de se sentir criança novamente;
- Oportunidades de crescimento pessoal, que engloba referências a aprendizagens pessoais como gerir melhor o seu tempo, ser mais organizado, ser mais paciente;
- Bem-estar pessoal, que engloba referências à parentalidade como uma experiência gratificante.

Tabela 4.17

Frequências e percentagens dos benefícios referidos pelos pais

Categorias	n	f	%
Experiência emocional positiva	15	16	27,78
Ver os filhos crescer bem	10	10	18,52
Bem-estar pessoal	10	10	18,52
Oportunidades de crescimento pessoal	9	10	16,67
Expressão de generatividade	8	8	14,81
Reviver a infância	1	1	1,85
Companhia/convivência	1	1	1,85

Quanto aos benefícios do papel de pais, verificámos que as fontes mais referidas são a *experiência emocional positiva* (n=15, 27,78%), *ver os filhos crescer bem* (n=10, 18,52%), o *bem-estar pessoal* (n=10, 18,52%), as *oportunidades de crescimento pessoal* (n=9, 16,67%) e a *expressão de generatividade* (n=8, 14,81%).

4.1.2.1 Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.

Apresentamos a síntese dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos pais (cf. Tabela 4.18).

Tabela 4.18

Síntese dos resultados da análise qualitativa às entrevistas semiestruturadas individuais realizadas aos pais.

Dimensões	Categorias de respostas recorrentes ⁷
Tempo de interação diária durante a semana	Mais de 3 horas.
Tempo de interação ao fim-de-semana	Mais de 3 horas.
Atividades realizadas com os filhos durante a semana	Brincar didático; ler histórias.
Atividades realizadas com os filhos ao fim-de-semana	Passear; brincar didático.
Crianças que frequentam atividades extracurriculares	84,3%.
Período de tempo passado no jardim-de-infância	Entre 7 e 9 horas.
Pais com apoio extrafamiliar	72,5%
Dificuldades do papel de pais	Conciliar a vida profissional e familiar; falta de tempo; gestão de comportamentos da criança.
Benefícios do papel de pais	Experiência emocional positiva; ver os filhos crescer bem; bem-estar pessoal; oportunidades de crescimento pessoal; expressão de generatividade.

4.2 Apresentação e análise dos resultados quantitativos

Previamente à análise dos dados verificámos as variáveis categóricas e contínuas, no sentido de detetar a existência de erros ou *outliers* que pudessem afetar a normalidade da distribuição dos dados bem como distorcer os resultados da análise estatística.

No que se refere à verificação da normalidade na distribuição dos resultados, a análise dos historigramas permitiu verificar que embora algumas variáveis apresentem curvas ligeiramente assimétricas (umas vezes para a esquerda outras para a direita), na sua generalidade existe uma distribuição tendencialmente normal.

⁷ As categorias de respostas recorrentes são dispostas por ordem decrescente tendo em conta a sua relevância para os pais.

4.2.1 Análise descritiva.

Procedemos, então, à análise descritiva dos resultados obtidos nas diversas variáveis em estudo, calculando os valores mínimos e máximos, a média e o desvio padrão obtidos em cada medida, apresentados na tabela que se segue.

Tabela 4.19

Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas diversas medidas aplicadas

Variáveis	Medidas	Mín.	Máx.	Média	DP
Bem-Estar Subjetivo dos pais	Afetividade positiva	21	48	33,20	6,41
	Afetividade negativa	10	24	14,45	3,93
	Satisfação com a vida	8	25	19,60	4,24
Bem-Estar Subjetivo das crianças	Afetividade positiva	48	82	66,83	8,31
	Afetividade negativa	17	74	41,65	12,88
	Self	25	50	42,41	6,06
	Self Comparado	8	40	24,54	8,56
	Não-violência	4	19	8,54	4,31
	Família	26	55	45,28	6,40
	Amizade	27	48	39,81	5,11
	Escola	16	35	30,06	4,73
Estilo parental	Estilo democrático	50	74	65,80	6,87
	Estilo autoritário	14	28	21,47	3,18
	Estilo permissivo	5	19	10,26	2,77

Legenda: DP = desvio padrão.

A análise descritiva dos resultados na amostra das medidas aplicadas neste estudo permite-nos verificar o seguinte.

No domínio do bem-estar subjetivo dos pais, através dos resultados da medida PANAS, verificámos que os participantes obtêm pontuações superiores na *afetividade positiva* (M=33,20; DP=6,41), comparativamente às obtidas na *afetividade negativa* (M=14,45; DP=3,93). Na escala da satisfação com a vida, observamos uma média de 19,60 (DP=4,24) pontos. Estes valores apontam para uma notória positividade dos resultados ao nível das dimensões afetiva e cognitiva do bem-estar subjetivo dos pais, mostrando que estes fazem uma avaliação positiva da sua própria vida, quer em termos da apreciação afetiva, quer ao nível da satisfação global com a mesma.

Relativamente ao domínio do bem-estar subjetivo das crianças, os resultados da medida PANAS, indicam valores mais elevados para a *afetividade positiva* (M=66,83; DP=8,31) do que para a *afetividade negativa* (M=41,65; DP=12,88). Quanto à escala de satisfação com a

vida observamos nas seis subescalas, pontuações superiores nas dimensões *família* (M=45,28; DP=6,40), *self* (M=42,41; DP=6,06) e *amizade* (M=39,81; DP=5,11), seguindo-se por ordem decrescente, a *escola* (M=30,06; DP=4,73), o *self comparado* (M=24,54; DP=8,56), e por último, a *não-violência* (M=8,54; DP=4,31).

Os resultados das medidas analisadas permitem-nos aferir que as crianças que participaram neste estudo manifestam sentimentos positivos em relação à avaliação que fazem da sua vida.

Depreendemos ainda, pela análise da dimensão cognitiva, que os indicadores que determinam uma maior satisfação com a vida nas crianças são o ambiente familiar harmónico (*família*), as características subjetivas positivas como autoestima, bom humor, capacidade de se relacionar e demonstrar afeto aos outros (*self*) e a satisfação no relacionamento com os pares (*amizade*).

Quanto aos estilos parentais e práticas parentais adotadas pelos pais, os resultados das medidas apontam para um maior predomínio do estilo parental democrático/práticas parentais democráticas (M=65,80; DP=6,87), verificando-se pontuações significativamente mais baixas para os estilos parentais autoritário (M=21,47; DP=3,18) e permissivo (M=10,26; DP=2,77).

4.2.2 Estatística bivariada.

Apresentam-se de seguida as estatísticas inferenciais (bivariadas) utilizadas para testar as hipóteses do estudo, bem como responder aos objetivos previamente estabelecidos.

4.2.2.1 Análise da variância dos resultados do bem-estar subjetivo da criança em função do género e da idade.

No sentido de analisar a variância dos resultados do bem-estar subjetivo da criança em função do género (*cf.* Tabela 4.20) e da idade (*cf.* Tabela 4.21) efetuámos a técnica estatística não paramétrica U de Mann-Whitney, tendo como variáveis dependentes as duas subescalas de afeto (Escala da Afetividade Positiva e Negativa) e a Escala de Satisfação com a Vida.

No domínio afetivo, não foram encontrados efeitos de interação do género das crianças com a afetividade positiva ($p=.748$) ou com a afetividade negativa ($p=.856$).

Já ao nível da satisfação com a vida, encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os géneros apenas na dimensão *família* ($p=.045$), com valores mais elevados nos meninos (mean rank= 31.94) em relação às meninas (mean rank= 23.38).

Tabela 4.20

Variância dos resultados do BES da criança em função do género

Medidas		Mean Rank		Género	
		Meninas	Meninos	Z	Sig.
Afetividade	Positiva	26,84	28,21	-.321	.748
	Negativa	27,88	27,10	-.182	.856
Satisfação com a vida	Self	29,84	24,98	-1,138	.255
	Self comparado	25,27	29,90	-1,084	.278
	Não-violência	25,16	30,02	-1,151	.250
	Família	23,38	31,94	-2,009	.045*
	Amizade	27,86	27,12	-.174	.862
	Escola	27,20	27,83	-.148	.882

Legenda: Z = valor padronizado; Sig.= valor de significância.

* $p < 0.05$

Relativamente à idade, procurámos averiguar se as crianças de 4 e 5 anos diferiam em termos do seu nível de bem-estar subjetivo. Verificámos que existe uma diferença estatisticamente significativa entre as idades das crianças ao nível da *afetividade negativa* ($p=.007$), da satisfação com a vida ao nível do *self* ($p=.043$) e da *não-violência* ($p=.001$).

Os valores de mean rank permitem-nos observar que os valores da *afetividade negativa* (32.45) e a *não-violência* (33.39) são maiores para as crianças de 4 anos e que a satisfação com a vida em relação ao *self* é maior para as crianças de 5 anos (32.50).

Tabela 4.21

Variância dos resultados do BES da criança em função da idade

Medidas		Mean Rank		Idade	
		4 anos	5 anos	Z	Sig.
Afetividade	Positiva	24,03	32,17	-1.883	.060
	Negativa	32,45	20,83	-2.687	.007*
Satisfação com a vida	Self	23,79	32,50	-2.019	.043*
	Self comparado	29,27	25,11	-.964	.335
	Não-violência	33,39	19,57	-3.239	.001*
	Família	27,11	28,02	-.211	.833
	Amizade	25,71	29,91	-.973	.330
	Escola	24,87	31,04	-1,437	.151

Legenda: Z = valor padronizado. Sig.= valor de significância.

* $p < 0.05$

4.2.2.2 Análise da relação entre o bem-estar subjetivo da criança e o bem-estar subjetivo dos pais.

No sentido de analisar a relação entre o bem-estar subjetivo da criança e o bem-estar subjetivo dos pais, aplicámos o método estatístico da *Correlação* (coeficiente de correlação de *Spearman*).

Tabela 4.22

Resultados da Correlação para associação entre o BES da criança e o BES dos pais

Medidas (crianças)	PA pais		NA pais		SWL pais	
	Pearson	Sig.	Pearson	Sig.	Pearson	Sig.
Afetividade positiva	.33	.02*	-.31	.03*	.38	.01*
Afetividade negativa	-.08	.60	.00	1.0	-.05	.75
Satisfação com a vida:						
Self	.27	.07	-.16	.27	.38	.01*
Self Comparado	.04	.78	.04	.75	-.13	.38
Não-violência	.02	.90	-.08	.58	-.07	.65
Família	.14	.36	-.01	.92	-.05	.73
Amizade	.29	.05*	-.21	.14	.28	.05*
Escola	.27	.07	-.13	.38	.27	.06

Legenda: Sig.= valor de significância.

* $p < 0.05$

Numa primeira análise à direccionalidade e intensidade das correlações (cf. Tabela 4.22), verificámos correlações estatisticamente significativas entre a *afetividade positiva* das crianças com a *afetividade positiva* ($r=.33$), a *satisfação com a vida* ($r=.38$) e a *afetividade negativa* dos pais ($r=-.31$), esta última em sentido inverso. O *self* das crianças revela uma correlação moderada com a *satisfação com a vida* dos pais ($r=.38$). A *amizade* também se correlaciona com a *afetividade positiva* ($r=.29$) e a *satisfação com a vida* ($r=.28$) dos pais.

Os resultados obtidos permitem-nos concluir que existe, de facto, uma associação entre o bem-estar subjetivo das crianças e dos seus pais. Quanto maior a *afetividade positiva dos pais*, maior é a *afetividade positiva* da criança e a sua satisfação com os pares (*amizade*). Inversamente, quanto maior a *afetividade negativa* dos pais, menor é a *afetividade positiva* da criança. A *satisfação com a vida* dos pais também promove a *afetividade positiva*, a autoestima (*self*) e a *amizade* (satisfação com os pares) das crianças.

4.2.3 Estatística multivariada.

No sentido de testarmos quais os fatores influentes do bem-estar subjetivo da criança realizámos a *Regressão Hierárquica Múltipla* utilizando o método *Enter* (entrada simultânea) para as variáveis dependentes *afetividade positiva*, *afetividade negativa* e *satisfação com a vida* (*self*, *self comparado*, *não-violência*, *família*, *amizade* e *escola*).

As variáveis independentes submetidas aos componentes do bem-estar subjetivo da criança foram agrupadas em cinco blocos. No primeiro bloco foram introduzidas as variáveis referentes às práticas parentais (*estilo permissivo próprio*, *estilo democrático próprio* e *estilo autoritário próprio*), no segundo bloco foram consideradas as variáveis do bem-estar subjetivo dos pais (*afetividade positiva*, *afetividade negativa* e *satisfação com a vida*), no terceiro bloco as variáveis referentes a dados sociodemográficos (*número de irmãos da criança*, *estrutura familiar* e *posição que a criança ocupa entre os irmãos*), no quarto bloco as variáveis *tempo de permanência no jardim-de-infância* e *frequência de atividades extracurriculares* e no quinto bloco as variáveis *tempo de interação diária* entre pais e filhos e *tempo de interação ao fim de semana*.

4.2.3.1 Análise dos preditores da afetividade positiva da criança.

A tabela 4.23 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *afetividade positiva da criança*.

Tabela 4.23

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *PA da criança*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.126	.057	1.823	.159	.126	1.823	.159
2	.232	.100	1.759	.136	.106	1.608	.205
3	.300	.103	1.524	.182	.068	1.040	.388
4	.487	.299	2.592	.019*	.187	5.479	.009
5	.498	.265	2.139	.045*	.011	.308	.737

Legenda: R² = Coeficiente de determinação. F = valor de F corresponde a R² do bloco n. Sig. = valor de significância. R²ch=valor do R² da mudança (*change*). * $p < 0.05$

O conjunto dos cinco blocos de variáveis mostrou-se responsável por explicar 49,8% (R² Ajustado = 26,5%) da variância na variável dependente. Observamos que o bloco 4, que inclui a variáveis *tempo de permanência no jardim-de-infância* e *frequência de atividades extracurriculares*, é aquele que explica a maior parte da variância na afetividade positiva das crianças, mais precisamente 19% e apresenta-se como o único bloco estatisticamente

significativo ($p=.009$). Na tabela 4.24 são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Tabela 4.24

Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *PA da criança*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	.140	.116	.676	.503
	Estilo autoritário	-.729	-.273	-1.533	.134
	Estilo permissivo	-.120	-.040	-.251	.803
2	Estilo democrático	.142	.117	.686	.497
	Estilo autoritário	-.356	-.133	-.702	.488
	Estilo permissivo	.120	.040	.250	.804
	Afetividade positiva pais	.187	.144	.747	.460
	Afetividade negativa pais	-.100	-.047	-.228	.821
	Satisfação com a vida pais	.513	.261	1.485	.147
3	Estilo democrático	.027	.022	.125	.901
	Estilo autoritário	-.468	-.175	-.884	.383
	Estilo permissivo	.424	.141	.830	.413
	Afetividade positiva pais	.465	.359	1.544	.132
	Afetividade negativa pais	.242	.114	.493	.626
	Satisfação com a vida pais	.636	.324	1.742	.091
	Número de irmãos	-2.733	-.264	-1.169	.251
	Posição entre irmãos	3.028	.406	1.683	.102
4	Estrutura familiar	1.758	.152	.913	.368
	Estilo democrático	.071	.059	.366	.717
	Estilo autoritário	-.633	-.237	-1.343	.189
	Estilo permissivo	.417	.139	.915	.367
	Afetividade positiva pais	.251	.193	.894	.378
	Afetividade negativa pais	.263	.125	.606	.549
	Satisfação com a vida pais	.749	.382	2.282	.030*
	Número de irmãos	-.523	-.051	-.236	.815
	Posição entre irmãos	1.718	.230	1.019	.317
	Estrutura familiar	3.891	.337	2.046	.050*
5	Tempo no jardim-de-infância	-3.123	-.209	-1.431	.163
	Atividades extracurriculares	-9.829	-.434	-2.871	.007*
	Estilo democrático	.105	.086	.514	.611
	Estilo autoritário	-.642	-.241	-1.325	.196
	Estilo permissivo	.443	.148	.936	.357
	Afetividade positiva pais	.234	.180	.810	.425
	Afetividade negativa pais	.168	.080	.364	.719
	Satisfação com a vida pais	.683	.348	1.915	.066
	Número de irmãos	-.212	-.021	-.092	.928
	Posição entre irmãos	1.766	.237	1.017	.318
	Estrutura familiar	3.698	.320	1.884	.070
	Tempo no jardim-de-infância	-3.244	-.217	-1.447	.159
Atividades extracurriculares	-9.434	-.417	-2.664	.013*	
Tempo de interação diária	-.102	-.008	-.054	.957	
Tempo de interação ao fim de semana	-1.795	-.117	-.737	.468	

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

A análise do poder preditivo das variáveis revela que apenas no bloco 4 é explicada a variância da *afetividade positiva das crianças* pela frequência de *atividades extracurriculares* ($\beta=-.434$; $t=-2.871$; $p=.007$), em associação inversa, pela *satisfação com a vida dos pais* ($\beta=.382$; $t=2.282$; $p=.030$) e pela *estrutura familiar* ($\beta=.337$; $t=2.046$; $p=.050$). O quinto bloco, que engloba todas as variáveis na regressão e sumariza os resultados, confirma que a variável que mais contribui para a variância da *afetividade positiva das crianças* é a *frequência de atividades extracurriculares* ($\beta=-.417$; $t=-2.664$; $p=.013$), em associação inversa, a que se segue, todavia com valores estatísticos marginais, a *satisfação com a vida dos pais* ($\beta=.348$; $t=1.915$; $p=.066$) e a *estrutura familiar* ($\beta=.320$; $t=1.884$; $p=.070$).

4.2.3.2 Análise dos preditores da afetividade negativa da criança.

A tabela 4.25 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *afetividade negativa das crianças*. Através dos valores de *R Square*, observamos que o conjunto dos cinco blocos de variáveis mostra-se responsável por 34% (R^2 Ajustado = 3,4%) da variância na variável dependente. Contudo, à exceção deste, nenhum bloco de variáveis apresenta valores estatisticamente significativos que expliquem a variância na *afetividade negativa da criança*.

Tabela 4.25

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *NA da criança*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.077	.004	1.061	.377	.077	1.061	.377
2	.096	-.059	.619	.713	.019	.242	.867
3	.152	-.087	.636	.758	.056	.701	.559
4	.179	-.122	.596	.817	.028	.504	.609
5	.340	.034	1.112	.390	.161	3.422	.047

Legenda: R² = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R² do bloco n; Sig. = valor de significância; R²ch=valor do R² da mudança (*change*; * $p < 0.05$)

Na tabela 4.26 são apresentados os respectivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Tabela 4.26Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *NA da criança*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	-.056	-.030	-.169	.867
	Estilo autoritário	.878	.212	1.159	.254
	Estilo permissivo	.508	.109	.671	.507
2	Estilo democrático	-.007	-.004	-.020	.984
	Estilo autoritário	1.107	.268	1.297	.203
	Estilo permissivo	.629	.135	.778	.442
	Afetividade positiva pais	-.118	-.059	-.279	.782
	Afetividade negativa pais	-.543	-.166	-.735	.468
	Satisfação com a vida pais	.073	.024	.126	.900
3	Estilo democrático	.136	.072	.366	.717
	Estilo autoritário	1.308	.316	1.448	.157
	Estilo permissivo	.274	.059	.315	.755
	Afetividade positiva pais	-.340	-.169	-.662	.513
	Afetividade negativa pais	-.720	-.220	-.859	.397
	Satisfação com a vida pais	.092	.030	.148	.883
	Número de irmãos	.898	.056	.225	.823
	Posição entre irmãos	-3.493	-.302	-1.139	.263
Estrutura familiar	-.388	-.022	-.118	.907	
4	Estilo democrático	.106	.057	.278	.783
	Estilo autoritário	1.402	.339	1.516	.140
	Estilo permissivo	.286	.061	.320	.751
	Afetividade positiva pais	-.206	-.102	-.374	.711
	Afetividade negativa pais	-.729	-.222	-.855	.399
	Satisfação com a vida pais	.020	.006	.030	.976
	Número de irmãos	-.471	-.029	-.108	.915
	Posição entre irmãos	-2.666	-.230	-.806	.427
	Estrutura familiar	-1.584	-.088	-.425	.674
	Tempo no jardim-de-infância	2.100	.091	.491	.627
Atividades extracurriculares	5.618	.160	.837	.409	
5	Estilo democrático	-.064	-.034	-.177	.861
	Estilo autoritário	1.326	.321	1.540	.135
	Estilo permissivo	.381	.082	.453	.654
	Afetividade positiva pais	-.192	-.096	-.375	.710
	Afetividade negativa pais	-.400	-.122	-.487	.630
	Satisfação com a vida pais	.572	.188	.903	.374
	Número de irmãos	-1.329	-.083	-.323	.749
	Posição entre irmãos	-3.377	-.292	-1.094	.283
	Estrutura familiar	-.586	-.033	-.168	.868
	Tempo no jardim-de-infância	2.411	.104	.605	.550
	Atividades extracurriculares	3.617	.103	.575	.570
	Tempo de interação diária	-4.937	-.256	-1.484	.149
	Tempo de interação ao fim de semana	10.764	.451	2.485	.019*

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

A análise do poder preditivo das variáveis revela que apenas no bloco 5 é explicada a variância da *afetividade negativa das crianças pelo tempo de interação ao fim de semana* ($\beta=.451$; $t=2.485$; $p=.019$).

4.2.3.3 *Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação ao self.*

A tabela 4.27 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *self*. Através dos valores de *R Square*, observamos que o conjunto dos cinco blocos de variáveis mostra-se responsável por 41,4% (R^2 ajustado = 12,1%) da variância na variável dependente, apesar de não se revelar estatisticamente significativo. Os blocos anteriores também não apresentam valores estatisticamente significativos que expliquem a variância no *self*.

Tabela 4.27

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Self*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.126	.053	1.733	.178	.126	1.733	.178
2	.223	.082	1.579	.184	.097	1.372	.269
3	.231	.000	1.001	.460	.008	.103	.958
4	.351	.095	1.374	.239	.120	2.578	.094
5	.414	.121	1.414	.218	.064	1.411	.262

Legenda: R² = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R² do bloco n; Sig. = valor de significância; R²ch=valor do R² da mudança (*change*).

Na tabela 4.28 são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Apesar da síntese dos resultados da regressão hierárquica múltipla não apresentar valores estatisticamente significativos, a análise do poder preditivo das variáveis do bloco 4 revela que o *tempo passado no jardim-de-infância* ($\beta=-.380$; $t=-2.172$; $p=.038$) explica, em associação inversa, a variância do *self*. O quinto bloco confirma que a variável que mais contribui para a variância do *self* (em associação inversa) é, de facto, o *tempo passado no jardim-de-infância* ($\beta=-.385$; $t=-2.230$; $p=.035$).

Tabela 4.28Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Self*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	.132	.150	.849	.401
	Estilo autoritário	-.357	-.184	-1.003	.323
	Estilo permissivo	-.347	-.159	-.975	.336
2	Estilo democrático	.102	.115	.652	.519
	Estilo autoritário	-.220	-.113	-.575	.569
	Estilo permissivo	-.209	-.095	-.575	.569
	Afetividade positiva pais	.176	.186	.929	.360
	Afetividade negativa pais	.285	.185	.860	.396
	Satisfação com a vida pais	.455	.318	1.746	.090
3	Estilo democrático	.116	.131	.675	.505
	Estilo autoritário	-.167	-.086	-.400	.692
	Estilo permissivo	-.246	-.113	-.611	.546
	Afetividade positiva pais	.175	.185	.736	.467
	Afetividade negativa pais	.288	.187	.743	.463
	Satisfação com a vida pais	.466	.326	1.616	.117
	Número de irmãos	-.445	-.059	-.241	.811
	Posição entre irmãos	-.242	-.044	-.170	.866
4	Estrutura familiar	-.126	-.015	-.083	.934
	Estilo democrático	.124	.140	.732	.470
	Estilo autoritário	-.174	-.090	-.438	.665
	Estilo permissivo	-.292	-.133	-.754	.457
	Afetividade positiva pais	.052	.055	.221	.827
	Afetividade negativa pais	.267	.173	.723	.475
	Satisfação com a vida pais	.496	.347	1.745	.092
	Número de irmãos	.810	.108	.435	.667
	Posição entre irmãos	-1.213	-.223	-.849	.403
	Estrutura familiar	-.680	-.081	-.462	.648
5	Tempo no jardim-de-infância	-4.142	-.380	-2.172	.038*
	Atividades extracurriculares	1.070	.203	1.175	.250
	Estilo democrático	.166	.189	.979	.337
	Estilo autoritário	-.154	-.079	-.391	.699
	Estilo permissivo	-.330	-.151	-.852	.402
	Afetividade positiva pais	.051	.054	.217	.830
	Afetividade negativa pais	.196	.127	.519	.608
	Satisfação com a vida pais	.330	.231	1.114	.276
	Número de irmãos	1.034	.137	.551	.586
	Posição entre irmãos	-1.012	-.186	-.716	.481
	Estrutura familiar	-.827	-.098	-.569	.574
	Tempo no jardim-de-infância	-4.196	-.385	-2.230	.035*
Atividades extracurriculares	1.111	.211	1.235	.228	
Tempo de interação diária	1.746	.193	1.138	.265	
Tempo de interação ao fim de semana	-2.972	-.265	-1.506	.144	

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

4.2.3.4 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação ao *self comparado*.

A tabela 4.29 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *self comparado*. Através dos valores de *R Square*, observamos que o conjunto dos cinco blocos de variáveis mostra-se responsável por 30,1% (R^2 ajustado=-4,8%) da variância da variável dependente, apesar de não se revelar estatisticamente significativo. Os blocos anteriores também não apresentam valores estatisticamente significativos que expliquem a variância no *self comparado*.

Tabela 4.29

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Self comparado*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.165	.095	2.369	.087	.165	2.369	.087
2	.189	.042	1.285	.291	.025	.332	.802
3	.197	-.044	.819	.603	.008	.099	.960
4	.300	.025	1.089	.404	.102	2.047	.148
5	.301	-.048	.862	.598	.002	.030	.971

Legenda: R² = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R² do bloco n; Sig. = valor de significância; R²ch=valor do R² da mudança (*change*); * $p < 0.05$

Na tabela 4.30, apresentada na página seguinte, são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis, embora não se tenham encontrado valores estatisticamente significativos que lhes atribuam poder preditivo sobre a variável dependente.

Tabela 4.30Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Self comparado*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	-.388	-.312	-1.809	.079
	Estilo autoritário	-.204	-.074	-.415	.681
	Estilo permissivo	.898	.290	1.824	.076
2	Estilo democrático	-.409	-.328	-1.813	.079
	Estilo autoritário	-.117	-.043	-.212	.833
	Estilo permissivo	.872	.282	1.663	.106
	Afetividade positiva pais	.266	.199	.973	.338
	Afetividade negativa pais	.156	.072	.326	.747
	satisfação com a vida pais	-.086	-.043	-.229	.820
3	Estilo democrático	-.436	-.350	-1.764	.088
	Estilo autoritário	-.176	-.064	-.291	.773
	Estilo permissivo	.956	.309	1.642	.111
	Afetividade positiva pais	.338	.253	.985	.333
	Afetividade negativa pais	.284	.130	.508	.615
	satisfação com a vida pais	-.018	-.009	-.043	.966
	Número de irmãos	-.618	-.058	-.232	.818
	Posição entre irmãos	.664	.086	.324	.748
4	Estrutura familiar	1.096	.092	.499	.621
	Estilo democrático	-.431	-.346	-1.739	.093
	Estilo autoritário	-.163	-.059	-.279	.782
	Estilo permissivo	.997	.323	1.755	.090
	Afetividade positiva pais	.481	.360	1.382	.178
	Afetividade negativa pais	.305	.140	.563	.578
	satisfação com a vida pais	-.030	-.015	-.073	.942
	Número de irmãos	-2.146	-.202	-.786	.439
	Posição entre irmãos	1.857	.241	.885	.384
	Estrutura familiar	1.865	.157	.863	.395
5	Tempo no jardim-de-infância	5.179	.336	1.850	.075
	Atividades extracurriculares	-1.670	-.224	-1.250	.222
	Estilo democrático	-.437	-.351	-1.664	.108
	Estilo autoritário	-.150	-.055	-.247	.807
	Estilo permissivo	.973	.315	1.627	.116
	Afetividade positiva pais	.491	.367	1.351	.188
	Afetividade negativa pais	.334	.153	.573	.572
	satisfação com a vida pais	-.042	-.021	-.092	.927
	Número de irmãos	-2.266	-.213	-.782	.441
	Posição entre irmãos	1.893	.246	.867	.394
	Estrutura familiar	1.871	.157	.834	.412
	Tempo no jardim-de-infância	5.209	.338	1.793	.085
Atividades extracurriculares	-1.644	-.221	-1.183	.247	
Tempo de interação diária	.520	.041	.219	.828	
Tempo de interação ao fim de semana	.123	.008	.040	.968	

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados;Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

4.2.3.5 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à não-violência.

A tabela 4.31 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *não-violência*. Através dos valores de *R Square*, observamos que o conjunto dos cinco blocos de variáveis mostra-se responsável por 29,2% (R^2 ajustado = -6,2%) da variância na variável dependente mas nenhum bloco de variáveis apresenta valores estatisticamente significativos que expliquem a variância da *não-violência*.

Tabela 4.31

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Não-violência*

Modelo	R^2	R^2 Ajustado	F	Sig.	R^2 ch	Fch	SigFch
1	.044	-.036	.551	.651	.044	.551	.651
2	.066	-.103	.391	.880	.022	.265	.850
3	.205	-.033	.862	.568	.139	1.751	.178
4	.281	-.002	.994	.475	.075	1.467	.248
5	.292	-.062	.824	.633	.011	.201	.819

Legenda: R^2 = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R^2 do bloco n; Sig. = valor de significância; R^2 ch=valor do R^2 da mudança (*change*); * $p < 0.05$

Na tabela 4.32, apresentada na página seguinte, são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Tabela 4.32Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Não-violência*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	-,086	-,137	-,745	,461
	Estilo autoritário	-,022	-,016	-,085	,933
	Estilo permissivo	,248	,160	,937	,355
2	Estilo democrático	-,069	-,111	-,571	,572
	Estilo autoritário	,060	,044	,202	,842
	Estilo permissivo	,261	,168	,922	,363
	Afetividade positiva pais	,002	,004	,017	,987
	Afetividade negativa pais	-,197	-,180	-,763	,451
	Satisfação com a vida pais	-,073	-,072	-,361	,720
3	Estilo democrático	-,087	-,139	-,705	,486
	Estilo autoritário	,000	,000	,001	,999
	Estilo permissivo	,338	,217	1,160	,255
	Afetividade positiva pais	,099	,147	,575	,570
	Afetividade negativa pais	,032	,029	,115	,909
	Satisfação com a vida pais	,082	,081	,396	,695
	Número de irmãos	-1,189	-,222	-,892	,380
	Posição entre irmãos	,428	,111	,417	,679
	Estrutura familiar	2,240	,374	2,041	,050*
4	Estilo democrático	-,097	-,155	-,770	,448
	Estilo autoritário	,003	,002	,010	,992
	Estilo permissivo	,370	,238	1,277	,212
	Afetividade positiva pais	,173	,258	,978	,337
	Afetividade negativa pais	,046	,042	,167	,869
	Satisfação com a vida pais	,057	,056	,266	,792
	Número de irmãos	-1,929	-,360	-1,386	,177
	Posição entre irmãos	,997	,258	,933	,359
	Estrutura familiar	2,534	,423	2,301	,029*
	Tempo no jardim-de-infância	2,397	,309	1,680	,104
	Atividades extracurriculares	-,503	-,135	-,739	,466
5	Estilo democrático	-,097	-,155	-,729	,472
	Estilo autoritário	-,013	-,009	-,042	,967
	Estilo permissivo	,400	,257	1,321	,198
	Afetividade positiva pais	,163	,243	,888	,382
	Afetividade negativa pais	,027	,025	,093	,927
	Satisfação com a vida pais	,091	,090	,394	,697
	Número de irmãos	-1,841	-,344	-1,255	,220
	Posição entre irmãos	,933	,241	,844	,407
	Estrutura familiar	2,548	,425	2,241	,034*
	Tempo no jardim-de-infância	2,374	,306	1,614	,119
	Atividades extracurriculares	-,535	-,143	-,761	,453
	Tempo de interação diária	-,761	-,118	-,635	,531
	Tempo de interação ao fim de semana	,290	,036	,188	,853

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

Apesar da síntese dos resultados da regressão hierárquica múltipla não apresentar valores estatisticamente significativos, a análise do poder preditivo das variáveis revela que no bloco 3 é explicada a variância da *não-violência* pela *estrutura familiar* ($\beta=.374$; $t=2.041$; $p=.050$). Quando introduzimos o bloco 4, o maior poder preditivo continua a estar atribuído à *estrutura familiar* ($\beta=.423$; $t=2.301$; $p=.029$). Por último, o quinto bloco vem confirmar que é, de facto, *a estrutura familiar* a variável que mais contribui para a variância da *não-violência* das crianças ($\beta=.425$; $t=2.241$; $p=.034$).

4.2.3.6 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à família.

A tabela 4.33 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *família*. Através dos valores de *R Square*, observamos que o conjunto dos cinco blocos de variáveis mostra-se responsável por 37,9% (R^2 ajustado = 9,1%) da variância na variável dependente. Observamos que o bloco 4, que inclui a variáveis *tempo de permanência no jardim-de-infância* e *frequência de atividades extracurriculares*, é aquele que explica a maior parte da variância na variável dependente *família*, mais precisamente 16,7% e apresenta-se como o único bloco estatisticamente significativo ($p=.028$).

Tabela 4.33

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Família*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.108	.038	1.541	.220	.108	1.541	.220
2	.151	.006	1.042	.416	.043	.592	.625
3	.210	-.012	.945	.501	.058	.789	.509
4	.377	.149	1.651	.135	.167	4.025	.028
5	.379	.091	1.315	.262	.002	.043	.958

Legenda: R² = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R² do bloco n; Sig. = valor de significância; R²ch=valor do R² da mudança (*change*); * $p < 0.05$

Na tabela 4.34 são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Tabela 4.34Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Família*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	.201	.216	1.248	.220
	Estilo autoritário	-.010	-.005	-.028	.978
	Estilo permissivo	-.535	-.232	-1.447	.156
2	Estilo democrático	.187	.200	1.115	.272
	Estilo autoritário	-.066	-.032	-.161	.873
	Estilo permissivo	-.650	-.281	-1.670	.104
	Afetividade positiva pais	.154	.154	.761	.452
	Afetividade negativa pais	.133	.081	.373	.712
	Satisfação com a vida pais	-.290	-.192	-1.039	.306
3	Estilo democrático	.109	.117	.614	.544
	Estilo autoritário	-.207	-.101	-.478	.636
	Estilo permissivo	-.440	-.190	-1.053	.300
	Afetividade positiva pais	.298	.298	1.208	.236
	Afetividade negativa pais	.317	.195	.789	.436
	Satisfação com a vida pais	-.231	-.153	-.772	.446
	Número de irmãos	-.748	-.094	-.391	.698
	Posição entre irmãos	1.852	.322	1.259	.217
4	Estrutura familiar	1.279	.144	.812	.423
	Estilo democrático	.170	.183	1.034	.309
	Estilo autoritário	-.271	-.132	-.677	.503
	Estilo permissivo	-.516	-.223	-1.336	.192
	Afetividade positiva pais	.092	.092	.388	.701
	Afetividade negativa pais	.298	.183	.808	.426
	Satisfação com a vida pais	-.102	-.068	-.367	.716
	Número de irmãos	1.196	.150	.635	.530
	Posição entre irmãos	.535	.093	.374	.711
	Estrutura familiar	1.921	.216	1.190	.243
5	Tempo no jardim-de-infância	-4.390	-.381	-2.370	.024*
	Atividades extracurriculares	-4.013	-.230	-1.382	.177
	Estilo democrático	.166	.178	.950	.350
	Estilo autoritário	-.279	-.136	-.673	.506
	Estilo permissivo	-.501	-.217	-1.236	.227
	Afetividade positiva pais	.089	.089	.359	.722
	Afetividade negativa pais	.300	.184	.756	.456
	Satisfação com a vida pais	-.075	-.049	-.244	.809
	Número de irmãos	1.209	.152	.610	.547
	Posição entre irmãos	.490	.085	.329	.744
	Estrutura familiar	1.951	.219	1.160	.256
	Tempo no jardim-de-infância	-4.396	-.382	-2.289	.030*
Atividades extracurriculares	-4.071	-.234	-1.342	.190	
Tempo de interação diária	-.430	-.045	-.268	.790	
Tempo de interação ao fim de semana	.399	.034	.191	.850	

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

A análise do poder preditivo das variáveis revela-nos que no bloco 4 a variância da variável dependente é explicada, em associação inversa, ao *tempo passado no jardim-de-*

infância ($\beta=-.381$; $t=-2.370$; $p=.024$). O bloco 5 confirma que a variável que mais contribui para a variância da satisfação com a vida em relação à família, em associação inversa, é o tempo passado no jardim-de-infância ($\beta=-.382$; $t=-2.289$; $p=.030$).

4.2.3.7 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à amizade.

A tabela 4.35 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *amizade*. Através dos valores de *R Square*, observamos que o conjunto dos cinco blocos de variáveis mostra-se responsável por 45,6% (R^2 ajustado = 20,4%) da variância na variável dependente. Contudo, nenhum bloco de variáveis apresenta valores estatisticamente significativos que expliquem a variância na *amizade*.

Tabela 4.35

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Amizade*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.050	-.025	.666	.578	.050	.666	.578
2	.182	.042	1.301	.283	.132	1.888	.150
3	.343	.158	1.856	.096	.161	2.608	.069
4	.429	.219	2.045	.059	.086	2.245	.123
5	.456	.204	1.808	.092	.028	.718	.496

Legenda: R² = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R² do bloco n; Sig. = valor de significância; R²ch=valor do R² da mudança (*change*); * $p < 0.05$

Na tabela 4.36, apresentada na página seguinte, são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Tabela 4.36Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Amizade*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	-.037	-.050	-.281	.780
	Estilo autoritário	-.352	-.215	-1.155	.255
	Estilo permissivo	.329	.178	1.078	.288
2	Estilo democrático	-.047	-.063	-.360	.721
	Estilo autoritário	-.111	-.067	-.344	.733
	Estilo permissivo	.478	.259	1.566	.126
	Afetividade positiva pais	.190	.238	1.197	.239
	Afetividade negativa pais	.041	.032	.148	.883
	Satisfação com a vida pais	.346	.286	1.576	.124
3	Estilo democrático	-.151	-.203	-1.170	.251
	Estilo autoritário	-.287	-.175	-.910	.370
	Estilo permissivo	.763	.413	2.504	.018*
	Afetividade positiva pais	.405	.507	2.252	.031*
	Afetividade negativa pais	.330	.254	1.128	.268
	Satisfação com a vida pais	.454	.376	2.084	.045*
	Número de irmãos	-1.455	-.229	-1.044	.304
	Posição entre irmãos	2.538	.553	2.368	.024*
4	Estrutura familiar	1.990	.280	1.735	.092
	Estilo democrático	-.134	-.180	-1.062	.297
	Estilo autoritário	-.357	-.217	-1.165	.253
	Estilo permissivo	.761	.412	2.575	.015*
	Afetividade positiva pais	.317	.398	1.743	.092
	Afetividade negativa pais	.340	.261	1.203	.238
	Satisfação com a vida pais	.499	.414	2.342	.026*
	Número de irmãos	-.551	-.087	-.382	.705
	Posição entre irmãos	2.007	.437	1.832	.077
	Estrutura familiar	2.896	.407	2.344	.026*
5	Tempo no jardim-de-infância	-1.233	-.134	-.869	.392
	Atividades extracurriculares	-4.143	-.298	-1.863	.072
	Estilo democrático	-.110	-.148	-.842	.407
	Estilo autoritário	-.381	-.232	-1.229	.229
	Estilo permissivo	.816	.442	2.693	.012*
	Afetividade positiva pais	.294	.368	1.589	.123
	Afetividade negativa pais	.248	.190	.835	.411
	Satisfação com a vida pais	.486	.403	2.128	.042*
	Número de irmãos	-.215	-.034	-.145	.886
	Posição entre irmãos	1.969	.429	1.770	.088
	Estrutura familiar	2.759	.388	2.194	.037*
	Tempo no jardim-de-infância	-1.367	-.149	-.952	.349
Atividades extracurriculares	-3.857	-.277	-1.701	.100	
Tempo de interação diária	-.926	-.121	-.772	.447	
Tempo de interação ao fim de semana	-1.035	-.109	-.663	.513	

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

Apesar da síntese dos resultados da regressão hierárquica múltipla não apresentar valores estatisticamente significativos, a análise do poder preditivo das variáveis por blocos revela

variáveis com poder preditivo estatisticamente significativo. O bloco 3 revela que os fatores *satisfação com a vida dos pais* ($\beta=.376$; $t=2.084$; $p=.045$), *afetividade positiva dos pais* ($\beta=.507$; $t=2.252$; $p=.031$), *posição entre irmãos* ($\beta=.553$; $t=2.368$; $p=.024$) e *estilo permissivo* ($\beta=.413$; $t=2.504$; $p=.018$) explicam a variância da variável dependente. Porém, quando introduzimos o bloco 4, o maior poder preditivo continua a estar atribuído ao *estilo permissivo* ($\beta=.412$; $t=2.575$; $p=.015$) e à *satisfação com a vida dos pais* ($\beta=.414$; $t=2.342$; $p=.026$) mas a *afetividade positiva dos pais* deixa de exercer efeito preditivo. A sua posição é, agora, ocupada pela *estrutura familiar* ($\beta=.407$; $t=2.344$; $p=.026$). O quinto bloco que engloba todas as variáveis na regressão e sumariza os resultados, confirma que as variáveis que mais contribuem para a variância da satisfação com a vida em relação à *amizade* é o *estilo permissivo* ($\beta=.442$; $t=2.693$; $p=.012$), a *satisfação com a vida dos pais* ($\beta=.403$; $t=2.128$; $p=.042$) e a *estrutura familiar* ($\beta=.388$; $t=2.194$; $p=.037$).

4.2.3.8 Análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação à escola.

Por último, a tabela 4.37 sumaria os resultados da regressão hierárquica múltipla para a variável dependente *escola*. O conjunto dos cinco blocos de variáveis mostrou-se responsável por 46% (R^2 ajustado = 20,9%) da variância na variável dependente. Observamos que as duas variáveis *tempo de permanência no jardim-de-infância* e *frequência de atividades extracurriculares*, o bloco 4, explicam a maior parte da variância na afetividade positiva das crianças, mais precisamente 16,5%, e apresenta-se como o único bloco estatisticamente significativo ($p=.022$).

Tabela 4.37

Síntese dos resultados da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Escola*

Modelo	R ²	R ² Ajustado	F	Sig.	R ² ch	Fch	SigFch
1	.110	.040	1.568	.213	.110	1.568	.213
2	.178	.037	1.260	.301	.067	.957	.424
3	.268	.063	1.305	.273	.091	1.324	.284
4	.433	.225	2.084	.055	.165	4.359	.022
5	.460	.209	1.833	.087	.027	.688	.511

Legenda: R² = Coeficiente de determinação; F = valor de F corresponde a R² do bloco n; Sig. = valor de significância; R²ch=valor do R² da mudança (*change*); * $p < 0.05$

Na tabela 4.38 são apresentados os respetivos coeficientes de regressão para cada uma das variáveis.

Tabela 4.38 Coeficientes da Regressão Hierárquica Múltipla para a variável dependente *Escola*

Modelo	Variáveis	B	β	t	Sig.
1	Estilo democrático	.156	.227	1.312	.197
	Estilo autoritário	-.086	-.057	-.316	.753
	Estilo permissivo	-.308	-.180	-1.126	.267
2	Estilo democrático	.134	.195	1.105	.277
	Estilo autoritário	.023	.015	.077	.939
	Estilo permissivo	-.238	-.140	-.842	.405
	Afetividade positiva pais	.181	.245	1.227	.228
	Afetividade negativa pais	.191	.159	.740	.464
	Satisfação com a vida pais	.218	.196	1.074	.290
3	Estilo democrático	.064	.093	.505	.617
	Estilo autoritário	.008	.005	.027	.979
	Estilo permissivo	-.060	-.035	-.201	.842
	Afetividade positiva pais	.375	.508	2.141	.040*
	Afetividade negativa pais	.406	.338	1.422	.165
	Satisfação com a vida pais	.288	.259	1.358	.184
	Número de irmãos	-2.343	-.398	-1.724	.094
	Posição entre irmãos	2.010	.473	1.922	.064
4	Estrutura familiar	.688	.105	.614	.543
	Estilo democrático	.107	.155	.921	.365
	Estilo autoritário	-.044	-.029	-.157	.876
	Estilo permissivo	-.110	-.064	-.404	.689
	Afetividade positiva pais	.226	.307	1.351	.187
	Afetividade negativa pais	.395	.328	1.519	.139
	Satisfação com a vida pais	.380	.341	1.936	.062
	Número de irmãos	-.925	-.157	-.697	.491
	Posição entre irmãos	1.062	.250	1.052	.301
	Estrutura familiar	1.246	.190	1.095	.282
5	Tempo no jardim-de-infância	-3.082	-.362	-2.361	.025*
	Atividades extracurriculares	-3.264	-.254	-1.594	.121
	Estilo democrático	.133	.193	1.106	.278
	Estilo autoritário	-.034	-.022	-.119	.906
	Estilo permissivo	-.122	-.072	-.437	.665
	Afetividade positiva pais	.224	.303	1.313	.200
	Afetividade negativa pais	.343	.285	1.256	.219
	Satisfação com a vida pais	.298	.267	1.415	.168
	Número de irmãos	-.787	-.134	-.576	.569
	Posição entre irmãos	1.165	.274	1.137	.265
5	Estrutura familiar	1.094	.166	.944	.353
	Tempo no jardim-de-infância	-3.132	-.368	-2.367	.025*
	Atividades extracurriculares	-2.959	-.230	-1.416	.168
	Tempo de interação diária	.696	.098	.630	.534
	Tempo de interação ao fim de semana	-1.622	-.185	-1.127	.269

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

Apesar do bloco 3 não apresentar valores estatisticamente significativos na síntese dos resultados da regressão hierárquica múltipla, a análise do poder preditivo das variáveis revela

que revela que neste bloco a *afetividade positiva dos pais* ($\beta=.508$; $t=2.141$; $p=.040$) explica a variância da variável dependente. Porém, quando introduzimos o bloco 4, a *afetividade positiva dos pais* deixa de exercer efeito preditivo e a sua posição é ocupada pelo *tempo passado no jardim-de-infância* ($\beta=-.362$; $t=-2.361$; $p=.025$).

O quinto bloco que engloba todas as variáveis na regressão e sumariza os resultados, confirma que a variável que mais contribui para a variância da satisfação com a vida das crianças em relação à *escola* em associação inversa é o *tempo passado no jardim-de-infância* ($\beta=-.368$; $t=-2.367$; $p=.025$).

4.2.3.9 Síntese da análise das variáveis predictoras do bem-estar subjetivo da criança.

Apresentamos, a seguir, para uma melhor leitura dos resultados, uma síntese das variáveis dependentes e respetivas variáveis predictoras.

Tabela 4.39

Síntese dos preditores das variáveis dependentes do bem-estar subjetivo da criança.

Variável dependente	Variáveis predictoras	B	β	t	Sig.
Afetividade positiva criança	Atividades extracurriculares	-9.434	-.417	-2.664	.013
Afetividade negativa criança	Tempo de interação ao fim de semana	10.764	.451	2.485	.019
Self	Tempo no jardim-de-infância	-4.196	-.385	-2.230	.035
Self comparado ⁸	-	-	-	-	-
Não-violência	Estrutura familiar	2,548	,425	2,241	,034
Família	Tempo no jardim-de-infância	-4.396	-.382	-2.289	.030
Amizade	Estilo permissivo	.816	.442	2.693	.012
	Satisfação com a vida pais	.486	.403	2.128	.042
	Estrutura familiar	2.759	.388	2.194	.037
Escola	Tempo no jardim-de-infância	-3.132	-.368	-2.367	.025

Legenda: B = Coeficientes de regressão não estandardizados; β = Coeficientes de regressão estandardizados; Sig.= valor de significância.; * $p < 0.05$

⁸ Embora na análise dos preditores da satisfação com a vida da criança em relação ao *self comparado* não tenhamos encontrado variáveis com poder preditivo estatisticamente significativo, salientamos a variável *tempo no jardim-de-infância*, presente no bloco 5, que apesar de apresentar valores marginais é aquela que mais se aproxima de explicar a variância da variável dependente ($\beta=-.338$; $t=-1.793$; $p=.085$).

5. Discussão dos Resultados

5. Discussão dos Resultados

Apresentados e analisados os resultados obtidos pelos instrumentos aplicados, iremos proceder à sua discussão, procurando verificar se estes confirmam, ou não, as hipóteses formuladas, bem como em que medida os objetivos previstos são alcançados.

Através dos resultados obtidos, quer através dos instrumentos qualitativos quer dos quantitativos pudemos responder ao nosso primeiro objetivo o qual pretendia avaliar o índice de bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar. Constatámos, assim, que o bem-estar subjetivo das crianças participantes neste estudo é positivo, apresentando uma predominância de afetividade positiva sobre a afetividade negativa e mostrando-se satisfeitas, em termos globais, em relação à sua vida.

Ao nível dos indicadores de bem-estar subjetivo, a análise qualitativa mostra-nos que as atividades de lazer e satisfação de necessidades básicas, materiais e de desejos e a família são os principais fatores de promoção de bem-estar subjetivo para as crianças. Por sua vez, a análise qualitativa revela que os indicadores que determinam maior satisfação de vida nas crianças são a família (ambiente familiar harmónico), as características subjetivas positivas (autoestima, bom humor), o *self* (capacidade de se relacionar com os outros) e a amizade (relacionamento com os pares).

Estes resultados parecem corroborar os estudos efetuados neste domínio (e.g., Gaspar et al., 2006; Huebner, 1991; Park, 2004) que identificaram como alguns dos principais domínios de satisfação de vida infantil, a vida familiar, as amizades, o *self* e as oportunidades de lazer. Os estudos de Thoilliez (2011) também revelaram que crianças associam a felicidade à vida familiar, sendo as relações familiares os fatores mais frequentemente mencionados como os principais responsáveis pelos seus estados de felicidade ou infelicidade.

Verificámos, ainda, que os pais participantes neste estudo revelam igualmente uma notória positividade ao nível das dimensões afetiva e cognitiva do bem-estar subjetivo, sugerindo que estes fazem uma avaliação positiva da sua própria vida, quer em termos da apreciação afetiva, quer ao nível da satisfação global com a mesma. Os resultados obtidos vão ao encontro dos estudos efetuados neste âmbito que apontam para uma maior constância de relatos de emoções positivas do que negativas na população em geral (Diener & Lucas, 2000 citado em Siqueira & Padovam, 2008).

Outro objetivo que nos propusemos avaliar foi o de caracterizar as práticas parentais dos pais de crianças em idade pré-escolar. Apurámos que entre os participantes da amostra deste

estudo as práticas parentais mais utilizadas são as democráticas, correspondentes ao estilo parental democrático. Estes resultados indicam que estes pais são geralmente exigentes e atentos, simultaneamente controlando e apoiando os seus filhos, estabelecendo regras, mas também encorajando a sua autonomia e independência (Montandon, 2005). De acordo com a literatura os pais “democráticos” procuram direcionar as atividades da criança de uma forma racional, encorajam o diálogo e a troca de ideias e partilham com a criança as razões da regras familiares impostas, solicitando as suas objeções quando esta se recusa a conformar. Park (2004) refere que o estilo parental democrático fomenta a maior satisfação com a vida na criança.

Ao analisarmos a influência das práticas parentais no bem-estar subjetivo de crianças em idade pré-escolar, o nosso segundo objetivo, verificámos que o estilo e as práticas parentais permissivas são as únicas que se destacam pela influência significativa na satisfação com a vida das crianças em relação à amizade, ou seja, aos pares. Apesar destes resultados, a literatura consultada (e.g., Gottman & De Claire, 1997) mostra-nos que os filhos de pais permissivos, que não impõem limites nem conseguem orientar o comportamento das suas crianças, revelam maiores dificuldades em fazer amigos e em relacionar-se com os seus pares. Perante esta situação, supomos que o facto de os filhos de pais permissivos sobrevalorizarem o relacionamento com os pares poderá estar mais relacionado com a segurança emocional que estes lhes oferecem do que com a sua competência social, ou seja, com a capacidade de interação e de adaptação destas crianças aos seus pares (Morais, Otta & Scalla, 2001).

De acordo com estes dados, a nossa primeira hipótese não é confirmada, uma vez que esta pressupõe, tendo em consideração as evidências de anteriores investigações e de acordo com as formulações teóricas, que as práticas parentais enquadradas no estilo parental democrático deveriam apresentar melhor poder preditivo do bem-estar subjetivo da criança do que as demais práticas. Este facto parece sugerir que, para a nossa amostra, em especial para as crianças, mais importante do que um estilo ou uma prática educativa parental enquadrada numa determinada tipologia, possa ser a oportunidade que é dada para a realização de atividades e experiências suscite a expressão de emoções agradáveis e alguma satisfação. De ressaltar, todavia, que as características da nossa amostra não nos permitem contestar resultados obtidos por outros investigadores, nem permite a sua generalização.

A influência das variáveis demográficas, como o género e a idade, no bem-estar subjetivo das crianças também foi averiguada, constituindo o terceiro objetivo deste estudo.

Observámos que embora no domínio afetivo não tenham sido encontradas diferenças, o mesmo não acontece relativamente à satisfação com a vida. Verificou-se na análise quantitativa que ambos os géneros consideraram a família como uma das principais promotoras da sua felicidade, porém foram os meninos que se mostraram mais satisfeitos no que se refere a este domínio. Na análise qualitativa não foram encontradas diferenças significativas entre os géneros.

Relativamente à faixa etária, na análise quantitativa verificámos, também, uma diferença estatisticamente significativa ao nível da afetividade negativa e da satisfação com a vida em relação ao self e à não-violência em função da idade, sendo que as crianças de 4 anos revelaram mais sentimentos negativos em relação à avaliação que fazem da sua vida (afetividade negativa) e comportamentos agressivos (não-violência) do que as crianças de 5 anos. Por sua vez, as crianças de 5 anos revelam maior satisfação com a vida em relação ao self (características positivas, como autoestima, bom humor, capacidade de relacionar-se com os outros e de demonstrar afeto). A análise qualitativa apontou para o lazer como o principal motivador de bem-estar subjetivo para as duas faixas etárias. Porém, verificámos que a família aparece como mais relevante para as crianças mais novas, sendo que as de 5 salientam a satisfação de necessidades básicas. Por fim, o que parece mais afetar a felicidade das crianças de 4 anos é experimentar sentimentos negativos, enquanto para as de 5 são as doenças (cair, magoar-se) ou os maus-tratos e a rejeição por parte dos colegas.

Os resultados obtidos respondem ao nosso objetivo, mostrando que o género e a idade podem, de facto, influenciar o bem-estar subjetivo da criança. Embora grande parte dos investigadores neste domínio não conceda demasiada importância à influência de fatores demográficos, os nossos resultados vão no mesmo sentido do observado noutros estudos, que referem que o bem-estar subjetivo tende a ser inferior nas raparigas e que os rapazes propendem para um bem-estar superior a nível pessoal e familiar (Bradshaw et al., 2011). Não encontramos, contudo, estudos consistentes que pudessem confirmar os nossos resultados em relação à influência da idade.

O quarto objetivo estabelecido para este estudo foi a identificação de eventuais dificuldades e necessidades sentidas pelos pais na promoção do bem-estar dos seus filhos. As referências dos pais ao nível das dificuldades/necessidades centraram-se no conciliar a vida profissional e familiar, na gestão e falta de tempo para estar com os filhos e para a sua vida pessoal e social e na regulação de comportamentos da criança, como as birras. Quanto aos benefícios do papel de pais, verificamos que as razões mais referidas foram a experiência

emocional positiva, ver os filhos crescer bem, o bem-estar pessoal, as oportunidades de crescimento pessoal e a expressão de generatividade, ou seja, o interesse e envolvimento dos pais no cuidado e na orientação dos filhos enquanto gerações futuras.

Pelas declarações dos pais participantes neste estudo, podemos verificar que embora a parentalidade seja uma experiência significativa positiva e enriquecedora a nível do bem-estar pessoal, é também uma tarefa com múltiplas implicações e exigências. As dificuldades relatadas pelos pais espelham as transformações da sociedade atual, nomeadamente, ao nível da maior exigência profissional no que se refere à disponibilidade de tempo e também as necessidades sentidas relativamente a maior preparação e apoio para educar e saber lidar com o comportamento dos seus filhos.

Ao avaliarmos a associação entre o bem-estar subjetivo da criança com o bem-estar subjetivo dos pais, o quinto objetivo estabelecido, concluímos que existe, na nossa amostra, uma forte associação entre aquelas dimensões. Os sentimentos positivos dos pais em relação à avaliação subjetiva que fazem das suas vidas (afetividade positiva) e a sua satisfação com a vida em geral relacionam-se com as emoções positivas dos seus filhos (afetividade positiva), assim como à imagem positiva que estes têm de si próprios (*self*) e a sua satisfação com os pares (amizade). Da mesma forma, as emoções negativas dos pais (afetividade negativa) também parecem contribuir para os sentimentos negativos dos seus filhos em relação às suas vidas (afetividade negativa).

Embora não tenham sido encontrados muitos estudos que verificassem esta relação de forma profunda, a literatura refere o impacto do ambiente familiar nos sentimentos de bem-estar da criança, sendo que a desarmonia familiar, quer seja por motivos de desentendimentos entre os pais ou diretamente com a criança são suficientes para lhe causar angústia, frustração e infelicidade (Giacomoni, 2002; Thoilliez, 2011). As investigações de Lahikainen (2007) detetaram também factos bastante interessantes ao nível da relação entre o bem-estar dos pais e das crianças, demonstrando que estas são muito sensíveis ao stresse e à falta de bem-estar dos pais e estabelecendo uma clara ligação entre os comportamentos da criança e o stresse parental. Sendo a família, nos primeiros anos de vida, o domínio mais significativo para a satisfação de vida global das crianças (Bradshaw et al., 2011; Giacomoni 2002), justifica-se a associação encontrada entre o bem-estar subjetivo das crianças e o bem-estar subjetivo dos seus pais.

Por último, a análise dos resultados obtidos parece não confirmar a nossa segunda hipótese, ou seja de que as práticas parentais seriam melhores preditores do bem-estar

subjetivo da criança do que o nível de bem-estar subjetivo dos próprios pais, os fatores demográficos, a estrutura familiar, as variáveis do contexto da educação pré-escolar e o tempo de interação dos pais com os seus filhos. Para a verificação desta hipótese aplicámos uma equação regressão em que estas variáveis estão organizadas em cinco blocos de variáveis. Porém, de entre todos esses fatores, a frequência de atividades extracurriculares destacou-se como a principal condição para a diminuição da afetividade positiva das crianças. Os resultados obtidos surpreenderam-nos, na medida em que contestam os estudos longitudinais referidos na revisão de literatura efetuada, os quais referem o contributo positivo da participação em atividades extracurriculares para a maior satisfação de vida nas crianças. Park (2004) menciona que a participação em atividades extracurriculares poderá prevenir problemas de internalização (depressão) e externalização (delinquência), especialmente no caso de crianças com relações parentais disformes. Porém, outros autores (Jorra & Yaegashi, 2010; Lipp, 2000; Paccanaro & Di Nucci, 2005) elucidam-nos para uma diferente perspetiva, referindo que a frequência de atividades em excesso poderá também constituir um fator promotor do stresse na infância, desencadeando sintomas como a ansiedade, as dificuldades nas relações interpessoais, desânimo, insegurança, agressividade, medo e tristeza.

Tricoli (2000, cit. in Jorra & Yaegashi, 2010) acrescenta que a própria escola se pode tornar uma fonte externa para o stresse, na medida em que a criança, obrigada a praticar várias atividades extracurriculares, experimenta um acúmulo e sobrecarga no seu dia-a-dia, sentindo-se cansada e desmotivada por não ter tempo suficiente de viver a própria infância.

Como afirma Lipp (2000, p.10)

a realidade é que a estrutura familiar moderna leva a uma diminuição do tempo de interação entre pais e filhos e empurra os pais para um sistema de autocobrança e, ao mesmo tempo, de cobrança excessiva da criança, como se os pais procurassem compensar o tempo gasto fora de casa com uma maior intensidade criada em torno de expectativas de grandes resultados.

Neste caso, os resultados obtidos indicam-nos que 75% das crianças frequentam apenas entre uma a duas atividades extracurriculares, o que parece excluir a suposição de que a diminuição da afetividade positiva das crianças esteja associada à frequência de demasiadas atividades extracurriculares. Contudo, o facto destas, na sua maioria, decorrerem em contexto escolar, prolongando o tempo de permanência diária das crianças no jardim-de-infância, poderá constituir um possível fundamento para esse declínio.

No que se refere aos fatores influentes na afetividade negativa das crianças, os resultados apontaram para o tempo de interação entre pais e filhos ao fim de semana.

Diversos investigadores defendem que a quantidade e qualidade de tempo dedicado pelos pais ao cuidado e relacionamento com filhos são fatores fundamentais para satisfação de vida e bem-estar das crianças, bem como para o seu desenvolvimento cognitivo e saúde (Craigie et al., 2010; Giacomoni, 2002; Goswami, 2012; Lahikainen, 2007; Park, 2004). Baxter (2009) acrescenta que o tempo que pais e filhos passam juntos é essencial para o funcionamento da família, incrementando o seu bem-estar e fortalecendo as suas relações. De acordo com a autora, o tempo que a criança passa com os seus pais poderá ter um forte impacto no seu desenvolvimento intelectual e social.

Neste aspeto, Li, Johnson, Han, Andrews, Kendall, Strazdins e Dockery (2012) mencionam que a profissão e os horários laborais dos pais podem desempenhar um papel crucial. O facto de atualmente um maior número de pais trabalhar em horários e dias irregulares, tal como fins-de-semana, turnos rotativos e noites (facto motivado não só pela atual presença de ambos os pais no mercado de trabalho, mas também pelo aumento das percentagens de divórcios e de famílias monoparentais) poderá afetar negativamente a vida familiar, na medida em que reduz o tempo que estes dispõem para estar com os filhos. Colocamos assim a hipótese de que a influência do tempo de interação ao fim de semana relação na afetividade negativa da criança poderá ser desencadeada por esta situação.

Para averiguarmos quais os fatores influentes na satisfação com a vida das crianças, considerámos os subdomínios *self*, *self* comparado, não-violência, família, amizade e escola.

Verificámos que o tempo passado no jardim-de-infância se destacou como o fator com maior influência, em associação inversa, no *self* da criança, ou seja, no desenvolvimento de características positivas, como a autoestima, o bom humor, a capacidade de relacionar-se e a capacidade de demonstrar afeto.

Relativamente ao *self* comparado, ou seja, as avaliações comparativas da criança em relação aos seus pares, relacionadas com o lazer, a amizade e a satisfação de desejos e afetos não foram encontrados fatores com poder preditivo significativo, embora o tempo passado no jardim-de-infância, em posição marginal, seja o fator que mais se aproxima de predizer a sua variância.

Já os comportamentos agressivos da criança, associados ao fator denominado de não-violência, emergem alimentados pela estrutura familiar da criança.

Os estudos de Craigie, Brooks-Gunn e Waldfogel (2010) referem que a estrutura familiar na qual a criança nasce e se desenvolve apresenta vantagens e desvantagens que subsequentemente podem afetar o seu desenvolvimento. Estudos recentes (Brown, 2004; Bzostek & Beck, 2008; Carlson & Corcoran, 2001; Harknett, 2005 cit. in Craigie et al., 2010) verificaram que as crianças nascidas em famílias tradicionais mostram menos problemas sócioemocionais e de saúde, bem como um melhor desenvolvimento cognitivo. De acordo com as autoras o efeito positivo da família tradicional no bem-estar da criança poderá dever-se em parte à estabilidade que esta proporciona e não apenas ao tipo de estrutura familiar em si.

A satisfação das crianças referente à sua família aparece negativamente influenciada pelo tempo passado no jardim-de-infância. Por sua vez, o nível de satisfação da criança com os pais, associado ao fator amizade, aparece maioritariamente relacionado com as práticas parentais permissivas, a satisfação com a vida dos pais e a estrutura familiar.

Por fim, a valorização da escola surge inversamente associada ao tempo passado no jardim-de-infância.

Verificamos que o tempo passado no jardim-de-infância é um fator constante influenciando negativamente vários domínios da satisfação com a vida das crianças, tal como a família o self e a escola. O impacto do tempo de permanência no jardim-de-infância na satisfação com a vida da criança é um facto confirmado na literatura consultada.

Os resultados obtidos neste estudo permitiram-nos observar que a maioria das crianças (69,2%) permanece entre 7 e 9 horas no jardim-de-infância e 25% entre 5 e 7 horas. Analisando os dados do relatório do Observatório das famílias e das Políticas de família (OFAP, 2011) constatamos que "Portugal surge como um dos países em que é superior a percentagem de crianças que passa 30 ou mais horas semanais em instituições de guarda formal" (p. 63).

Neste contexto, Maria José Araújo, investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Universidade do Porto, refere que as crianças "trabalham hoje na escola (...) cerca de oito a nove horas diárias, ou seja, cerca de 40 a 45 horas semanais", o que equivale a tanto ou mais do que o horário laboral de um adulto, ficando sem tempo para exercer o seu "ofício", ou seja, brincar (Agência Lusa (2009b).

Segundo o pedopsiquiatra Eduardo Sá, o limite razoável de permanência no jardim – de-infância seria apenas de seis horas diárias. (Agência Lusa, 2009¹). Contudo, embora o relatório do OFAP (2012, p.61) refira que “ O horário de funcionamento da creche deve ser o

adequado às necessidades dos pais ou de quem exerça as responsabilidades parentais, não devendo a criança permanecer na creche por um período superior ao estritamente necessário”, nem sempre a permanência da criança no estabelecimento de ensino se deve apenas a impedimentos laborais (Agência Lusa, 2009^a).

Desta forma, os psicólogos alertam para os riscos desse horário prolongado, mencionando que "passar muito tempo fora do contacto com os pais leva a sentimentos de abandono e baixa autoestima", impedindo que se estabeleça uma relação significativa entre ambos (Vasco Catarino Soares, cit. in Agência Lusa, 2009a' 9,10). “Esta distância poderá resultar em crianças mais inseguras, instáveis emocionalmente, stressadas, ansiosas e menos respeitadoras.” (Bruno Pereira Gomes, cit. in Silva, 2010).

Em suma, concluímos que os fatores que exercem maior influência no bem-estar subjetivo das crianças em idade pré-escolar da nossa amostra são as práticas parentais permissivas (apenas no âmbito do relacionamento com os pares), o tempo passado no jardim-de-infância e a frequência de atividades extracurriculares, o tempo de interação dos pais com os seus filhos ao fim de semana, a estrutura familiar e nível de bem-estar subjetivo dos próprios pais (a satisfação com a vida).

Conclusão

Conclusão

Lançámo-nos neste desafio com o profundo interesse no estudo do bem-estar subjetivo da criança, procurando auscultar as percepções da mesma relativamente ao modo como se vê a si própria e aos outros, assim como a forma como autoavalia a sua vida. Apoiando-nos nos princípios desta nova vertente da Psicologia da Educação, acreditamos ser de nobre importância identificar e ampliar as virtudes da criança com vista ao pleno equilíbrio psicológico e à prevenção de futuras patologias ao longo do seu desenvolvimento até à idade adulta.

Assumindo que nos primeiros anos de vida da criança a família adota um papel fundamental, constituindo o principal alicerce que determinará a base de toda a sua estrutura emocional e cognitiva (bem-estar subjetivo), quisemos entender em profundidade o real impacto das práticas parentais neste processo. Para alcançar tal entendimento, propusemo-nos explorar o grau e as particularidades do bem-estar subjetivo das crianças, bem como os dos próprios pais, auscultando as suas percepções relativamente si próprios, aos outros e à sua vida em geral.

Através da vasta literatura consultada e dos resultados obtidos e analisados, a presente investigação permitiu-nos receber uma extraordinária riqueza de conhecimentos neste domínio, encaminhando-nos para reflexões e conclusões deveras pertinentes.

Desta forma, respondendo aos objetivos e às questões colocadas inicialmente auferimos as seguintes principais conclusões:

- O índice de bem-estar subjetivo na infância em crianças em idade pré-escolar é elevado, assim como o dos próprios pais;
- As práticas parentais não têm uma influência significativa no bem-estar subjetivo na infância, sendo as práticas parentais permissivas as únicas que se destacam pela influência significativa na satisfação com a vida das crianças em relação à amizade, ou seja, aos pares;
- Os fatores demográficos, como o género e a idade, têm um papel influente no bem-estar subjetivo das crianças;
- As principais preocupações dos pais centram-se na promoção do bem-estar dos seus filhos, apontando como dificuldades a conciliação entre a vida familiar e profissional e a gestão do tempo, bem como algumas necessidades ao nível da aprendizagem de estratégias para lidar com os comportamentos da criança;

- O nível de bem-estar subjetivo dos pais está fortemente associado ao bem-estar subjetivo dos próprios filhos;
- As práticas parentais mais utilizadas pelos pais de crianças em idade pré-escolar são as práticas parentais democráticas, embora estas não apresentem melhor poder preditivo do bem-estar subjetivo da criança do que as demais práticas;
- As práticas parentais não são melhores preditores do bem-estar subjetivo da criança do que as variáveis do contexto da educação pré-escolar, nomeadamente o tempo passado no jardim-de-infância e a frequência de atividades extracurriculares; o tempo de interação dos pais com os seus filhos ao fim de semana, a estrutura familiar e nível de bem-estar subjetivo dos próprios pais (a satisfação com a vida).

Ao longo desta investigação, outras questões pertinentes foram levantadas, baseadas em fatores promotores da afetividade negativa da criança como a interação entre pais e filhos ao fim de semana, a frequência de atividades extracurriculares no jardim-de-infância e o tempo de permanência no mesmo.

Estes dados são a nosso parecer de grande preocupação, uma vez que espelham a realidade da nossa sociedade atual que obriga os pais a sobrepor o trabalho à sua vida familiar e cada vez mais os priva de usufruir de tempo em quantidade e qualidade para educar e conviver com as suas crianças.

A revisão de literatura mostrou-nos que o envolvimento dos pais no mercado de trabalho, incluindo os seus horários laborais, têm importantes implicações para o desenvolvimento e para a saúde das crianças através do seu impacto nos recursos familiares, como o rendimento, o tempo que dispõem para estar com os filhos, o seu bem-estar psicológico e a qualidade da relação conjugal.

As crianças em idade pré-escolar requerem um grande investimento de tempo, desde os cuidados primários a uma supervisão constante e é fundamental a disponibilidade dos pais para as ajudar a entender e exprimir a linguagem, desenvolver diversas capacidades, resolver tarefas cognitivas e auxiliar o desenvolvimento de habilidades emocionais, tais como a regular as emoções e a lidar positivamente com a frustração (Brooks-Gunn et al., 2010).

Acontece que os pais, sem tempo para estar com os seus filhos, acabam por delegar ao jardim-de-infância e às atividades extracurriculares o “tempo e a qualidade” que eles próprios não conseguem oferecer, centrando-se em expectativas e resultados de inúmeras aprendizagens como se isso lhe aliviasse a consciência do tempo de infância do seu filho que estão a perder.

No entanto, é essencial ajudarmos os pais a entender que

Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança, pois é brincando que ela adquire coordenação motora, espírito de equipa, cooperação e sobretudo aprende a perder. Por meio de jogos a criança aprende que existem normas na sociedade que devem ser respeitadas, que existem direitos dos outros que não podem ser infringidos e que a competição deve respeitar certos limites. (...) Quem não aprende a brincar na infância não sabe ter lazer na idade adulta. (Lipp, 2000, p. 38)

É de extrema importância que a criança saiba estar consigo mesma sentindo-se bem e tenha tempo para a criatividade e produção de novas ideias que precisam de espaços vazios para se manifestar. “Não fazer nada dá oportunidade para o mundo interno se fortalecer”. (Lipp, 2000, p. 38 e 39)

Os resultados desta investigação parecem comprovar que por muito ocupadas que estejam as crianças na escola, ou fora dela, há “lições” e saberes que não se colhem aqui e que estas não poderão crescer com uma base sólida sem o afeto, a educação, a atenção e a disponibilidade e bem-estar psicológico dos seus “alicerces-pais”.

A insatisfação das crianças relativamente ao tempo de interação com os seus pais, leva-nos a colocar a seguinte questão que poderá inspirar uma futura investigação: será o problema a falta de tempo dos pais em quantidade ou em qualidade?

O facto da agressividade da criança surgir associada à estrutura familiar leva-nos a sugerir também o desenvolvimento de investigações que analisem as diferenças no bem-estar subjetivo das crianças que vivam em diferentes famílias: nucleares (quando os dois pais habitam com os filhos), extensas (quando o casal e filhos vivem com outros familiares), monoparentais (em que apenas um dos pais habita com os filhos), bi-parentais (quando os filhos vivem ora na casa da mãe ora na casa do pai) ou recompostas/reconstituídas (quando um dos conjugues tem filhos de um relacionamento anterior).

Seria igualmente relevante efetuar estudos semelhantes em outras realidades sociais (classe alta e classe baixa) no sentido de perceber diferenças existentes na perceções das crianças e dos pais.

As dificuldades e necessidades apontadas pelos pais referentes à disponibilidade de tempo e à carência de maior preparação e apoio para educar e saber lidar com o comportamento dos seus filhos sugerem-nos que é iminente agir e trabalhar no sentido do

desenvolvimento de iniciativas a nível da educação parental. Enquanto profissionais ativos na área da educação de infância, acreditamos que a promoção de iniciativas de educação parental nas creches e jardim-de-infância, assim como nas escolas, poderá ser um meio de apoiar os pais na educação dos seus filhos e de fortalecer os laços familiares.

Como refere Ribeiro (2003, citado em Marujo, 1997) no seu estudo:

A Educação Parental, realizada de forma sistemática e consistente, possibilitará respostas aos pais quando estes encontram dificuldades, ou antes mesmo de com elas se depararem, proporcionando a discussão e aprendizagem de formas de comunicar e de ensinar num sentido mais adequado e eficaz, que lhes traga, a eles mesmos, maior bem-estar emocional. (p. 131)

Verificamos que existem no nosso país diversas iniciativas e programas pensados apenas para as famílias e crianças de nível socioeconómico carenciado, com dificuldades ou em risco desenvolvimental. Contudo, os dados recolhidos no nosso estudo parecem comprovar que não são somente estas famílias que sentem dificuldades.

Tendo em conta que quando a criança nasce não traz livro de instruções, não podemos responsabilizar somente os pais pelo seu desempenho se não existem esforços para os apoiar. A promoção de ações de aconselhamento e formação para os pais nas creches e jardins-de-infância que permitam o debate de experiências da parentalidade dos pais e mães e de alternativas de métodos educativos; a divulgação de panfletos informativos; o recurso à internet (e.g., páginas ou blogues) como meio de partilha e esclarecimento de dúvidas; a admissão de voluntariado dos pais; a formação dos profissionais; o reconhecimento do psicólogo como parceiro nestas instituições são algumas das estratégias que se poderiam implementar (Ribeiro, 2003).

Aliando a educação parental aos propósitos da psicologia positiva acreditamos ser possível promover o desenvolvimento de uma atitude mais otimista nos pais e nas crianças e atenuar ou prevenir problemas futuros. Em simultâneo, ao cultivar o bem-estar subjetivo dos pais estaremos a garantir o impacto positivo do mesmo nas suas práticas.

Apesar do recente interesse de alguns investigadores relativamente ao domínio do bem-estar subjetivo das crianças, sentimos a necessidade de desenvolvimento de mais investigações nesta área, sobretudo a nível nacional, que nos possibilitem confirmar os fatores explicativos do bem-estar subjetivo infantil, assim como o desenvolvimento de instrumentos

de avaliação na área da psicologia positiva mais adequados para crianças em idade pré-escolar e adaptados para a população portuguesa.

Como limitações deste estudo, salientamos a falta de adequabilidade de alguns instrumentos utilizados à faixa etária das crianças envolvidas no nosso estudo, tendo sido necessário complementar as escalas *likert* com uma escala de círculos de tamanhos diferentes (do menor ao maior) correspondente à numeração das escalas utilizadas (1-5). Apesar da dificuldade inicial, acreditamos ter conseguido ultrapassar com adequabilidade este constrangimento. Pensamos, inclusive, que esta solução poderá ser aplicada a outros instrumentos quando a avaliação incida sobre populações de idade equivalente à que participou nesta investigação.

A dimensão da amostra, constituída por um número reduzido de sujeitos impediu também um maior aprofundamento e generalização dos resultados. O mesmo sucedeu em relação ao resumido número de pais (homens) respondentes, o que nos impediu de comparar as suas perceções e práticas em relação às das mães.

Além das limitações já referidas o presente estudo confrontou-se com a dificuldade de recolher atempadamente os dados necessários dos pais uma vez que a falta de tempo dos mesmos levou à demora na devolução dos instrumentos preenchidos e em alguns casos, até mesmo à perda dos documentos o que nos obrigou a reentregar os mesmos por vezes mais do que uma vez. Esta situação levou-nos também a subentender a ausência da consciencialização dos pais acerca da importância destes estudos para apurar as suas perceções e as dos seus filhos acerca das necessidades sentidas por ambos no sentido de as colmatar.

Embora a investigação e a recolha de dados das crianças tenha ocorrido em contexto de jardim-de infância e a maioria das crianças estivesse familiarizada com o investigador (já que esta desempenha funções de educadora de infância neste estabelecimento), em alguns casos as crianças tiveram dificuldade em partilhar as suas opiniões e experiências, mostrando-se mais recatadas. Este facto adverte os investigadores que futuramente queiram desenvolver estudos com crianças destas faixas etárias para a necessidade de colocar a criança mais “à vontade” antes de iniciarem as entrevistas que pretendem realizar. Neste caso, frequentemente foi necessário iniciar uma breve conversa acerca das preferências lúdicas e de lazer das crianças ou de informações elementares como os seus animais de estimação como forma de aliviar a sua tensão e inibição e só depois se proceder à recolha concreta dos dados para o estudo.

Em suma, consideramos que o desenvolvimento da presente investigação permitirá facultar conhecimentos relevantes e respostas a todos aqueles interessados no estudo do bem-

estar subjetivo das crianças e no seu desenvolvimento em geral, sejam investigadores, educadores ou pais.

As conclusões auferidas neste estudo poderão ter implicações fundamentais para o melhor desempenho da função parental, na medida em que podem ajudar os pais a compreender que o modo como se sentem em relação à sua vida - a sua satisfação e bem-estar – se espelha na forma como os seus filhos percecionam a sua própria vida. Se os pais se sentem insatisfeitos em relação à sua vida, a propensão para que os seus filhos desenvolvam pensamentos negativos semelhantes aumenta. Por sua vez, se os pais demonstrarem uma atitude positiva e otimista perante a vida, os seus filhos irão desenvolver também uma perpetiva mais positiva. Deste modo, concebendo que a felicidade dos pais tem uma forte influência na felicidade dos seus filhos, cremos que começar por assumir a responsabilidade por si próprios e pelas suas ações no desenvolvimento e bem-estar das suas crianças é um primeiro passo para uma mudança e para o crescimento interior que os ajudará a transformar para melhor a cada dia.

Acreditamos, ainda, que esta investigação poderá ajudar os pais a compreender como é importante saber escutar os próprios filhos, dedicando-lhes tempo e atenção para tentar compreender as suas ideias e os seus sentimentos. Dispor de tempo para escutar o que a criança pensa, permitirá aos pais recolher pistas sobre como a criança se sente em relação ao que acontece na sua vida (bem-estar subjetivo), ajudando-os a responder de uma forma mais conveniente. Em consequência, ao permitirem que os seus filhos se sintam correspondidos e compreendidos, estarão a contribuir para o desenvolvimento da sua autoconfiança e autoestima.

É, contudo, importante que os pais recordem que sendo a perceção de bem-estar subjetivo das crianças variável em função do seu género e idade, nunca existirá uma receita de felicidade igual para todas as crianças. O que promove a satisfação da criança hoje, não será o mesmo que a satisfaz amanhã, logo as estratégias e experiências que os pais podem proporcionar deverão ser ajustadas.

Embora pelos resultados obtidos tenhamos constatado que as práticas parentais não desempenham um papel significativo no bem-estar subjetivo da criança, acreditamos que através de uma maior consciencialização dos efeitos de determinadas práticas parentais aplicadas pelos pais podemos enriquecer e melhorar a qualidade e o desempenho das suas funções educativas e até mesmo prevenir a ocorrência de eventuais procedimentos potencialmente nefastos para o desenvolvimento das crianças.

Creemos que o tempo passado no jardim-de-infância e a frequência de atividades extracurriculares, sendo fatores que aparentam contribuir para a diminuição do bem-estar subjetivo da criança, deverão ser ponderados pelos pais, procurando que não sejam aproveitados de forma excessiva. Por sua vez, a forma como os pais aproveitam o tempo de interação com os filhos ao fim de semana, poderá também ser repensado, devendo estes focar-se mais na qualidade do que na quantidade.

Através da identificação de dificuldades comuns, os pais podem compreender que não estão sozinhos nesta “aventura” e que existem outros pais que partilham as mesmas preocupações. Neste aspeto acreditamos que a partilha de experiências e estratégias entre os pais poderá ser bastante produtiva. Recorrer aos educadores para os auxiliar ao nível das estratégias para lidar com os comportamentos da criança e repensar o papel dos avós, cada vez mais esquecido, enquanto apoiantes dos pais, no sentido de facilitar a gestão do tempo, são também estratégias que nos parecem ser proveitosas.

O desenvolvimento de mais estudos acerca desta temática, baseados na auscultação das impressões das crianças mais novas e das problemáticas dos pais permitirá serem estudadas ações de sensibilização ou programas de educação e intervenção parental correspondam às necessidades eminentes e promovam uma educação mais centrada na promoção das qualidades positivas das crianças enquanto futura geração. Num momento em que o nosso país (e não só) atravessa marcantes transformações económicas que se refletem na alteração da estrutura social e familiar parece-nos de profunda relevância contribuirmos para desenvolvimento de pessoas com uma estrutura psicológica sólida, confiantes e positivas em relação à sua vida e às suas próprias capacidades.

Em síntese, como salienta Borges (2010, p.178), é relevante proceder a uma “negociação constitutiva” onde quer os pais, quer outros agentes educativos que interferem na educação, possam otimizar as suas competências para um fim comum, o bem – estar da criança e concomitante bem – estar do adulto.

Referências Bibliográficas

Bibliografia

- Araújo, D. d., & Cruz, C. H. (2007). Qual a "cara" da Felicidade? O que estudos mostram a respeito do Bem-estar Subjetivo. *Revista da FARN*, 6 (1/2), 97-112.
- Baião, C. F. (2008). Aliança Parental e Estilos Parentais em Famílias com e sem crianças autistas. Tese de Mestrado integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Comunicação. Universidade de Lisboa.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos, A. C., Uripia, A. C., Pinho, L., & Filho, N. M. (1999). O impacto do ambiente familiar nos primeiros anos de vida: um estudo com adolescentes de uma invasão de Salvador, Bahia. *Estudos de Psicologia*, 4 (2), 239-271.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative parental control on child behaviour. *Child Development*, 37 (4), 887-907.
- Borges, I. C. (2010). Qualidade da Parentalidade e Bem-estar da criança. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de Especialização em Psicologia Pedagógica. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Bradshaw, J., Keung, A., Rees, G., & Goswami, H. (2011). Children's subjective well-being: International comparative perspectives. *Children and Youth Services Review*, 33, 548-556.
- Brannon, P. M. (2001). The happiness and welfare of children. *Human Ecology*, 29 (1), 1.
- Brás, P. M. (2008). Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde. Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa .
- Chambers, C. T., & Johnston, C. (2002). Developmental Differences in Children's Use of Rating Scales. *Journal of Pediatric Psychology*, 27 (1), 27-36.
- Correia, A. R. (2008). Diferenças entre pais e mães, filhos e filhas nos estilos parentais. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Secção de Psicologia Clínica e

da Saúde. Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa .

DeNeve, K. M., & Cooper, H. (1998). The happy personality: a meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin* , 124 (2), 197-229.

Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2002). Will money increase Subjective Well-being? *Social Indicators Research* , 57, 119-169.

Diener, E., & Lucas, R. E. (1999). Personality and subjective well-being. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwarz (Edits.). New York: Russel Sage Foundation.

Diener, E., & Seligman, E. P. (2004). Beyond Money: Toward an Economy of Well-Being. *Psychological Science in the Public Interest* , 5 (1), 1-31.

Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment* , 49 (1), 71-75.

Diener, E., Eunkook, S. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin* , 125 (2), 276-302.

Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Recent findings on Subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology* , 24, 25-41.

Esteves, A. S. (2010). Estilos parentais e coparentalidade: Um Estudo Exploratório com Casais Portugueses. Lisboa: Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa.

Fave, A. D., Massimini, F., & Bassi, M. (2011). *Psychological Selection and Optimal Experience Across Cultures*. Obtido em 6 de Abril de 2012, de Google Books: <http://books.google.pt>

Ferraz, R. B., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). *Revista Psiquiatria Clínica* , 34 (5), 234-242.

Ferreira, H. S. (2005). Percepção sobre qualidade de vida entre crianças de 4 a 6 anos: educação (física) em saúde na escola. Fortaleza-Ceará: Dissertação de Mestrado em Educação em Saúde. Universidade de Fortaleza - Unifor.

- Freeman, L. J., Templer, D. I., & Hill, C. (1999). The relationship between adult happiness and self-appraised childhood happiness and events. *The Journal of Genetic Psychology*, 160 (1), 46-54.
- Gable, S. L., & Haidt, J. (2005). What (and Why) is Positive Psychology? *Review of General Psychology*, 9 (2), 103-110.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 219-227.
- Gaspar, T., Matos, M. G., Ribeiro, J. L., & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2 (2), 74-60.
- Giacomoni, C. H. (Abril de 2002). Bem estar subjectivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação. Tese de doutoramento em Psicologia. Curso de Pós- Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Goswami, H. (2012). Social Relationships and Children's Subjective Well-Being. *Social Indicators Research*, 107, 575–588.
- Gottman, J., & De Claire, J. (1997). *Inteliência emocional: A arte de educar nossos filhos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Holder, M. D., & Klassen, A. (2010). Temperament and Happiness in Children. *Journal of Happiness Studies*, 11, 419-439.
- Huebner, E. S. (1991). Correlates of life satisfaction in children. *School Psychology Quarterly*, 6, 103-111.
- Huebner, S. (2001). *Manual for the Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale*. Columbia: University of South Carolina. Department of Psychology.
- Instituto Promundo. (2008). Práticas familiares e participação infantil a partir da visão de crianças: um estudo exploratório na América Latina e no Caribe. Rio de Janeiro: Editora 7Letras.
- Laerhoven, H. v., Zaag-Loonen, H. v., & Derkx, B. (2004). A comparison of Likert scale and visual analogue scales as response options in children's questionnaires. *Acta Paedriat*, 93, 830-835.

- Lahikainen, A. R., Tolonen, K., & Kraav, I. (2007). Young Children's Subjective Well-Being and Family Discontents in a Changing Cultural Context. *Child Indicators Research*, 1, 65-85.
- Linley, P. A., Joseph, S., Harrington, S., & Wood, A. (2006). Positive Psychology: Past, present, and (possible) future. *The Journal of Positive Psychology*, 1 (1), 3-16.
- Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - short form. *Psychologica*, 51, 169-188.
- Montandon, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educ. Soc.*, 26 (91), 485-507.
- Morais, M. L., & Scalla, C. T. (2001). Status sociométrico e avaliação das características comportamentais: um estudo de competência social em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 119-131.
- Nezu, A. M., Ronan, G. F., Meadows, E. A., & McClure, K. S. (2000). Positive and Negative Affect Scales (PANAS). In A. M. Nezu, G. F. Ronan, E. A. Meadows, & K. S. McClure, *Practitioner's Guide to Empirically-Based Measures of Depression* (pp. 89-91). New York: ABCT Clinical Assessment Series.
- ONU - Organização das Nações Unidas. (1989). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. UNICEF.
- ONU (1959). *Declaração dos Direitos da Criança*. UNICEF.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual*. Sydney: Allen&Unwin.
- Park, N. (2004). The Role of Subjective Well-Being in Positive Youth Development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 25.
- Passareli, P. M., & Silva, J. A. (2007). Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 513-517.
- Polleto, M. (Maio de 2011). Bem-estar subjetivo: um estudo longitudinal com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Porto Alegre: Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade do Rio Grande do Sul.

- Psychology Department at the University of Illinois . (2009). *Ed. Diener - Satisfaction With Life Scale (SWLS)*. Obtido em 20 de Novembro de 2011, de Psychology - University of Illinois at Urbana-Champaign: <http://internal.psychology.illinois.edu/~ediener/SWLS.html>
- Redding, S. (2000). Os pais e a aprendizagem dos filhos. (M. H. Silva, Trad.) Geneva, Switzerland: Academia Internacional de Educação. Departamento Internacional de Educação.UNESCO.
- Rees, G., Bradshaw, J., Goswami, H., & Keung, A. (2010). Understanding Children's Well-being: A national survey of young people's well-being. *The Children's Society* , 94 p.
- Ribeiro, M. J. (2003). Ser Família - construção, implementação e avaliação de um programa de Educação Parental. *Dissertação de mestrado* . Braga: Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Rosenberg, A. (2010). Relative Happiness. *Psychology Today* , 43 (4), 62-70.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On Happiness and Human Potentials: A Review of Research on Hedonic and Eudaimonic Well-Being. *Anual Rev. Psychol* , 52, 141-166.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On Happiness and Human Potentials: A Review of Research on Hedonic and Eudaimonic Well-Being. *Annual Review of Psychology* , 52, 141-166.
- Salvador, A. P., & Weber, L. N. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia* , 9 (2), 341-353.
- Salvo, C. G., Silvaes, E. F., & Toni, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia* , 22 (2), 187-195.
- Sampaio, I. T. (2007). Práticas educativas parentais, género e ordem do nascimento. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* , 17 (2), 144-152.
- Sampaio, I. T., & Gomide, P. I. (2007). Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Gomide (2006): Percurso de Padronização e Normatização. *Psicologia Argumento* , 25 (48), 15-26.

- Seligman, M. E., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology. *American Psychologist* , 55 (1), 5-14.
- Seligman, M. E., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive Psychology Progress. *American Psychologist* , 60 (5), 410-421.
- Sheldon, K. M., & King, L. (2001). Why Positive Psychology is Necessary. *American Psychologist* , 56 (3), 216-217.
- Siqueira, M. M., & Padovam, V. A. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* , 24 (2), 201-209.
- Sixsmith, J., Gabhainn, S. N., Fleming, C., & O'Higgins, S. (2007). Children's, Parents' and Teachers' Perceptions of Child Wellbeing. *Health Education* , 107, 1-29.
- Terry, T., & Huebner, E. S. (1995). The relationship between self-concept and life. *Social Indicators Research* , 35, 39-52.
- Thoilliez, B. (2011). How to Grow up Happy: An Exploratory Study on the Meaning of Happiness from Children's Voices. *Child Indicators Research* , 4 (2), 323-351.
- Umberson, D., & Gove, W. R. (1989). Parenthood and Psychological Well-Being : Theory, Measurement and Stage in the Family Life Course. *Journal of Family Issues* , 10, 440.
- Universidade da Carolina do Sul. (s.d.). *College of Arts and Sciences Psychology*. Obtido em 20 de Novembro de 2011, de <http://www.psych.sc.edu/facdocs/huebner.html>
- Ursúa, M. P. (2006). Psicologia Positiva: una moda polémica. *Clínica y Salud* , 17 (3), 319-338.
- Vieira, L. S. (2007). A realização pessoal na relação pedagógica: estudo do bem estar subjectivo de professores dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário. *Dissertação de Doutoramento*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology* , 54 (6), 1063-1070.

- Weber, L. N., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331.
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12.

Anexos

Anexo 1

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INDIVIDUAL

- Encarregado de Educação -

Data: ___/___/____ Nr.º _____

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pretende-se proceder à recolha de dados sobre a caracterização familiar de crianças que frequentem a Educação Pré-Escolar. **Os dados obtidos estarão sujeitos a sigilo / confidencialidade.**

Respondente (pai, mãe ou responsável): _____

DADOS DO PAI

Data de Nascimento: ___/___/____	Idade:
Nacionalidade:	
Estado civil/Situação relacional atual: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> União de facto <input type="checkbox"/> Recasado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Viúvo Tempo de casamento/união de facto: _____ Estado civil anterior ao atual: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> União de facto <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Viúvo	
Habilitações: _____ _____	
Situação laboral atual: <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Trabalhador independente <input type="checkbox"/> Trabalhador por conta de outrem	

<p>Estatuto ocupacional: <input type="checkbox"/> Trabalho a tempo inteiro <input type="checkbox"/> Trabalho a tempo parcial</p>
<p>Média Rendimento mensal:</p> <p><input type="checkbox"/> Rendimento de R. Social</p> <p><input type="checkbox"/> Ordenado mínimo</p> <p><input type="checkbox"/> Entre o ordenado mínimo e os 750 Euros</p> <p><input type="checkbox"/> Entre 750 e 1000 Euros</p> <p><input type="checkbox"/> Acima de 1000 Euros</p>
<p>Observações:</p>

DADOS DA MÃE

<p>Data de Nascimento: ___/___/_____</p>	<p>Idade:</p>
<p>Nacionalidade:</p>	
<p>Estado civil/Situação relacional atual:</p> <p><input type="checkbox"/> Solteira <input type="checkbox"/> Casada <input type="checkbox"/> União de facto <input type="checkbox"/> Recasada <input type="checkbox"/> Divorciada <input type="checkbox"/> Separada <input type="checkbox"/> Viúva</p> <p>Tempo de casamento/união de facto: _____</p> <p>Estado civil anterior ao atual:</p> <p><input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> União de facto <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Viúvo</p>	
<p>Habilitações:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	
<p>Situação laboral atual:</p> <p><input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Trabalhador independente <input type="checkbox"/> Trabalhador por conta de outrem</p> <p>Estatuto ocupacional: <input type="checkbox"/> Trabalho a tempo inteiro <input type="checkbox"/> Trabalho a tempo parcial</p>	

Média Rendimento mensal: <input type="checkbox"/> Rendimento de R. Social <input type="checkbox"/> Ordenado mínimo <input type="checkbox"/> Entre o ordenado mínimo e os 750 Euros <input type="checkbox"/> Entre 750 e 1000 Euros <input type="checkbox"/> Acima de 1000 Euros
Observações:

DADOS FAMILIARES

Número de Filhos: _____ Idades: _____ Sexo: _____

Observações: _____.

Quais as pessoas que compõem o agregado familiar da criança?

Pai Mãe Irmãos Quantos? _____

Avó Avô Tio Tia Outro Quem? _____

Quanto tempo passam, diariamente, durante a semana, em interação com o vosso filho(a):

Até 1 Hora Entre 1 e 2 Horas Entre 2 e 3 Horas Mais de 3 Horas

Que tipo de atividades / situações desenvolvem com o vosso filho(a):

Pai: _____ _____ _____ _____
Mãe: _____ _____ _____

Quanto tempo passam, ao fim de semana, em interação com o vosso filho(a):

- Até 1 Hora Entre 1 e 2 Horas Entre 2 e 3 Horas Mais de 3 Horas

Que tipo de Atividades / situações desenvolvem com o vosso filho(a):

<p>Pai: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Mãe: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
--

Existe algum apoio familiar para ajudar a cuidar dos filhos?

- Não Sim

- Irmã(o) Avó Avô Tio Tia Amigos

Outro(s) _____

<p>Como: _____</p> <p>_____</p>

A criança tem atividades extracurriculares no ou fora do jardim-de-infância?

- Não Sim

- Qual: Música Ballet Inglês Ginástica Natação

- Outra(s) _____

No caso de ser fora do jardim-de-infância, quem a acompanha?

- Pai Mãe Irmã(o) Avó Avô Tio Tia

Outro Quem? _____

Qual o período de tempo que a criança frequenta o jardim-de-infância:

Menos de 5 horas Entre 5 e 7 horas Entre 7 a 9 horas Mais de 9 horas

Quem leva, habitualmente, a criança ao jardim-de-infância?

Pai Mãe Irmã(o) Avó Avô Tio Tia

Outro Quem? _____

Quem vai buscar, habitualmente, a criança ao jardim-de-infância?

Pai Mãe Irmã(o) Avó Avô Tio Tia

Outro Quem? _____

Que dificuldades encontra no seu papel de pai/mãe/responsável?

Que benefícios encontra no seu papel de pai/mãe/responsável?

Obrigado pela sua Colaboração!

Anexo 2

CARTA DE PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Faro, 22 de Fevereiro de 2011

Exmo. Sr. Presidente da Direção
da Associação de Apoio à Criança O Arco-íris,

No corrente ano letivo, 2011/2012, encontro-me a realizar a minha tese no âmbito do Mestrado de Psicologia da Educação na Universidade do Algarve.

Sendo educadora de infância nesta instituição, pretendo através desta carta requerer permissão para a realização da minha investigação tendo como objetivo geral o estudo descritivo do bem-estar subjetivo em crianças de idade pré-escolar, assim como perceber qual o impacto do contexto familiar no bem-estar subjetivo da criança e as necessidades/dificuldades sentidas pelos pais (ou substitutos) ao nível da educação e promoção do desenvolvimento das mesmas.

A investigação pretende a colaboração das crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos e dos respetivos encarregados de educação e será efetuada em horário pós-laboral. De forma a clarificar e a justificar a realização deste estudo, envio em anexo o projeto da investigação que me proponho realizar.

Agradecendo, desde já, a atenção dispensada, apresento os meus cumprimentos ficando a aguardar uma resposta favorável ao meu pedido.

-Ana Guerreiro –

Anexo 3

CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezados Pais e/ou Encarregados de Educação,

Sou educadora de infância nesta instituição e venho por este meio solicitar a Vossa Importante colaboração para a investigação que estou a realizar no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação na Universidade do Algarve.

Esta investigação tem como objetivo perceber qual o impacto do contexto familiar no bem-estar subjetivo da criança e identificar as necessidades/dificuldades sentidas pelos pais (ou substitutos) ao nível da educação e promoção do desenvolvimento das mesmas.

Para a concretização de tais objetivos, é imprescindível auscultar os pais/Encarregados de Educação, assim como as próprias crianças.

A realização deste estudo permitirá fornecer elementos úteis para intervenções preventivas futuras como programas orientados para pais, ajudando-os a clarificar, compreender e vivenciar a parentalidade de modo mais satisfatório, contribuindo assim para o crescimento e bem-estar destes e das crianças e otimizando deste modo as práticas parentais, o contexto familiar e, conseqüentemente, o desenvolvimento da criança.

A recolha de dados para a investigação requer a realização de uma entrevista à criança (entre os 4 e os 6 anos de idade) e a um dos respetivos encarregados de educação (pai, mãe ou substituto) para preenchimento dos questionários, salvaguardando-se a todos os participantes o direito de confidencialidade dos dados pessoais, de voluntariado e de interrupção da participação em qualquer uma das suas fases. As entrevistas às crianças serão realizadas pela investigadora em contexto escolar, no período entre as 17h00 e as 19h00 (pós-laboral). Os Encarregados de Educação poderão levar os respetivos questionários para preencher em casa, entregando-os posteriormente à educadora ou auxiliar da sala a que a criança pertence.

Para que o seu filho possa colaborar neste estudo é indispensável o preenchimento e entrega da declaração de autorização anexa.

Agradeço a vossa atenção e colaboração para a realização deste estudo e disponibilizo-me para fornecer quaisquer esclarecimentos.

Grata pela atenção e colaboração

-Ana Guerreiro –

✂ _____

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Declaro que após convenientemente esclarecido pelo investigador, e de ter plena consciência daquilo que me foi solicitado, autorizo o meu/ a minha educando/a _____ a participar na presente investigação.

Faro, ____ de _____ de _____

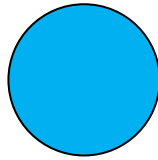
Assinatura do Encarregado de Educação

Anexo 4

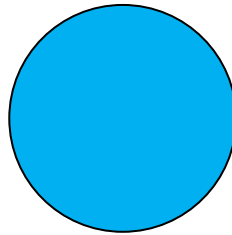
ESCALA DE GRADUAÇÃO DE NÍVEIS POR CÍRCULOS PARA CRIANÇAS



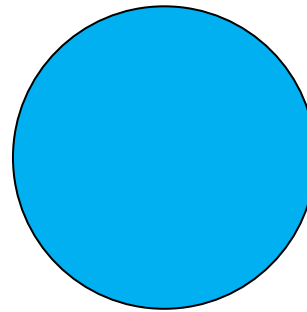
NADA



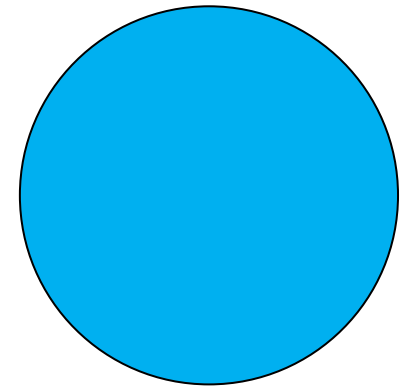
UM POUCO



MAIS OU MENOS



BASTANTE



MUITÍSSIMO